

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC-SP
Programa de Estudos de Pós-Graduação em Ciências da Religião

**O irmão que virou irmão: rupturas e permanências na
conversão de membros do PCC ao pentecostalismo na Vila
Leste - SP**

Vagner Aparecido Marques

São Paulo
2013

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUCSP
Programa de Estudos de Pós-Graduação em Ciências da Religião

O irmão que virou irmão: rupturas e permanências na conversão de
membros do PCC ao pentecostalismo na Vila Leste - SP

Vagner Aparecido Marques

Dissertação de mestrado apresentada ao
Programa de Pós-graduação em Ciências
da Religião pela Pontifícia Universidade
Católica de São Paulo – PUC-SP, como
parte dos requisitos para a obtenção do
Título de Mestre em Ciências da Religião,
sob a orientação do Prof. Dr. Edin Sued
Abumanssur.

SÃO PAULO

2013

Banca Examinadora

Prof. Dr.

Prof. Dr.

Prof. Dr.

À minha esposa e companheira que me deu força e ânimo para a pesquisa.

Agradecimentos

Agradecer é a parte mais importante desta pesquisa, pois somente foi possível sua realização com o auxílio dos companheiros e companheiras que acreditaram na possibilidade da realização desta empreitada.

O meu primeiro agradecimento vai a Deus, que me possibilitou o encontro a sua presença e concomitantemente as igrejas pesquisadas, personagens e territórios.

Aos meus pais, Udilton e Aparecida, que me guiaram nos caminhos dos estudos e depositaram confiança e fé em minha carreira. Amo vocês e sem vocês eu não seria nada do que sou hoje. Infelizmente, o espaço é muito pequeno para dizer o quanto os amo e o quanto aprendi com vocês. Meu amado pai, que como milhares de brasileiros migraram da Bahia em busca de oportunidades em São Paulo, e que mesmo sem ter estudo formal ensinou aos filhos a importância da educação e a necessidade de transformação através do conhecimento. Agradeço o amor, a confiança e o investimento financeiro para arcar com as despesas de revisão e impressões deste trabalho. Esforço-me a cada dia para colocar em prática os ensinamentos que aprendi com meu amado pai.

À minha mãe e companheira, que me mostrou o caminho das letras, investiu e sacrificou o possível para a realização de meus estudos. Agradeço as noites em que passamos tempos em conversas e discussões, e por todos os momentos em que ela me fez acreditar na possibilidade de continuar na luta, horas em que minhas fraquezas encontravam seu confortável colo.

À minha esposa e companheira, Flávia Verdugo, que insistiu para que eu ingressasse no mestrado. Sem ela nada disso seria possível; a pessoa na qual encontro descanso e paz, e que em todos os momentos em que eu me debruçava sobre os estudos, acreditou em minha pesquisa e me incentivou a não desistir. Minha companheira, revisora e observadora atenta às minhas análises de pesquisa. Compartilhou comigo todas as dificuldades e obstáculos, me apoiou em todas as etapas da pesquisa e deu o amparo necessário para a realização deste trabalho, além de me ensinar a seguir em frente, mesmo quando tudo parece dizer não.

Aos meus três irmãos, Jefferson, Anderson e Paulo, que me apoiaram e acreditaram em meu sucesso. Todos são especiais em minha vida, todos me ensinaram e ainda ensinam os caminhos corretos que devo trilhar. Paulo, irmão e companheiro de graduação, que me auxiliou

em momentos difíceis com suas palavras doces e confortáveis. Ao Anderson, o Cuíca, competem as orações e a fé depositada em minha pesquisa, e as conversas sobre o universo pentecostal e ao mundo assembleiano do qual faz ele parte. Ao meu irmão e padrinho, Jefferson, agradeço aos ensinamentos da vida, as conversas e a dedicação e cuidado em minha vida nos momentos mais difíceis que passei, e que somente ele sabe como foram. Amo todos vocês, meus irmãos, e a vocês serei eternamente grato.

Aos meus sogros e também meus pastores, Rocha e Neuza Verdugo, que confiaram em meus estudos e contribuíram com conselhos e memoráveis aconselhamentos. Agradeço à sabedoria do meu sogro e pastor, que sempre me auxiliou em meus momentos de fraqueza e dúvidas, assim como agradeço ao eterno companheirismo de minha amiga, sogra e pastora, Neuza.

Não posso me esquecer de meu amigo e cunhado, Marcos Verdugo, que antes mesmo de minha bolsa da CAPES financiou minha pesquisa e todas as exigências financeiras para o ingresso no Programa de Ciências da Religião da PUC-SP. Como se não bastasse, havia as conversas amigáveis e sempre importantes, e as dicas e sugestões de leitura.

Ao meu orientador e amigo Edin Sued Abumanssur, que antes mesmo de meu ingresso no mestrado orientou meus sonhos e os tornou realidade através desta pesquisa; ao seu companheirismo, às visitas em campo, às conversas e aos saborosos cafés, só tenho a agradecer. A todos os momentos em que o orientador também se tornou amigo e companheiro, à sua confiança em permitir aventuras em campo e orientar-me pelos caminhos adequados para solucionar os problemas que se apresentaram durante a pesquisa. Ao respeito que sempre demonstrou a todos os interlocutores, às suas pontuais e voluntárias pesquisas em campo, à sua exaustiva dedicação em observar todos os detalhes, as palavras não ditas, apontar os caminhos e anteveer os problemas. Sou profundamente grato ao companheirismo deste orientador e sua insaciável vontade de pesquisar.

Parte desta pesquisa foi realizada em conjunto com os membros do GEPP. Assim agradeço a todos do GEPP - Grupo de Estudos Protestantismo e Pentecostalismo da PUC-SP, amigos e amigas que me acolheram no grupo e compartilharam suas pesquisas. Em especial Gedeon Alencar e Marina Correa, pesquisadores das Assembleias de Deus e amigos de todas as horas. Sou profundamente grato aos apontamentos de Gedeon Alencar, às suas observações precisas, suas dicas pontuais, suas correções e orientações. A querida e doce amiga Marina

Correa, que sempre me socorreu nos momentos difíceis. Amiga prestativa e leal, que me atendeu em todos os momentos em que tive dúvidas; às suas leituras, correções e sugestões.

Ao Eduardo Meinberg, também membro do GEPP e colega de pesquisa, sou grato pelas oportunidades de trabalho, críticas e força; pelo companheirismo, carinho e ânimo que ele me deu, mesmo quando o cansaço e a falta de perspectiva insistiram em me obstruir o caminho nos momentos da dissertação.

Sou profundamente grato ao Programa de Ciências da Religião da PUC-SP, a todos os professores e professoras que nestes dois anos de pesquisa me auxiliaram com dicas preciosas e cursos valiosos. Quero destacar aqueles que tiveram maior participação nesta pesquisa: Prof. Dr. Fernando Torres Londoño, historiador e amigo, que contribuiu com suas análises precisas e ricas sugestões de fontes, além de ministrar dois cursos sobre História das Religiões Latino-Americanas, quando minhas perspectivas analíticas puderam ser avaliadas e criticadas. Agradeço ao Prof. Dr. José Ênio da Costa Brito, companheiro, sensível e profundamente inteligente. Professor para todas as horas, em diversos momentos fez apontamentos sobre esta pesquisa, sugeriu leituras e me apresentou intelectuais do universo pentecostal até então conhecidos apenas por leituras. Agradeço também ao Prof. Dr. João Décio Passos, por proporcionar uma das hipóteses desta pesquisa, e ao seu rico e valioso curso de Metodologia Científica. Sou muito grato pelas interpretações do Prof. Dr. Frank Usarski em sua arguição em minha qualificação, as suas sugestões de leitura sobre o fenômeno da conversão e suas ricas interpretações, as dicas sobre como lidar com o objeto da conversão ao pentecostalismo de membros do PCC, as suas orientações amigáveis e precisas. Agradeço ainda ao professor Silas Guerriero, por suas sugestões no campo antropológico, sugestões de leitura, críticas e apontamentos, isso sem falar das boas discussões em sala de aula e nos congressos. Tenho muito a agradecer à professora Maria José Rosado Nunes (Zeca), pelo rico curso de sociologia ministrado e calorosos debates levantados; por sua preciosa inteligência e firme militância no movimento feminista, características que contribuíram para observar atentamente a condição das mulheres no PCC; tal olhar não será diretamente tratado nesta pesquisa, mas certamente irá direcionar as pesquisas posteriores.

Agradeço à Andréia Bisuli de Souza, secretária do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião, sua permanente disposição, seus preciosos atendimentos e confortáveis conversas.

Tenho um profundo agradecimento aos amigos e amigas de pesquisa, alunos e alunas do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião, em especial: Flávio Mello, Gisele Nallini, Ursulina Santana, Leandro Faria Souza, José Altran, Lúcia, Samuel Valério, Flávia Arielo e Sérgio Montalvão, Gyorgy Netto e Andréia Badin.

Ao amigo Douglas Silva, pelas análises, conversas, sugestões, críticas e as horas de paciência. Um amigo leal, companheiro de pesquisa, e que contribuiu significativamente com minhas leituras sociológicas e análises de campo.

Um especial agradecimento aos companheiros do CEBRAP (Centro Brasileiro de Planejamento) que me acolheram no grupo de pesquisa sobre religião e cidade; o coordenador do grupo e precioso pesquisador Ronaldo de Almeida (Unicamp), aos companheiros e companheiras de grupo: Gabriel Santis Feltran (UFSCAR), Isabel Georges (UFSCAR), Ana Paula Galdeano, Mauricio Fiore e Taniele Ruiz.

Estendo os agradecimentos a todos e todas que direta ou indiretamente contribuíram para a realização desta pesquisa. Em especial aos moradores da Favela da Vila Leste, a todos os que foram entrevistados, aos membros das igrejas pesquisadas e aos pastores e pastoras entrevistados. Nos anos de pesquisa de campo construí amizades que se estenderam mesmo após o encerramento parcial da pesquisa. Ao Kadú e toda sua família, pais, irmãos e irmãs, filhos e sobrinhos, aos parceiros do Rap, que em diversos momentos abriram os meus olhos com letras e músicas fundamentais para esta pesquisa.

A todos e todas que não citei por falta de espaço suficiente, sou sinceramente grato. Carrego comigo o aprendizado e os apontamentos feitos por todos vocês. Obrigado!

Resumo

A presente dissertação investiga o processo de conversão de membros e ex-membros do PCC ao pentecostalismo, no extremo Leste de São Paulo. Nossa proposta é realizar um estudo de caso a partir da trajetória de Kadu, “irmão” da igreja e também “irmão” do PCC. A trajetória da conversão de Kadu ao pentecostalismo será observada a partir de um novo paradigma de conversão religiosa. Nesta, a conversão é resultado de um processo lento, gradual e não imediato, e acompanhado de crises conforme mostrará boa parte da literatura sobre sua conversão religiosa. A conversão de Kadu não foi acompanhada pelo binômio rupturas e ascetismo; pelo contrário, verificamos continuidades com a rede anterior, o PCC. Essa sua dupla irmandade é o objeto central desta pesquisa. Kadu também nos abre as portas para analisarmos as redes de engajamento existentes na Vila Leste e seus empreendedores morais. Na Vila Leste, pentecostais e PCC interpenetram-se, e essa realidade será analisada neste estudo.

Palavras chaves: Kadu, Pentecostalismo, Conversão, PCC, Vila Leste, Empreendedores Morais.

Abstract

The present dissertation investigates the conversion process of current and former PCC members to the Pentecostalism, in the Eastern area of São Paulo City. Our approach is to analyze a case study, through the journey of “Kadu”, “brother” in the church and also “brother” in the PCC party. The conversion trajectory of Kadu to the Pentecostalism will be seen through a new religious conversion paradigm. In that approach, the conversion is the result of a slow, gradual and not-immediate process, accompanied by numbers of crisis, as shown by a great deal of the religious conversion writings. Kadu’s conversion was not followed by the rupture/asceticism binomial; on the opposite, we could verify continuities along the former network, the PCC. This dual brotherhood is the main focus point of the research. Kadu also open some doors for the analyses of engaging networks existing in the Vila Leste neighborhood and its moral entrepreneurs. In the region of Vila Leste, Pentecostalism and PCC are entangled, and this reality will be analyzed in this work.

Keywords: Kadu; Pentecostalism; Conversion; PCC; Vila Leste; Moral Entrepreneurs.

“Assim como era impossível transformar tudo que vivi e vivemos em algo em que todos pudessem ver. Mas uma coisa era possível, sim: permitir que o Brasil descobrisse um outro Brasil, que está pelejando e correndo por fora como um azarão, mas que está no páreo e pode ganhar a corrida. Podíamos permitir que o Brasil soubesse que por trás de uma arma tem um coração batendo; que é preciso uma grande intervenção política no país para que não estejamos fadados à escravidão de seres humanos, e que essa intervenção não seja policial, mas em todas as áreas. Não é possível continuar matando esses jovens como se eles fossem os nossos algozes. Não é possível ficar martelando esses jovens e os enjaulando como animais em celas frias. Não é possível a sociedade se escandalizar com as rebeliões dos menores e não ficarmos escandalizados com o fato de serem zero as chances de suas famílias serem parte de uma sociedade civilizada. Pois, se achamos que o mundo caminha como deveria e que só os outros é que estão errados, então seria melhor abrir a boca, escancará-la e esperar a morte chegar – se é que tenho o direito à licença poética”.

Celso Atayde.

Sumário

Introdução.....	15
MICRO-HISTÓRIA DO PENTECOSTALISMO.....	18
Capítulo I	27
Capítulo II	28
Capítulo III.....	28
CAPÍTULO – I	30
A FAVELA VILA LESTE E AS REDES DE ENGAJAMENTO: OS PERSONAGENS, AS IGREJAS E O PCC.	30
1. Breve História da Vila Leste	30
1.2 As casas.....	34
1.3 O pesquisador na Vila Leste: Obstáculos enfrentados	37
A articulação:	37
1.4 O pentecostalismo e a Vila Leste	41
Os caminhos para o crime	43
O surgimento do PCC	44
Kadu e o PCC.....	47
O partido a caminho da Vila Leste:	50
A dinâmica da vida e a dinâmica do crime	50
O ingresso ao PCC na Vila Leste	55
O que afinal é o proceder?	56
O processo de mudança:	56
Na visão do Kadu:.....	57
A saída do PCC	58
2.4.1. Saídas voluntárias.....	58
2.4.2. Saídas involuntárias.....	60
CAPÍTULO – II.....	62

1. O irmão que virou irmão: A conversão de Kadu ao Pentecostalismo	62
Quando o “irmão” vira “irmão”	63
Kadu antes da conversão religiosa:.....	65
A conversão de Kadu: o segundo batismo	67
A dupla irmandade de Kadu: O irmão do “Partido” também é diácono.....	70
A visão da igreja	72
1. Quando o irmão da igreja se mistura com o irmão do partido: a dupla irmandade de Kadu	75
CAPÍTULO – III.....	78
A dupla irmandade de Kadu: implicações teóricas	78
1. Teorias de Conversão	79
1.1. A conversão paulina.	80
2. Novos modelos de conversão.	83
2.1. Os estágios da conversão de Kadu.	85
3. A manutenção da dupla irmandade de Kadu: os empreendedores morais e a construção de sentido das redes de sentido simbólico.	97
3. 1. Os empreendedores morais.....	98
3.2. As redes de engajamento	102
Considerações finais.	105
Referências bibliográficas	108
Referências musicais	112
Anexo I – Personagens da pesquisa de campo	114
Anexo II – Salve do PCC sobre inadimplência	115
Anexo III – Estatuto do PCC	116
Anexo IV – Música Fala que é nós – Trilha Sonora do Gueto	119
Anexo IV	124
Rappers ex-detentos defendem PCC como grupo de resistência	124

Introdução

Na tentativa de elaborar um projeto de mestrado capaz de responder aos questionamentos que me foram apresentados a partir do contato com uma igreja pentecostal, busquei selecionar um objeto que não tivesse sido até então explorado em sua fertilidade pelas produções historiográficas e sociológicas. No entanto, antes de abrir as cortinas do palco no qual se insere este trabalho, devo traçar algumas palavras sobre a trajetória que percorri para elaborá-lo.

Ingressei nesta universidade em 2004, com o intuito de me graduar em história. Dei o meu primeiro passo para o aprofundamento dos estudos de uma área específica do pentecostalismo, no primeiro semestre de 2007. Foi quando passei a participar de um grupo de estudos sobre o protestantismo e pentecostalismo (GEPP), coordenado pelo professor Edin Sued Abumanssur. As leituras e discussões do grupo de estudos, além de contribuírem para o aprofundamento de diferentes questões que perpassam este fenômeno religioso, abriram a possibilidade para o desenvolvimento de um projeto de pesquisa.

Esta pesquisa começou a tomar forma no meu quarto ano da graduação, em 2007, quando iniciei os estudos sobre o pentecostalismo a partir de uma experiência pessoal em uma Igreja Pentecostal em São Paulo. Nesta igreja, pude constatar dois fenômenos: um grande número de indivíduos que transitavam entre duas redes de engajamento aparentemente antagônicas (igreja e crime), e os processos de conversão ao

pentecostalismo de indivíduos que tinham e tiveram alguma participação com o PCC¹. A partir desse momento, busquei compreender as estruturas do pentecostalismo, suas características fundantes e as razões que justificam a adesão de membros e ex-membros do PCC a ela.

Compreendemos por redes de engajamento, ordenamentos sociais [MACHADO DA SILVA (1993)], autônomos e legitimados pelos atores da Vila Leste. Deste modo, Igrejas pentecostais e PCC constituem-se como sendo redes que engajam e oferecem sentido de ser e viver, na Vila Leste, para diversos atores. Essas redes, aparentemente antagônicas, legitimam-se e são legitimadas; interpenetram-se e coabitam o mesmo espaço da vida social: a Vila Leste. Kadu é o tipo clássico de sujeito que transita nas duas redes de engajamento.

Eu me interrogava acerca das razões que motivaram indivíduos que tiveram (ou tinham, no momento da pesquisa de campo) participação ativa no mundo do crime, membros e ex-membros do PCC, a frequentar esta denominação evangélica. O que tal denominação oferece de tão inusitado a ponto de atrair especificamente pessoas ligadas à criminalidade, em especial ao PCC?

O que significa a conversão desses sujeitos? Ruptura ou continuidade? Há teorias na sociologia e na psicologia da religião para se avaliar essas conversões? Essas questões são os eixos norteadores desta pesquisa de mestrado. Não procuraremos aqui oferecer respostas prontas e acabadas, mas diagnosticar problemas e ampliar os espaços para o debate.

O contato com a produção científica já produzida foi fundamental para o rastreamento das questões no campo das pesquisas. Desse modo, pude perceber que há uma vasta produção no campo das ciências da religião e ciências sociais sobre as origens do pentecostalismo, o pentecostalismo brasileiro, o surgimento e crescimento das igrejas pentecostais, membros de igrejas e diversos grupos religiosos; porém, os trabalhos deixaram de levantar questões que problematizassem a relação do pentecostalismo com o seu universo social, sobretudo a relação com o momento da conversão, suas

¹ Primeiro Comando da Capital; ao longo desta dissertação, utilizaremos a sigla PCC ou o termo nativo “irmão” para identificar membros pertencentes ao Primeiro Comando da Capital.

consequências e as relações de aproximações com o crime e a violência urbana². É comum identificarmos estudos que foquem às origens do movimento pentecostal (ALENCAR, 2012; CAMPOS, 1999; CORREA, 2012; FRESTON 1994; Mariano, 1999 e MENDONÇA, 1989), suas estruturas e seus personagens, deixando porém de notar as demais especificidades que compõem a conversão e a relação do pentecostalismo com o crime - PCC e a pluralidade de expressões imanentes ao ato de crer e viver como um pentecostal.

Tomado por essas questões, passei a me preocupar com a construção de um caminho que não repetisse os caminhos já trilhados e não redundasse nos pontos já elucidados pela produção existente. A partir disso, decidi sair ao encontro das fontes e dos sujeitos que experimentam a relação cotidiana com o pentecostalismo e com o PCC, pois ambos fazem parte do mesmo cenário social.

Dessa maneira, encontrei o objeto material desta pesquisa, que se concentra na busca da compreensão das dinâmicas do pentecostalismo na favela da Vila Leste³, localizada no extremo leste da cidade de São Paulo, e as suas relações com o PCC.

Assim, busquei compreender o território da Vila Leste enquanto um ambiente propulsor de relações sociais e de espaços de sociabilidade. As igrejas pentecostais, assim como o PCC, fazem parte daquele cenário social, juntamente com os bares e outras redes de engajamento ativas e influenciadas direta e indiretamente por empreendedores morais (BECKER, 2008).

A adesão a um desses espaços de sociabilidade não significa a ruptura com os outros; portanto, percebemos, no interior das relações travadas na Vila Leste, aproximações e uma “coexistência pacífica” entre os diversos atores e redes de engajamento existentes.

A transição entre as diversas redes de engajamento, principalmente entre o PCC e as igrejas pentecostais, é uma característica da Vila Leste. Ser irmão da igreja ou irmão

² Segundo Machado da Silva (2004), a violência urbana deve ser encarada enquanto *má representação coletiva, categoria de senso comum constitutiva de uma “forma de vida”*. Nesse sentido, ela não pode ser corrigida nem falsificada – mas pode ser objeto de crítica racional.

³ Por razões de segurança e respeito com os entrevistados, o nome dos entrevistados, assim como o local onde realizei a pesquisa de campo (e da denominação pentecostal que serviu de base para a pesquisa) foram alterados.

do “Partido”, na Vila Leste, demanda primeiramente saber transitar entre as diversas redes.

A historiografia sobre o pentecostalismo concebeu até o momento somente espaços para rupturas no ato da conversão; portanto, relações de continuidades entre a conversão e manutenção da irmandade com o PCC ainda não foram observadas pela sociologia da religião. Neste caso, a resignificação no paradigma do conceito de conversão religiosa sustenta o objeto formal deste projeto.

MICRO-HISTÓRIA DO PENTECOSTALISMO

O surgimento do pentecostalismo no Brasil sempre foi associado aos missionários suecos e fundadores da Assembleia de Deus (Daniel Berg e Gunnar Vingren), e ao italiano Louis Francescon, fundador da Igreja Congregação Cristã no Brasil. Inicialmente, essas duas igrejas pentecostais foram responsáveis pelo monopólio do pentecostalismo brasileiro. Em poucas décadas, esse movimento originário de rupturas foi responsável pelo reordenamento do campo religioso brasileiro. A hegemonia católica aos poucos foi perdendo sua força à medida que os pentecostais se ramificavam para diversos pontos do país.

Esse pentecostalismo missionário foi explorado por décadas pelos estudiosos do fenômeno pentecostal e por sociólogos da religião. Há pouco mais de um século instalado no Brasil, os missionários europeus não imaginavam que em tão pouco tempo o movimento fosse ganhar proporções nacionais.

As Assembleias de Deus, instaladas inicialmente na região do Belém/ PA, se configuram como a maior denominação pentecostal do país, com pouco mais de 12 milhões de membros segundo o Censo de 2010 e 6% da população da população nacional. Para Gedeon Alencar, estudioso das Assembleias de Deus, esta denominação configura-se como um fiel retrato do Brasil, e compreendê-la possibilita a própria compreensão do pentecostalismo brasileiro.

A Assembleia de Deus no Brasil é brasileira? Brasileiríssima. Ela pode não ser “a cara” do Brasil, mas é um retrato fiel. E um dos principais. É uma das sínteses mais próximas da realidade brasileira (...). Segundo o Censo 2010, são 12.314.410 de assembleianos esparramados por este brasilsão. Está presente na elite, com ministro de Estado e professores universitários, mas composta em sua maioria de pobres. Visível em todos os principais centros urbanos e em quase todos os municípios brasileiros, tem igrejas no Oiapoque e no Chuí – para não desmentir o

chavão brasileiro dos municípios extremos. Representam, segundo o Censo 2010, 35,6% dos 34.588.671 milhões de pentecostais, 29,1% dos 42.275.440 de evangélicos brasileiros e 6,4% dos 190.755.799 de brasileiros. Sendo há algumas décadas a maior igreja evangélica, vivenciando, talvez, a mesma síndrome brasileira: um gigante adormecido? (ALENCAR, 2012, p.15-16).

Em pouco mais de um século no Brasil, a Assembleia de Deus reconfigurou o campo religioso nacional. Tal reconfiguração esta imersa em diversos contextos explorados por ALENCAR (2012). Um dos principais elementos de crescimento desta denominação foi a transição de um país de matriz rural para um país urbano. A acelerada urbanização que tem início nos 1930 e vai até 1970, foi um dos principais motivos que contribuíram para a expansão assembleiana e pentecostal.

	1910	1930	1950	1970	1991	2000	2010
População brasileira	17.438.434	37.675.436	51.944.397	93.139.037	146.814.061	169.870.803	190.732.694
População urbana	13,6%	25%	36,4%	55,9%	79%	81,2%	84,3%
População Rural	86,8%	75%	63,4%	44,1%	25%	18,8%	15,7%
Católicos	17.229.172 98,8%		48.558.854 93,5%		122.365.302 83,3%	125.517.222 73,7%	123.280.172 64,6%
Evangélicos	177.727 1,1%		1.741.430 3,35%	4.833.106 4,5%	13.157.094 8,98%	26.184.941 15,4%	42.275.440 25%
Pentecostais	40	-	-	-	8.768.929 6,0%	17.975.106 10,6%	25.370.484 19%
ADs	20	13.511	120.000	753.129	2.439.770 1,66%	8.418.140 4,95%	12.314.410 6,4%
Sem Religião	-	-	-		6.946.077	12.492.189	15.335.520

					4,7%	7,4%	7,5%
--	--	--	--	--	------	------	------

Fonte: IBGE, 2012.

As últimas décadas apresentaram um visível crescimento dos evangélicos, segmento religioso que apresenta a cada censo realizado pelo IBGE um significativo impacto numérico na realidade religiosa brasileira. Os últimos quarenta anos foram determinantes para o crescimento evangélico: de 5,2% no quadro da população religiosa do país, em 1970, passaram a 22%, segundo o censo de 2010. Tal crescimento vem forçando os estudiosos da religião a buscar respostas para tais alterações do campo religioso.

Essas mudanças também podem ser sentidas na Vila Leste, onde há um absoluto predomínio de igrejas evangélicas, que absorvem com relativa facilidade os moradores locais, assim como fizeram com a família do Kadu, que hoje é uma das milhares que compõem uma nova dinâmica do quadro religioso nacional.

População brasileira por grupos religiosos (em milhares e percentuais): 1970-2010⁴

RELIGIÃO	1970		1980		1991		2000		2010	
	QTDE	%	QTDE	%	QTDE	%	QTDE	%	QTDE	%
Católicos	85.472	91,8	105.861	89	121.813	83	125.517	73,9	123.280	64,6
Evangélicos	4.815	5,2	7.886	6,6	13.189	9	26.452	15,4	42.275	22,2
Outros	2.146	2,3	3.311	2,8	4.868	3,3	5.409	3,4	9.865	5,2
Sem Religião	702	0,8	1.953	1,6	6.946	4,7	12.492	7,4	15.336	8,0
TOTAL	93.135	100	119.011	100	146.816	100	169.871	100	190.756	100

⁴ Fonte: Censos Demográficos de 1970 a 2010 do IBGE. Acessado dia 11/01/2013. Obs.: O grupo “outros” inclui os sem declaração

A tabela acima fornece condições de análise do avanço evangélico. A categoria “evangélica” é utilizada para determinar os diversos grupos cristãos não católicos oriundos da Reforma Protestante do século XVI, mas o uso desta categoria não esgota a multiplicidade de grupos religiosos existentes e suas diferenças.

O termo pentecostal pode auxiliar a compreender a dinâmica religiosa verificada na Vila Leste, embora tal categoria também apresente seus limites e controvérsias.

O pentecostalismo brasileiro nunca foi homogêneo. Desde o início, conteve diferenças internas. A Congregação Cristã e Assembleia de Deus, as duas primeiras igrejas pentecostais fundadas no Brasil, a primeira em 1910 e a segunda em 1911, sempre apresentaram claras distinções eclesiais e doutrinárias que, com o passar do tempo, geraram formas e estratégias evangelísticas e de inserção social bem distintas. Na década de 1950, com a chegada dos missionários da Cruzada Nacional de Evangelização, vinculados à Igreja do Evangelho Quadrangular, teve início a fragmentação denominacional do pentecostalismo, diversificação institucional que repercutiu igualmente em suas ênfases doutrinárias e inovações proselitistas (...) Mas com surpreendentes transformações ocorridas nesta religião nas últimas décadas, que ampliaram sua diversidade teológica, eclesiológica, institucional, social, estética, política, o trabalho de classificação tornou-se mais difícil, mais intrincado e mais sujeito a controvérsias. (MARIANO, 1999, p.23).

As transformações que vem ocorrendo no interior do pentecostalismo podem ser sentidas em diversas perspectivas, buscamos nesta pesquisa identificar os elementos transformadores da conversão e suas resignificações. A pesquisa de campo realizada na Vila Leste constatou a emergência de uma revisão do quadro analítico sobre o pentecostalismo e suas diversas possibilidades de existência. O pentecostalismo das primeiras décadas do século XX alterou suas formas de manifestação e de adesão. Converter-se não exige os mesmos “sacrifícios” de décadas anteriores, do mesmo modo que ser irmão da igreja não define os comportamentos e condutas dos membros como definia há algumas décadas.

Busca-se no objeto formal um mergulho nos significados dos atos da conversão/adesão de membros do PCC ao pentecostalismo, e a permeabilidade recíproca entre a igreja estudada e o PCC.

Diferentemente das categorias tradicionais de conversão ao pentecostalismo, associadas a rupturas e à negação do mundo, as relações estabelecidas na favela da Vila

Leste, na Zona Leste de São Paulo, são prova de que vivenciamos um momento de transformações no universo da conversão e no interior do movimento pentecostal.

A conversão ao pentecostalismo vem sendo pensada como um sinônimo de mudança radical de comportamento e negação com os valores outrora vivenciados. As igrejas pentecostais exerciam significativo controle social sobre as condutas dos novos convertidos, determinando comportamentos, vestuário, gestos, falas, lazer, etc., mas este cenário vem sendo transformado à medida que verificamos aberturas nos usos e costumes de santidade, uso de mídia eletrônicas, mudanças no apoliticismo pentecostal e abertura marcante na postura sectária e ascética que durante décadas foram marcas determinantes do *ethos* pentecostal.

O território da Vila Leste é um ambiente de disputas e lutas diárias pela sobrevivência. Manter-se vivo ali significa saber lidar com os diversos grupos que fazem parte do mesmo cenário social. É justamente aqui que o pentecostalismo cruza com o PCC, mas não em embates e confrontos, mas em uma coexistência pacífica e duradoura.

Os convertidos das igrejas pentecostais vivem em um ambiente onde outras redes também atuam, e todas compartilham do mesmo espaço. Diferentemente das tradições clássicas que associam a conversão a rupturas ou ao asceticismo intramundano, os “crentes” da Vila Leste precisam lidar com disputas diárias pelo espaço social. Ao término dos cultos e das demais atividades religiosas, os membros das igrejas pentecostais da Vila Leste cruzam por todos os espaços sociais existentes e certamente têm amigos e familiares que convivem nas demais redes. Os bares, a “boca”⁵, o “crime”, as ruas, são todos aspectos da sociabilidade existente na Vila Leste; portanto, ser crente na Vila Leste significa fazer o trânsito entre esses, muitas vezes antagônicos, espaços sociais existentes.

A adesão ao pentecostalismo de indivíduos que “fizeram” (ou fazem) parte do PCC não significa uma ruptura com os valores, linguagem e relações com aqueles que decidiram ficar no partido; os indivíduos que fizeram a adesão ao pentecostalismo frequentam as igrejas e suas atividades, entregam os seus filhos às atividades das igrejas pentecostais, mas transitam nas duas redes de engajamento, pois essa é a dinâmica social da Vila Leste.

⁵ Pontos de venda de drogas.

Conviver na Vila Leste é um desafio diário, onde a primeira regra é saber transitar entre os espaços sociais existentes. A negação de uma rede social em detrimento de outra é menos frequente, e é justamente o trânsito entre elas que materializa o objeto formal deste projeto de pesquisa.

O objeto desta pesquisa implicou em alguns problemas norteadores. Como se estabelecem as relações entre as igrejas pentecostais e o PCC? Qual a relação entre o tipo de pentecostalismo existente na Vila Leste e a adesão de membros do PCC a ele? Essas relações de aproximações, contatos e “trocas” ocorrem como consequência da autonomia denominacional típica das igrejas da Vila Leste?

De que modo a adesão ao pentecostalismo na Vila Leste permite o trânsito entre a rede evangélica e a rede do PCC?

Constatamos que na Vila Leste existem diversas⁶ igrejas pentecostais autônomas que não possuem vínculos com grandes convenções evangélicas pentecostais (CGADB⁷, CONFRADESP⁸, CIELB⁹, CONGEP¹⁰), e essa autonomia implica em mecanismos próprios do “ser pentecostal”.

Os pastores dessas igrejas aprenderam desde cedo que o melhor modo de manter as suas igrejas em um ambiente como a Vila Leste é através de contatos, concessões e negociações e não com embates e rupturas. O modo único como esses pastores dirigem suas congregações deixa espaços para novos modelos de “conversão”, não mais associados àquele tradicional modelo que impunha a ruptura com a antiga rede social do novo convertido, mas sim com encontros, assimilações, negociações e permanências. Por essa razão, afirmamos que “ser crente” na Vila Leste exige o domínio das redes de sociabilidade existentes.

As igrejas pentecostais existentes na região não possuem uma tradição no interior do pentecostalismo; quase não há livros de registros e de condutas e o controle social dos pastores sobre os seus membros é significativamente baixo se comparado a outras denominações tradicionais.

⁶ Estamos realizando um levantamento das igrejas evangélicas instaladas na Vila Leste e a associação destas com convenções. Esse tema será levantado no segundo capítulo.

⁷ Convenção Geral das Assembleias de Deus.

⁸ Convenção Fraternal Interestadual das Assembleias de Deus Ministério do Belém no Estado de São Paulo.

⁹ Convenção das Igrejas Evangélicas Livres no Brasil.

¹⁰ Convenção Geral das Igrejas Evangélicas e Pentecostais no Brasil.

A hipótese é que na Vila Leste os pentecostais e PCC constituem-se como redes de engajamento distintas, porém não estanques. Há indivíduos que transitam entre ambas de forma não conflituosa. A permeabilidade das redes de engajamento é a condição de vida na periferia, a coabitação nesse mesmo território obriga as pessoas a essas trocas e interações sociais.

As relações entre os “irmãos” pentecostais e os “irmãos” do PCC são construídas a partir das dinâmicas de autonomia das igrejas pentecostais da Vila Leste; diferentemente das igrejas institucionalizadas e ligadas às diversas convenções, as igrejas pentecostais da localidade permitem significativa liberdade nas relações cotidianas de seus membros. Por não estarem ligadas às convenções, e serem recém-fundadas, tais igrejas possuem uma relativa fragilidade institucional, o que exige delas maior capacidade de negociação com outras redes estabelecidas.

As redes evangélicas não possuem, neste caso, força social e dinâmica interna suficiente para substituírem integralmente as demais redes de sociabilidade. Daí que a ideia de conversão não implica necessariamente em rupturas, permitindo que os membros dessas igrejas mantenham relativamente intactas as relações com as redes das quais participavam anteriormente. A presença de membros do PCC nessas igrejas é consequência desse panorama pentecostal na periferia¹¹.

A metodologia desta pesquisa centrar-se-á em análises empíricas a partir de estudo de campo que realizamos na favela da Vila Leste. A inserção no território, o contato com os seus moradores e o conhecimento sobre o espaço e os diversos grupos que constituem o cenário local é o continente desta.

Um etnógrafo não é nunca somente um pesquisador - ele necessariamente implica integralmente sua vida em seu trabalho de campo. (WHYTE, 2005)

As observações de campo estão centradas na conversão de “irmão” do PCC a uma igreja evangélica pentecostal. Buscamos compreender os significados desta conversão, já que esse ato não implicou em ruptura, muito menos a uma postura ascética frente às

¹¹ O uso do termo periferia é carregado de demasiadas tipologias de negação (miséria, violência, ausência). Mesmo sabendo do risco, utilizo o conceito Periferia graças à inexistência de outro que seja capaz de explicar o fenômeno, holisticamente, como explorado no objeto.

antigas redes de engajamento que esse indivíduo pertencia. A conversão permitiu a continuidade de relacionamentos com a sua antiga rede social (PCC).

Também analiso os discursos de uma igreja pentecostal, as falas reproduzidas pelo pastor e as suas relações com os membros e ex-membros do PCC. Esse cenário será abordado no capítulo II.

Buscar uma malha teórica capaz de sustentar o objeto desta pesquisa não foi uma tarefa fácil, pois além do limite teórico, me deparei com uma grande lacuna em estudos sobre a relação entre religião e violência. Os estudos sobre as diversas manifestações de violência são contemplados por uma infinidade de estudos, mas um enfoque voltado para religião e violência ainda nos pareceu pouco estudado.

Em um primeiro momento buscamos encontrar categorias analíticas sobre a conversão religiosa, neste caso, identificamos dois paradigmas; o primeiro denominado de paulino, ancorado na experiência do Apostólo Paulo e descrita no livro de Atos dos Apostólos. Esta primeiro paradigma pressupõe a conversão de um ponto de vista imediatista e emocional. Não buscamos a discussão sobre a veracidade ou não do texto bíblico, mas sim, identificar que a experiência de conversão de Paulo foi hegemonicamente adotada nas análises sobre o processo de conversão ao pentecostalismo.

O segundo paradigma de conversão religiosa é apresentado por estudos mais recentes. CAROZZI, (1984), SNOW e MACHALEK (1994) e RAMBO & FARHADIAN (1999) compreendem a conversão a partir de um pressuposto processual e não imediatista. Neste caso, as análises de RAMBO & FARHADIAN (1999) permitem compreender o processo da conversão de Kadu ao pentecostalismo e a manutenção de uma dupla irmandade. Kadu, irmão do “partido”, também é irmão da igreja e sua dupla irmandade pode ser compreendida a partir de estágios de sua conversão. Para RAMBO & FARHADIAN (1999), a conversão religiosa ocorre a partir de estágios, onde o converso é um indivíduo dinâmico e sua conversão processual. A partir deste pressuposto, ultrapassamos o modelo paulino e não identificamos mais um sujeito passivo e movido exclusivamente por questões emocionais, mas permitimos a compreensão de diversos movimentos que incidem sobre o interior do processo da conversão de Kadu ao pentecostalismo.

Identificamos que no território da Vila Leste existem diversos empreendedores morais BECKER (2008), estes são reformadores morais que buscam constituir novas regras, uma vez que as existentes não os satisfazem. Deste modo, o PCC e as igrejas são reformadores morais e suas regras redefinem o ambiente onde atuam. Iremos partir dos pressupostos de BECKER (2008) para compreender o empreendedorismo moral do PCC e dos pentecostais da Vila Leste.

Sobre o PCC, sua estrutura, funcionamento, dinâmica e categorias de análise, recorremos a Karina Biondi (2010) que nos oferece análises sobre as estruturas do PCC; entre elas, destaca-se o ingresso no “Partido”, o batismo e as relações de autoajuda. O mergulho de Biondi nos auxiliou no entendimento do universo do PCC e do sistema prisional paulista; a limitação de seu estudo está em não ter explorado a organização do PCC fora dos presídios.

Com essas categorias, torna-se possível inaugurar as observações sobre mundo e a dinâmica do PCC, suas linguagens, códigos, normas de conduta e a sua instalação na Vila Leste.

Christina Vital da Cunha (2008) analisa as transformações do campo religioso das favelas cariocas a partir da entrada massiva de grupos neopentecostais. A autora preocupa-se com questões que são elementos constitutivos deste objeto.

As preocupações de Cunha são pertinentes se considerarmos as problemáticas deste objeto. Segundo a autora:

Como se dá a aproximação dos evangélicos, detentores de uma reserva moral que os faz desfrutar de um destaque positivo entre os moradores de favelas e periferias urbanas (Birman, Leite, 2002) com os traficantes de drogas? Quais os limites desta aproximação? Como a referida “neopentecostalização” do meio evangélico nos ajuda a compreender os cenários que se apresentam na urbe contemporânea? (Cunha, 2008)

Atento às considerações de Cunha nos dedicamos a analisar o cotidiano da Vila Leste, as aproximações dos pentecostais com os membros do PCC, e dos membros do PCC com o universo pentecostal. Assim, as aproximações entre esses indivíduos e as relações que são estabelecidas a partir das aproximações, é um dos enfoques principais deste objeto de pesquisa.

Feltran (2011), a partir de Sapopemba, zona leste de São Paulo, analisa as Fronteira de Tensão entre a política e violência nas periferias da cidade; a violência que

se intensifica nas periferias nas últimas décadas deve ser analisada a partir de processo de democratização inacabada (ZALUAR, 2007).

Segundo Feltran:

Argumento aqui que o mundo do crime em Sapopemba não pode ser compreendido, exceto se captado analiticamente em sintonia a essas transformações, e partir das relações que trava com as dinâmicas sociais consideradas legais e legítimas. (FELTRAN, 2011, p.4)

As categorias utilizadas por Feltran (política, fronteiras, tensões, margem e periferias) dão suporte teórico a este objeto de pesquisa; a sensibilidade do olhar sobre Sapopemba pode ser aplicado ao território da Vila Leste.

Este livro se filia a essas tentativas, e dessa filiação surge a questão central: etnografar as mediações, ou mais precisamente, as fronteiras – densamente políticas – que se conformam, hoje, entre as periferias da cidade de São Paulo e o mundo público. (Feltran, 2011, p. 14)

Este objeto de pesquisa exige uma estrutura de leitura das relações sociais travadas no território da Vila Leste, de forma que, as relações que são estabelecidas em seu interior são seus elementos determinantes.

Estabelecemos três capítulos para sustentar a pesquisa, sendo:

Capítulo I – A Vila Leste e seus atores.

Este primeiro capítulo propõe uma descrição da Vila Leste e de suas redes de engajamento: igrejas pentecostais, seus personagens e o PCC. Ao descrever o território da Vila Leste, buscamos apresentar o ambiente da pesquisa de campo, os espaços, os conflitos, os sujeitos; em suma, apresentar os indivíduos e os espaços que dão vida ao ambiente pesquisado, os seus interlocutores e seus agentes.

Ao descrever o território, serão apresentadas as redes de engajamento, dando enfoque às igrejas e ao PCC. Neste caso, o PCC ganha destaque, pois as igrejas constituem tema central do segundo capítulo.

As ações do PCC no interior da Vila Leste constituem-se em outro aspecto de análise deste capítulo. O objetivo é apresentar o PCC neste território, suas leis, normas e ações.

Capítulo II – O irmão que virou irmão: rupturas e permanências na conversão ao pentecostalismo na Vila Leste. A conversão de Kadu.

Este capítulo será dedicado às ações das igrejas pentecostais na Vila Leste. A conversão de ex-membros e membros do PCC a estas igrejas tem um significado ímpar na revisão bibliográfica do pentecostalismo. Diferentemente das interpretações que associam a conversão ao pentecostalismo enquanto ruptura, na Vila Leste, as conversões seguem outros caminhos.

Neste capítulo iremos acompanhar a trajetória da conversão de um irmão do PCC ao pentecostalismo. A segunda conversão de Kadu não foi responsável por uma ruptura com sua rede anterior – PCC, ao contrário, Kadu, irmão do “Partido”, agora torna-se também irmão da igreja, e é justamente nesta dupla irmandade que iremos focar nossas análises, no momento em que o irmão torna-se irmão.

As observações de campo constatarem continuidades no ato da conversão ao pentecostalismo e não ruptura. Iremos investigar os casos de “irmãos” (membros do PCC) que viraram “irmãos” (membros de igrejas pentecostais), o processo de conversão de membros e ex-membros ao pentecostalismo e os significados atribuídos por seus atores a suas respectivas conversões. Quais razões explicam as continuidades e as relações de continuidade entre membros do PCC e pentecostais? O que significa de fato ser crente na Vila Leste? Essas questões são os elementos constitutivos deste capítulo.

Também será analisado o tipo de pentecostalismo verificado na Vila Leste, a fragilidade institucional das igrejas e as consequentes relações com o crime (PCC).

Capítulo III – A dupla irmandade de Kadu: implicações teóricas

Este último capítulo reserva uma discussão teórica sobre os novos paradigmas de conversão e a ineficácia de análise associada com um modelo de conversão tradicional. Neste caso, iremos apresentar os modelos de conversão paulino e as novas perspectivas de análises de conversão religiosa. A conversão de Kadu e a manutenção de sua dupla irmandade serão analisadas a partir de CAROZZI, (1984), SNOW e MACHALEK (1994) e RAMBO & FARHADIAN (1999). Também iremos analisar os empreendedores morais

da Vila Leste a partir de BECKER (2008), e como as redes de engajamento dão sentido [BERGER (1985)] aos atores de seu espaço social e como são legitimadas nas periferias de São Paulo.

Não é o propósito deste ultimo capítulo concluir a análise do fenômeno que ocorre na Vila Leste, mas sim finalizar o recorte a que se propõe este projeto.

CAPÍTULO – I

A FAVELA VILA LESTE¹² E AS REDES DE ENGAJAMENTO: OS PERSONAGENS, AS IGREJAS E O PCC.

1. Breve História da Vila Leste

Antes de morar na Vila Leste eu vim da Mooca, depois que encerrou o serviço do meu marido tivemos que mudar. Antes ele tinha uma casinha que era de doação do patrão que deixou a gente morar lá, de lá viemos para o Itaim Paulista, do Itaim viemos para a Vila Leste, só que teve um processo, a gente teve vários problemas, o José ficou desempregado e a gente pagava aluguel, a proprietária da casa vinha buscar o dinheiro e a gente não tinha. Eu tinha uma vizinha, uma senhora que falou assim pra mim: ‘Dona Margarida vamos fazer um barraco na Vila leste’, eu respondi: ‘Onde é isso?’ Ela me falou é uma área invadida, então eu disse: ‘vamos’, descemos até para ver o lugar. Só que lá era assim: tinha as pessoas que moravam nas casas particulares lá em cima e nós íamos morar lá embaixo, no terreno invadido, eles plantavam, faziam plantio na área debaixo. Então eles cederam o terreno pra gente, entendeu? Foi onde eu consegui fazer o meu barraquinho, isso foi lá para 1970, alguma coisa assim. Na época eu tinha a Maria, o Kadu e a Camila, a Maria tinha uns três anos na época. No começo era bom, era tranquilo, era tudo mato ali, e depois com o passar do tempo foi chegando pessoas, até então era eu, minha comadre que já morreu e um espanhol que foi embora para a Espanha e cedeu o seu barraquinho para alguém. (Dona Margarida, entrevista realizada em abril de 2012).

¹²Por razões de segurança e respeito com os entrevistados, o nome dos entrevistados e do local onde realizei a pesquisa de campo foram alterados.

A favela da Vila Leste localiza-se no Itaim Paulista, extremo leste da cidade de São Paulo. Segundo dados oferecidos pela Coordenação das Subprefeituras do Município de São Paulo, o bairro do Itaim Paulista é composto por uma área de 12,22Km² ¹³, com uma população estimada em 225mil habitantes, sua densidade demográfica é equivalente a 19,5hab./Km² ¹⁴. Afastado do grande centro e negligenciado pelos poderes públicos, o bairro do Itaim Paulista, apresenta elevadas taxas de violência e de diversas manifestações de descaso do poder público.

Essas informações nos revelam um bairro com uma população significativamente elevada e que se espreme em uma pequena área de terra. Os moradores da favela da Vila Leste se apertam entre as vilas e os bairros que compõem o Itaim Paulista. Segundo os dados da Prefeitura, a região surgiu com o desmembramento de uma fazenda e o loteamento de suas terras no ano de 1967. No entanto, há conflitos nessas informações se comparadas às que nos foram passadas pelos próprios moradores. Segundo eles, a favela sempre foi esquecida pelas autoridades públicas e o único representante do Estado que se apresenta ali é a força e a repressão policial. Desde o início de sua ocupação até os dias atuais, os moradores da região sofrem com a indiferença do Estado.

“Eles quase nunca vêm aqui e quando aparecem é unicamente para pedir votos. O Governo deixou isso sem nenhuma preocupação com os moradores. É uma falta de respeito, sempre falta água e o caminhão do lixo não desce, é desumano” (Dona Margarida, entrevista realizada em abril de 2012).

A favela é composta majoritariamente por migrantes nordestinos que buscaram em São Paulo melhores condições de vida, com baixa ou nenhuma escolaridade, homens e mulheres largaram mão dos estudos em troca do trabalho para a manutenção da família. Seus filhos, em muitos casos, deixaram a escola inicialmente por necessidades de complemento na renda familiar e por não se sentirem motivados em ali permanecer, em especial pela falta de qualidade da educação. Assim, largaram a escola e acabaram encontrando nas redes de engajamento disponíveis um sentimento de pertencimento.

Aqui eu sou respeitado, todo mundo me conhece e sabe o que eu faço; na escola, nada que eu fazia que era certo, sempre estava errado e culpado por tudo, assim sai da escola e hoje to aqui no partido, me

¹³ Informações obtidas do site da Prefeitura de São Paulo, acessado em 15/08/2011.

¹⁴ IDEM.

arrependo porque deveria aprender mais, ler essas coisas, mas não ia dar, não ia me adaptar a escola. (Beto, entrevista realizada em abril de 2012).

Nas diversas visitas de campo, foram entrevistados os membros da família da Dona Margarida, seu marido, seu José, e seus sete filhos. Dona Margarida é, segundo ela e alguns vizinhos, a primeira moradora da Vila Leste, e se orgulha de ser a referência da favela, mas revela em suas entrevistas os momentos difíceis enfrentados pela família em mais de quarenta anos ali residindo. Tive o privilégio de passar horas em companhia dos membros da família, ouvi-los e aprender com suas experiências de vida. A cada visita de campo eu retornava com a certeza de que existe um abismo para ser transposto, e um enigma a ser decifrado na lógica daquela vida. No entanto, o respeito, o cuidado e a confiança constituíram-se elementos fundamentais para a minha inserção no cotidiano daquela e de outras famílias com as quais me relacionei.

A favela dispõe de uma escola Estadual¹⁵ e não há nenhum espaço destinado ao lazer¹⁶, cultura e esporte. Os moradores buscam improvisar meios alternativos de lazer, esporte, e encontram nas redes de engajamento mecanismos de superação das dificuldades encontradas no cotidiano e a construção de redes de sociabilidade e proteção.

Carlos, um dos filhos de Dona Margarida, retrata como foi a sua infância na Vila Leste:

A infância foi boa, era soltar pipa, carrinho de rolimã, entendeu? Jogar bola, jogar fliperama, a infância era boa. (Carlos, entrevista realizada em julho de 2012).

É possível verificar nessa fala de Carlos os aspectos positivos de sua infância: o futebol, o pipa, as tardes no fliperama, mas no desenrolar de sua explanação ele vai revelando o esquecimento das autoridades públicas para com os moradores da Vila Leste, a entrada no mundo do crime e a importância das amizades (envolvência) para ingresso no chamado “mundão”.

“(...) eu cresci com uns caras que foram para o outro lado, a amizade continua a mesma com aqueles que continuam vivos, mas eles foram para o mundão do crime porque não tiveram oportunidade, é que nem eu falo, as amizades, entendeu? A gente se desencontrou, na época eu

¹⁵ Escola Estadual Professor Antônio dos Santos.

¹⁶ A quadra da Escola Estadual é invadida por moradores que pulam os muros com o objetivo de jogar futebol durante o final de semana.

era menor de idade, molecção, hoje em dia, depois que eu cresci, uns foram para um lado, outros para outro, uns foram preso, outros já morreram. Você esta passando um veneno, não tem nada, aí as amizades te levam para o lado ruim. Eu acho que muitos entraram nessa vida também por embalo, por envolvência, se envolve assim, entendeu? Quando vai ver já se envolveu com o outro e tal e quer ser a mesma coisa que o outro e quer ir para o crime, quer ir para o arrebento. A falta de oportunidade falta de dinheiro também. Eu acho que se as coisas fossem diferentes aqui seria outra coisa, aqui não tem nada mesmo, você acaba deixando se envolver, o mundão vai fazendo a sua cabeça. Aqui ninguém lembra de nada, deixam o povão se ferrar aqui e já era, a molecada não tem nem um lugar pra se divertir, não dá pra jogar bola, não tem um lugar para ocupar a mente, assim é embaçado, é lógico que a envolvência vai falar mais alto, entendeu? (Carlos, entrevista realizada em julho de 2012).”

Para Carlos, são as amizades as responsáveis por levar as pessoas para o “lado ruim”. É interessante destacar que Carlos apresenta razões socioeconômicas e políticas como determinantes, mas destaca reiteradamente a falta de espaços destinados para o lazer: “não há lugares para jogar bola e ocupar a mente”. Ele acena com a falta de oportunidade e dinheiro como fundamentais para a entrada no “mundão do crime”, mas deixa claro que as amizades são determinantes, o que ele chama de “a envolvência”. Como não há espaços para lazer, “para fazer a cabeça da molecada para o lado positivo”, a envolvência no “mundo do crime” acaba por arrastar os jovens para experiências que poucos conseguem sair. Carlos foi um dos poucos, e em sua fala ele enfatiza que continua a amizade com aqueles que continuam vivos, deixando evidente que muitos morreram e outros tantos estão presos.

“Se tivesse escola, espaço pra esporte, um lugar para lazer, ninguém ia fazer nada errado, entendeu? Como aqui não tem nada, nem um lugar para fazer a cabeça da molecada para o lado do bem, eles vão para o lado do mal, é assim, entendeu? (Carlos, entrevista realizada em abril de 2012).”

A falta de acesso a práticas esportivas, o fracasso escolar, a ausência de espaços culturais e as amizades, segundo Carlos, são elementos constitutivos para o indivíduo ingressar no mundo do crime. Assim, diante de todo esse panorama, além das amizades, como os jovens não tem nenhum lugar para “fazer a suas cabeças para o lado do bem”, sobra, portanto, segundo Carlos, o lado do mal, do “mundo do crime”.

Outro elemento constitutivo do cenário da Vila Leste são as igrejas pentecostais, que ocupam um papel de extrema relevância no cotidiano dos moradores; de certo modo,

acabam por contribuir com as lacunas que Carlos apresenta. As atividades realizadas pelas diversas igrejas pentecostais acabam desenhando um cenário de movimentação e agito na Vila Leste, tais atividades serão abordadas com atenção no próximo capítulo, juntamente com a descrição dos bares e das atividades que neles ocorrem.

1.2 As casas

“Equilibrado num barranco incômodo, mal acabado e sujo, porém, seu único lar, seu bem e seu refúgio.
Um cheiro horrível de esgoto no quintal, por cima ou por baixo, se chover será fatal.
Um pedaço do inferno aqui é onde eu estou. Até o IBGE passou aqui e nunca mais voltou”.

(Racionais Mc's, 1994)

Muitas coisas mudaram desde que a música dos Racionais Mc's foi composta em 1994, em quase duas décadas, o cenário das periferias e do próprio país transformou-se significativamente; diversas políticas públicas e de assistência social foram implementadas a fim de diminuir a miséria e a pobreza. Programas de transferência de renda como o Bolsa Família e o Renda Cidadã foram implementados pelo Governo Federal, ambos prevêm o repasse de renda a famílias em extrema pobreza e vulnerabilidade social, prove também os mínimos sociais e oferece cursos profissionalizantes as famílias que estão cadastradas no programa.

Diversas famílias da Vila Leste vivem dos programas assistenciais ofertados. Devemos considerar outros fatores que contribuem para o cenário de mudança no país na passagem de quase duas décadas, sendo eles, o crescimento econômico, maiores ofertas de trabalho, políticas públicas na área de saúde, moradia e educação e programas de redução da pobreza. Tais fatores de fato mudaram o cenário de diversas periferias. O asfalto e a água encanada tornaram-se novidades em muitas periferias, as antenas parabólicas constituem uma nova geografia das favelas, mas em muitos casos, como na própria Vila Leste, estas mudanças são poucas sentidas.

O excerto da letra do grupo de RAP Racionais Mc's é um retrato das condições de muitas moradias dos moradores da favela da Vila Leste, sobretudo os moradores da parte baixa. A favela é dividida em duas partes: na parte alta os moradores estão em casas regulares e em “melhores condições” de vida, pois não há barracos, há coleta regular de

lixo, rede de esgoto, água potável e energia elétrica; já na parte baixa, se concentram os barracos e as piores condições de moradia, higiene e vida da localidade. Quase não há água potável, muitas casas e barracos não oferecem condições adequadas de moradia e não há rede de esgoto. Como a favela se encontra nas margens de um córrego, é comum identificarmos o “cheiro horrível de esgoto nos quintais” das casas. O córrego não é canalizado e os moradores não dispõem de um serviço regular de coleta de lixo. Em suma, trata-se de um ambiente absolutamente inóspito.

Como não há coleta de lixo e a população não recebe nenhum tipo de orientação da prefeitura com relação à questão do esgoto, a situação se agrava ainda mais, visto que é comum os moradores arremessarem o lixo de suas casas direto no rio. Em dias de chuva a situação piora ainda mais, e os riscos de contaminação são consideráveis. Em nenhum momento da pesquisa de campo constatamos equipes da prefeitura realizando a limpeza do córrego, tampouco registramos a coleta de lixo nas casas e barracos da parte baixa da favela.

Denise, uma das filhas de Dona Margarida, retrata como era o barraco que a família morava:

A gente morava em um cômodo só né e éramos sete, e era uma situação difícil, devido nós morarmos em um barraco para sete pessoas, então não tinha muito espaço, na verdade eu dormia embaixo da mesa, o Kadu dormia na beliche que tinha, na verdade o barraco que a gente morava só cabia um fogão, um armário, uma beliche a cama da minha mãe e uma estante, mais nada. Não tinha cama, eu, por exemplo, dormia embaixo da mesa, num colchão bem fininho, tipo colchonete, minha mãe colocava papelão, então, foi uma época muito difícil, na época só meu pai trabalhava minha mãe também trabalhava, mas era apenas para comprar roupa, isso quando dava. (Denise, entrevista realizada em julho de 2012).

O barraco explicado por Denise é semelhante à descrição da letra do grupo Racionais Mc's. Os primeiros moradores da Vila Leste construíram suas famílias “equilibradas em um barranco incômodo, mal acabado e sujo, porém seu único lar, seu bem e seu refúgio”. A dedicação de Dona Margarida para a construção de seu barraco foi retratada em vários momentos das entrevistas. Sempre que possível Dona Margarida salientava o processo de construção do barraco e o orgulho de ter um local para abrigar a família. A descrição de Denise revela que, embora a favela da Vila Leste contasse com um ambiente familiar, de amor, as condições de moradia de sua família e dos outros moradores da eram precárias.

Diante desse terrível cenário, as ações de políticas públicas direcionadas para as periferias concentram-se fundamentalmente na repressão policial; como consequência, os próprios moradores buscam meios de organização e superação das inúmeras ausências e carências mencionadas anteriormente.

Não afirmamos que haja uma negação do Estado, mas sua operação ocorre a partir de uma lógica que foca unicamente no que há de mais negativo das regiões periféricas, que é a ação sobre a questão da criminalidade, deixando de lado todas as demais necessidades existentes. Uma das consequências de tal negligência assenta-se na concorrência das leis do Estado Democrático de Direito com as “leis do PCC¹⁷” e de outras redes de engajamento, as relações de poder e domínio são determinadas pelas leis ditadas no Estatuto PCC- Primeiro Comando da Capital por seus interlocutores na Vila Leste.

Em regiões periféricas, como a Vila Leste, observa-se que as ações de legalidade do Estado passam por um processo de resignificação. O legítimo torna-se ilegítimo, e o ilegítimo é legitimado a partir de negociações, tramas de poder e disputas cotidianas. Quando policiais militares – legítimos portadores da norma e regra do Estado Democrático de Direito – adentram essas regiões, acabam responsáveis pela construção de novas representações do Estado, resignificando as suas ações.

Muitos moradores denunciam os subornos a que policiais militares sujeitam os menores pegos usando drogas ou pilotando motos sem habilitação. Quando há abordagens policiais sobre “envolvidos” no tráfico de drogas, é comum haver uma verdadeira negação por parte dos policiais para dar o devido encaminhamento dos indivíduos até as delegacias. É justamente nesse momento que se verifica o que chamamos de “processo de resignificação da legalidade”, e que as propinas são cobradas.

A legitimidade dos representantes do Estado é transformada e invertida, tais atores (policiais militares) tornam-se ilegítimos na medida em que suas práticas são construídas sobre bases corrompidas, alicerçadas no abuso de poder. Por outro lado, a ilegitimidade do PCC é transformada e legitimada, à medida que tais atores constroem redes de proteção e ajuda mútua aos moradores e comerciantes da Vila Leste.

¹⁷ Adotamos o uso da expressão “lei do partido”, “lei do PCC” a partir das referências dos entrevistados em pesquisa de campo, sabemos do debate que gira em torno do uso do termo (BIONDI, 2010; DIAS, 2011; MARQUES, 2009) e buscaremos problematizar o conceito a partir de debates posteriores.

1.3 O pesquisador na Vila Leste: Obstáculos enfrentados

Era uma manhã de sol de domingo e havia muitas coisas para fazer naquele dia. A igreja organizou um evento de Hip-Hop no Itaim Paulista e eu fui convidado para organizar a ordem de apresentação dos grupos, recepção dos rappers e auxiliava as partidas de basquete na quadra da escola. Tinha vários grupos de rap de diversas regiões da zona leste. Fiquei animado com a ideia de me envolver mais com a linguagem do hip-hop, e o Kadu me apresentava a todos os grupos. Debaixo de um sol intenso, os grupos se revezavam nas apresentações, na quadra, muitos jogavam basquete, outros dançavam e a energia era intensa. Não tinha testemunhado tamanho envolvimento com a cultura hip-hop, mas já sentia o cansaço e a fome dando sinais de vida. Queria muito ir almoçar e convenci o Kadu de que era necessária uma pausa. Ele me liberou para o almoço, mas me pediu para levá-lo em sua casa para o almoço. (Registro de Campo).

A articulação:

No caminho fiquei pensando na articulação do Kadu, como a sua referência é importante para os moradores da Vila Leste e como ele estabelece contatos com os irmãos do partido e com os irmãos da igreja. Naquele dia, irmãos dos dois lados estiveram juntos e não houve conflitos. Muitos desses dias se repetiram e se repetem no cotidiano da Vila Leste. Eu mal sabia o que nos esperava durante este trajeto. (Registro de Campo).

O primeiro contato com a Vila Leste foi estabelecido no ano de 2006, quando o pesquisador participou de uma denominação pentecostal no Itaim Paulista. A zona leste de São Paulo sempre foi um lugar desconhecido, pois sempre residi na região oeste e o máximo que sabia da zona leste era que Itaquera ficava lá. Descobri, porém, que havia um “outro mundo” para além das fronteiras de Itaquera: Guaianazes, Itaim Paulista, São Miguel Paulista, Itaquaquecetuba, Ferraz de Vasconcelos, Suzano, Poá e Mogi das Cruzes. Todas essas regiões eu conhecia somente de olhadas nos mapas dos trens da CPTM¹⁸. Foi depois de conhecer minha esposa, que residia na região leste e frequentava a igreja que deu base inicial a esta pesquisa, que iniciei uma etapa totalmente nova em minha vida: comecei a frequentar a zona leste e a denominação pentecostal mencionada.

Essa dupla transformação me colocou a frente de diversos obstáculos; primeiramente constatei que na igreja havia diversos indivíduos que tiveram ou tinham relações com o PCC e a identidade pentecostal destes sujeitos não se refletia em uma

¹⁸ Companhia Paulista de Trens Metropolitanos.

definitiva ruptura com sua antiga rede de engajamento (PCC). Fiquei instigado ao constatar que muitos “irmãos da igreja”, eram ou foram “irmãos do Partido”, e ser irmão em uma das duas redes de sociabilidade constituía uma surpreendente (e inimaginável) ponte, na qual a passagem de um lado para o outro é uma realidade do cotidiano da Vila Leste.

Era necessário ter acesso às ruas da Vila Leste, conhecer os seus atores, seu cotidiano e suas redes de engajamento. E essa não era uma tarefa fácil; as primeiras investidas para conhecer o ambiente da Vila Leste foram frustradas, e eu não conseguia ter acesso a campo.

Eu buscava verificar em campo a dinâmica de ação das igrejas pentecostais e do PCC, como essas duas redes de engajamento partilhavam do mesmo espaço e não entravam em choques. O meu contato com os moradores da região eram, inicialmente, intermediados pela igreja.

Clifford Geertz, em *A Interpretação das Culturas* (1989), apresenta as dificuldades enfrentadas por ele para ser aceito na comunidade balinesa para estudar os ritos ali praticados. Assim que o antropólogo chegou à comunidade balinesa, em 1958, com sua esposa, os moradores da aldeia não se comunicavam com os visitantes; durante muitos dias, GEERTZ e sua esposa não se comunicavam com os moradores da aldeia e o silêncio e indiferença dos aldeões preocupava o antropólogo e sua companheira.

Exceto por nosso senhorio e pelo chefe da aldeia, do qual ele era primo e cunhado, todos os demais nos ignoravam de uma forma que só os balineses conhecem. Enquanto caminhávamos sem destino, incertos, ansiosos, dispostos a agradecer, as pessoas pareciam olhar através de nós. Praticamente ninguém nos cumprimentava, mas também ninguém nos ameaçava ou dizia algo desagradável, o que seria algo até mais agradável do que ser ignorado. (GEERTZ, 1989, p.185).

Minha situação era semelhante à enfrentada por GERTZ, não tinha acesso ao território da Vila Leste, era “um de fora”¹⁹ querendo saber o que ocorria em um local com o qual eu não tinha nenhum vínculo ou laço.

¹⁹ Expressão cunhada por Kadu após o episódio do falso sequestro, que será tratado adiante.

O fator que propiciou a GEERTZ ter acesso e contato com os membros da comunidade de Bali foi resultado de uma invasão da polícia balinesa a uma rinha de galo, da qual GEERTZ, sua esposa e centenas de balineses assistiam. A rinha de galo é um dos eventos mais prestigiados pelos balineses, mas ilegal, segundo as leis de Bali.

No meio da terceira rinha, com centenas de pessoas a volta, inclusive eu e minha mulher, ainda transparentes, um superorganismo, no sentido literal da palavra, um caminhão cheio de policiais armados de metralhadoras, surgiu como bloco único em torno da rinha. Por entre os gritos estridentes de “polícia! polícia!” proferidos pela multidão, os policiais saltaram do caminhão, pularam para o meio da rinha e começaram a apontar as suas armas ao redor, como *gansters* num filme, embora não chegassem a dispará-las. O superorganismo desmanchou-se rapidamente, espalhando seus componentes em todas as direções. As pessoas corriam pela estrada, pulavam muros, escondiam-se sob plataformas, enroscavam-se por trás de biombos de vime, subiam nos coqueiros. Os galos, munidos de esporões de aço afiados o bastante para arrancar um dedo ou fazer um buraco num pé, espalharam-se ao redor selvagememente. A poeira e o pânico eram tremendos. (GEERTZ, 1989, p.186).

GEERTZ podia se aproveitar da situação e apresentar-se como pesquisador para os policiais e escapar da perseguição, mas sua reação foi seguir os movimentos dos integrantes da rinha e correr com sua esposa. Essa ação foi vista pelos balineses como digna e foi o que lhe proporcionou ser aceito na comunidade.

Na manhã seguinte, a aldeia era um mundo completamente diferente para nós. Não só deixáramos de ser invisíveis, mas éramos agora o centro de todas as atenções, o objeto de um grande extravasamento de calor, interesse e, principalmente, de diversão. Na aldeia, todos sabiam que havíamos fugido como todo mundo. (...) acima de tudo, todos eles estavam satisfeitos e até mesmo surpresos porque nós simplesmente não “apresentamos nossos papéis” (eles sabiam sobre isso também), não afirmando nossa condição de Visitantes Distintos, e preferimos demonstrar nossa solidariedade para com os que eram agora nossos coaldeões.

Em Bali, ser caçado é ser aceito. Foi justamente o ponto da reviravolta no que concerne ao nosso relacionamento com a comunidade, e havíamos sido literalmente “aceitos”. Toda a aldeia se abriu para nós (...) (GEERTZ, 1989, p.187).

O momento, determinante por abrir as principais portas para esta pesquisa de campo, foi marcado de uma curiosa história em que me envolvi na Vila Leste.

No ano de 2007, uma igreja pentecostal da Vila Leste organizou um evento de cultura Hip-Hop em uma escola estadual do bairro de Itaim Paulista. O evento contou com diversos grupos de Rap e de danças, a quadra da escola contava com dezenas de participantes, foi quando decidimos almoçar e dei carona ao Kadu²⁰, e a alguns de seus amigos, até a sua casa na Vila Leste.

Nesse ínterim, meu sogro recebeu um telefonema com a notícia que minha esposa e eu havíamos sofrido um sequestro. Para nos libertar, os “sequestradores” pediam uma alta quantia em dinheiro. Sem reação, meu sogro desligou o telefone e entrou em contato com o pastor da igreja que informou que havíamos saído para o almoço junto com o Kadu e alguns amigos. Imediatamente meu sogro entrou em contato com o Kadu, perguntando se estávamos com ele, ele informou que havia poucos minutos saímos de sua casa. Meu sogro tentava contato com meu telefone celular e com o de minha esposa, mas ambos não respondiam as chamadas.

Kadu foi informado pelo meu sogro do possível sequestro e rapidamente acionou uma rede de procura em diversos cativerios da região do extremo leste: Itaim Paulista, São Miguel Paulista, Guaianazes e Ferraz de Vasconcelos foram inspecionados e não nos encontraram.

Sem saber de nada, minha esposa e eu chegamos à casa de meu sogro e imediatamente fomos informados do nosso sequestro e da rede de contatos e de procura que foi acionada por Kadu e membros do PCC.

Em poucos minutos, dezenas de pessoas chegaram até a casa de meu sogro e souberam que o episódio se tratava de um falso sequestro. Ficamos impressionados com a rapidez da ação e a agilidade de contatos. Pouco tempo depois, Kadu soube que a ação do falso sequestro foi organizada por um ex-funcionário do meu sogro. O rapaz foi convocado a dar explicações de sua ação para membros do “Partido”, e por clamor de sua família e do meu sogro nada lhe ocorreu.

²⁰ Kadu, “irmão” do PCC e também “irmão de uma igreja pentecostal, sua história e trânsito nestas duas será retratada no primeiro e segundo capítulo”.

Assim como GEERTZ, na rinha de galo, o episódio do falso sequestro acabou sendo motivo de gargalhadas e aceitação comunitária. Os moradores da Vila Leste sabiam do ocorrido e passaram a me perguntar sobre o evento. Em diversos momentos da pesquisa de campo, as entrevistas iniciavam com um café e comentários sobre o episódio do falso sequestro.

Eu ainda não portava, na época, um diário de campo, mas sabia da importância de registrar os eventos que presenciava na Vila Leste e, a partir do falso sequestro, passei a registrar uma série de eventos que presenciei direta ou indiretamente.

A participação do Kadu me deixou intrigado por dias, como ele sendo “irmão” da igreja podia estabelecer laços tão estreitos com os “irmãos” do partido? Sempre soube pelos “irmãos” da igreja que o Kadu tinha sido um “irmão” do partido e por razões diversas houve um rompimento entre ele e o PCC. Contudo, essa separação não parecia muito evidente para mim no dia do falso sequestro. A autoridade que o Kadu exerceu foi como “irmão” ou “ex-irmão” do PCC? Onde ficava o “irmão” da igreja nessa relação?

Essas perguntas iniciais me cercaram por anos, e em diversos momentos algumas foram sendo respondidas.

1.4 O pentecostalismo e a Vila Leste

“Que Deus me guarde, pois eu sei que ele não é neutro, vigia os ricos, mas ama os que vem do gueto.
Ore por nós, pastor, lembra da gente no culto desta noite, irmão, segue em frente.
Admiro os crentes (...)” (Racionais Mc’s, 2006)

O trecho da música selecionada apresenta a ênfase religiosa da maioria dos moradores da favela da Vila Leste, e também realidade de uma grande parcela da população brasileira. Os dados do censo religioso²¹ de 2010 apontam um significativo crescimento dos pentecostais em detrimento das demais opções religiosas. Esse crescimento do pentecostalismo²² pode ser sentido cotidianamente através dos novos

²¹Fonte: http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/noticia_visualiza.php?id_noticia=2170&id_pagina=1

²² Sabemos das atuais discussões sobre as tentativas de enquadrar o movimento pentecostal brasileiro. Há autores como FRESTON e MARIANO 96, que costumam categorizar o pentecostalismo através de ondas; segundo esses autores há três ondas (fases) do pentecostalismo brasileiro, a saber: 1º onda: década de 1910, a partir do “nascimento” do pentecostalismo no Brasil com missionários europeus e a fundação das igrejas Congregação Cristã no Brasil (1910) e Assembleia de Deus (1911). 2º onda: década de 1950 e 1960, a partir do surgimento das igrejas: Evangelho Quadrangular (1951), Igreja Evangélica O Brasil para Cristo (1955) e Igreja Pentecostal Deus é Amor (1962), e a 3º onda, na década de 1970, também denominada de

meios de anunciar as “boas novas” do Evangelho, do acelerado processo de abertura de novos templos e na redefinição do campo religioso brasileiro. Os moradores da Vila Leste dispõem de uma grande oferta de capital de bens de salvação (BOURDIEU 89); diversas denominações pentecostais oferecem tais bens para os milhares de homens e mulheres que convivem neste local. O pentecostalismo está presente nas mais diversas regiões do país, sua capacidade de se instalar nos locais mais vulneráveis é uma de suas características mais importantes. Na favela da Vila Leste não é diferente, seus moradores vivem em precárias condições de moradia, higiene, de saúde e de vida, e buscam através de diversos modos a superação das mazelas que os cercam cotidianamente. As igrejas evangélicas ganham relativo destaque na geografia da Vila Leste e na linguagem de seus moradores; não é difícil encontrar tais igrejas nas ruas e vielas e se deparar com uma linguagem inteligível somente aos pentecostais. Diversas denominações são responsáveis pela formação do campo religioso da Vila Leste, as diversas denominações (e formas de templos) se constituem em uma das mais marcantes características da Vila Leste.

Os templos são característicos do que Alencar denominou de Templo Casa, em sua tipologia das Assembleias de Deus.

A igreja – não custa lembrar que nos primeiros anos não há templos – é uma extensão da casa e vice-versa. E os primeiros templos quando construídos não se diferiam muito das casas dos membros. Os templos assembleianos não têm energia elétrica, som eletrônico, estacionamento, sanitários públicos, secretaria, tesouraria, salas de aula, luxo e não estão nas ruas e avenidas importantes da cidade; são apenas o espaço carismático das reuniões. Ademais, construídos e mantidos pelos próprios membros. (ALENCAR, 2012, p.117).

As igrejas evangélicas instaladas na Vila Leste são extensão das casas dos próprios moradores; as chamadas garagens da fé²³ são facilmente encontradas ali. Os pastores, invariavelmente são os moradores das casas, que após um “chamado de Deus” abrem seus “ministérios” para confirmação de uma convocação divina.

neopentecostalismo, a partir do surgimento de Igrejas como a Igreja Universal do Reino de Deus e Igreja Internacional da Graça. Por outro lado, há autores (ALENCAR e CAMPOS) que refutam as tentativas de enquadramento do pentecostalismo e reconhecem que as atuais categorias não dão conta de, por si só, explicar o complexo fenômeno pentecostal. Acabamos por nos aproximar dos pressupostos destes últimos autores.

²³ O termo Garagens da Fé foi cunhado pela Professora do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da PUC-SP, Doutora Maria José F. Rosado-Nunes, em um Colóquio do Programa de Ciências da Religião da PUC-SP, em 2012.

Todos os templos, dentro do universo rural ou mesmo urbano, são pequenos, com arquitetura simples e estão no raio geográfico das moradias dos membros. Frequentar este templo significa morar perto, pois então todos os membros moram perto uns dos outros; na mesma periferia e estrato social. Pertencentes à *paróquia* no sentido clássico do termo: todos os que estão em redor; templo é um exemplo de uma “dominação *territorial* hierocrática” [Weber, 1998:35, grifo no original] Nenhum templo das ADs nos primeiros anos foi construído nas regiões centrais e mais ricas das cidades, ou foram grandes templos, como os presbiterianos ou batistas. Os templos assembleianos estavam onde estava a membresia: nos subúrbios. (ALENCAR, 2012, p.117).

Os caminhos para o crime

Em uma conjuntura onde não existem reais certezas de vida, jovens apresentam-se como iscas fáceis nos mares do crime. As suas práticas fazem parte do cenário social do cotidiano das comunidades e favelas de São Paulo. A extrema desigualdade social, sustentada por profundos interesses políticos e econômicos, apresenta consequências drásticas no dia a dia de milhares de homens e mulheres da favela Vila Leste no extremo leste de São Paulo. Como não há por parte dos representantes do estado democrático de direito ações capazes de sanar os diversos problemas enfrentados pelos moradores da Vila Leste, as diversas redes de engajamento existentes são responsáveis por redefinir ações que ultrapassam a própria lógica do Estado.

Igrejas pentecostais, organizações religiosas diversas, lideranças do bairro, bares e crime organizado são responsáveis por organizar e suprir as diversas lacunas deixadas pelo poder público.

Não afirmamos aqui que as razões imediatas das altas taxas de violência nos bairros pobres assentam-se exclusivamente na esfera da desigualdade, pois esta defesa acaba por maquiar os diversos interesses políticos e econômicos existentes nas práticas de crimes (PERMAN, 1997); iremos, no entanto, apresentar quais são e onde se manifestam tais interesses.

“carregada de suspeitas prévias, que policiais têm pelos pobres, baseia-se no pressuposto utilitarista de que, movido pela necessidade, o homem agiria para sobreviver. Há uma redução da complexa argumentação para o prisma do *homo economicus*, comandado exclusivamente pela lógica mercantil do ganho e da necessidade material” (ZALUAR, 2002, p. 19).

A participação no mundo do crime em muitos aspectos acaba por se tornar uma alternativa para indivíduos que não são aceitos em uma sociedade altamente individualista, competitiva e preconceituosa, onde morar em favelas e em bairros pobres acaba por se tornar um sinônimo de marginalidade. Sobreviver nesta realidade é a luta diária travada por milhões de pessoas. E é justamente nesta realidade de luta e disputas que vamos mergulhar, sob a óptica daqueles que dão vida a favela da Vila Leste, no extremo leste de São Paulo: seus próprios moradores.

Iremos decifrar os enigmas que norteiam as relações desses indivíduos, a participação do Primeiro Comando da Capital (PCC) no interior da Vila Leste, as aproximações com as igrejas pentecostais, os prazeres e os desprazeres dos pentecostais, dos membros do PCC na Vila Leste, as sociabilidades construídas pelas diversas redes de engajamento vigentes, a participação das igrejas pentecostais na dinâmica das relações cotidianas, o processo de conversão de integrantes do PCC ao pentecostalismo e as relações simbióticas entre igreja e crime.

O surgimento do PCC

Conforme já afirmamos, o PCC surgiu em 1993, no Anexo da Casa de Custódia de Taubaté, região do Vale do Paraíba, no Estado de São Paulo. (DIAS, 2011, p.213).

O Primeiro Comando da Capital tem as suas origens confusas; alguns apontam o ano de 1989 na antiga Casa de Detenção de São Paulo, outros o ano de 1991 em Araraquara, mas a versão mais utilizada pelos estudiosos (JOSINO, 2004; e DIAS, 2011) utiliza o ano de 1993 como data fundacional.

“O presídio, também conhecido como “Piranhão”, foi inaugurado no início dos anos 1980 e era uma espécie de castigo para presos indisciplinados, com visitas e banho de sol restritos. Além dessas restrições oficiais, o local era conhecido pela crueldade e a arbitrariedade no trato com os presos, sistematicamente espancados e expostos a toda sorte de maus tratos. (DIAS, 2011, p.165)”.

Há de se considerar que o massacre na Casa de Detenção de São Paulo, em 1992, é um elemento chave para a expansão dos ideais do PCC. O massacre foi o resultado de

uma ação truculenta realizada por policiais militares e membros da tropa de choque após uma suposta rebelião, encabeçada pelos detentos. Após horas de negociação e rendição dos detentos, a Tropa de Choque da Polícia Militar invadiu o interior da Casa de Detenção e, brutal e covardemente, executou 111 presos²⁴.

O massacre de 1992 alimentou o sentimento de unidade dos prisioneiros, este sentimento foi levantado por Marcola, um dos principais líderes do “Partido” em seu depoimento na CPI do Tráfico de Armas.

“Tudo começou e nasceu no cárcere, após 1992, com o fato mais bárbaro, cruel e covarde, um massacre contra os presos, a morte de “111” presos no Carandiru, SP, por policiais militares, a mando da segurança pública de SP²⁵. (Marcola, CPI do Tráfico de Armas, 08/06/2006)”.

Reconhecemos que há várias possibilidades interpretativas sobre a fundação do PCC, mas esta pesquisa não irá se focar na discussão, visto que o intuito desta pesquisa não é uma historiografia sobre as origens do PCC.

O episódio marcante para muitos estudiosos foi uma partida de futebol no Casa de Custódia e Tratamento de Taubaté, entre o Comando Caipira e o Comando da Capital.

O “Partido” surgiu primeiramente com oito presos membros do Comando Capital:

Os oito presos fundadores do PCC são Miza (Mizael Aparecido da Silva), Geleião, Cesinha (César Augusto Roriz Silva), Cara Gorda (Wander Eduardo Ferreira), Paixão (Antonio Carlos Roberto da Paixão), Esquisito (Isaías Moreira do Nascimento), Dafé (Ademar dos Santos) e Bicho Feio (Antonio Carlos dos Santos). Dos oito, os três primeiros tiveram papéis mais relevantes na expansão do GRUPO e o único que está vivo é Geleião, preso na Penitenciária de Iaras, “decretado” (ameaçado de morte) pelo PCC depois de ser expulso da organização pelo atual líder, Marcola (Marcos Willians Herbas Camacho), e colaborar com o Ministério Público paulista por meio da delação premiada. (Dias, 2011, p.166).

As rivalidades e as disputas do jogo terminaram com a morte de dois membros do Comando Caipira por representantes do Comando da Capital; sabendo das severas punições consequentes das mortes, os representantes do Comando da Capital firmam um

²⁴ O número de mortos no Massacre no de 1992 é questionado por vários estudiosos e presos que sobreviveram ao episódio.

²⁵ Fonte: http://www1.folha.uol.com.br/folha/cotidiano/20060708-marcos_camacho.pdf

pacto no qual as possíveis punições aplicadas a qualquer membro do Comando seria fonte de rebeldia e reação de todos os demais membros.

“Quem ofender um de nós ofenderá a todos – somos o time do PCC, os fundadores do Primeiro Comando da Capital.” Criaram assim um código de autoproteção: “Na nossa união ninguém mexe.” (Dias, 2011, p.167)

Neste cenário de disputas de poder entre os detentos e as punições impostas pelos agentes penitenciários surge o PCC, primeiramente buscando ser um elemento organizacional dos presos em defesa de seus direitos e contra as práticas de abuso de poder dos responsáveis pela manutenção das penitenciárias. Imbuídos inicialmente pelos lemas de Paz, Justiça e Liberdade²⁶, os integrantes do PCC são responsáveis por uma profunda transformação no cotidiano dos presos e das penitenciárias. Houve a elaboração de um estatuto²⁷ e buscava-se principalmente o fim dos maus tratos, melhores condições carcerárias, o fim de estupros entre os presos, abolição ao uso de crack e de mortes banais. (BIONDI, 2010)

“Foi essa organização criminosa, que viu a degradação a que os presos estavam chegando e viu que estava totalmente sob (...) em falta de controle. Não tinha como controlar o crack dentro da prisão. Então foi simplesmente abolida, pro cara (...) Como se abole uma droga que faz o cara roubar a mãe, matar a mãe e tudo o mais? É difícil. Então, tem que mostrar a violência e falar: “Ó, cara, se você usar isso, pode te acontecer...(...) O cara estuprar outro preso. Isso aí tinha muito dentro do sistema penitenciário de São Paulo, e o Estado jamais teve condições de suprimir isso. Aí veio essa organização, raciocinou que isso era algo que afrontava a dignidade humana, porque o sentido era esse, e (...)”. (Marcola, CPI do Tráfico de Armas, 08/06/2006)”.

Em um primeiro momento, as ações e práticas do PCC concentraram-se no interior das penitenciárias e casas de detenção, mas com a necessidade de manutenção dos ideais do “Partido”, iniciaram-se as ações para além dos muros das detenções. Os presos filiados ao PCC ao alcançarem a liberdade precisavam criar mecanismos de sustentação do “Partido”. Neste cenário, verificamos uma reordenação nas práticas criminosas, os roubos a bancos, cargas e sequestros são os principais crimes praticados pelos membros do PCC que estão fora das penitenciárias e casas de detenção. Estes crimes oferecem vantagens econômicas e são responsáveis por equilibrar as despesas do “Partido”, além de financiar

²⁶ A partir de 2003, com a extinção e morte dos membros fundadores, há a inserção do lema Igualdade entre os membros do PCC; esta mudança foi constatada por BIONDI 2010 e DIAS, 2011.

²⁷ Ver anexo III.

a prestação de auxílio jurídico aos presos e assistência às famílias dos membros do “Partido”.

“O idealismo é esse da solidariedade, do preso saber que existe muita injustiça dentro do sistema penitenciário e que o cara que tá lá, ele precisa de um apoio, ou jurídico ou pra família poder visitá-lo ou pra ele próprio poder sobreviver lá dentro, porque a alimentação geralmente é horrível, então, se ele depender daquilo, ele vai ficar anêmico, vai ficar doente, e se ele depender de remédio não vai ter. Então vai precisar de um apoio dessas pessoas que saem no sentido de quê? De uma colaboração que elas fazem, porque elas estavam lá e sabem como é, no sentido de dar condições financeiras, para que essas pessoas que estão lá, de alguma forma, subsistam de uma forma mais digna do que se não existisse essa ajuda²⁸. (Marcola, CPI do Tráfico de Armas, 08/06/2006)”.

Kadu e o PCC

Em entrevistas realizadas durante a pesquisa de campo, foi perguntado ao entrevistado Kadu sobre a dinâmica do PCC e quais são os mecanismos utilizados para a manutenção do “Partido”.

“Tem uma mensalidade que deve ser paga. Para os irmão que estão presos é um valor, mas para os irmão que estão na rua é outra pegada. É um valor mais alto. Esse dinheiro é recolhido pelos caixinhas que manda pro general. Ai esse dinheiro é distribuído pros irmão que estão presos e para as famílias que precisam de uma assistência” (Kadu, entrevista realizada em abril de 2012).

Segundo documentos²⁹ apreendidos em operações policiais e armazenados em banco de dados do Ministério Público, o PCC cobra mensalidades de R\$ 600,00 para cada membro em liberdade e conta com aproximadamente 1.343 membros, 64 carros, 88 fuzis, 63 pistolas, 11 revólveres, 8 dinamites, 3 bombas, 5 casas e 8 apartamentos.

Para Antonio Ferreira Pinto, atual Secretário de Segurança Pública de São Paulo, o PCC é bem menor do que dizem:

A facção é bem menor do que dizem. Não chega a 30 ou 40 indivíduos que estão presos há muito tempo e se dedicam ao tráfico. Nós temos asfixiado esse tráfico com grandes prisões. Mas essas prisões só

²⁸ Idem.

²⁹ Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/1161905-arquivos-de-facciao-criminosa-chegam-a-chefes-na-prisao-por-pen-drive.shtml>. Acessado em 01/10/2012.

merecem uma nota nos jornais. Não tem a mesma repercussão que atos covardes contra a polícia³⁰.

Kadu apresenta o pagamento de mensalidades para os membros do PCC que estão livres e também para aqueles que estão presos, as mensalidades são um dos meios que o “Partido” busca para equilibrar as finanças e oferecer os subsídios para os membros presos. Não pagar a mensalidade³¹ é um risco que nenhum “irmão” quer correr.

Não dá para dever. É tipo o compromisso que você tem, se o maluco é irmão sabe que tem que pagar, tem que pagar para dar a assistência a família do preso, buscar advogado, entendeu? Você vai depender do advogado do governo? Isso não vira, então, o partido corre pelo certo, se não paga será cobrado e disciplinado. (Kadu, entrevista realizada em abril de 2012).

Existem dois mundos de atuação do PCC, com práticas absolutamente distintas. No mundo carcerário há práticas e condutas que destoam das ações dos indivíduos filiados ao “Partido” que estão nas ruas. O encarceramento é responsável por “limitar” as ações de indivíduos filiados ao “Partido”. É justamente a partir da realidade das ações de membros do PCC que estão nas ruas que focalizo a minha pesquisa. Sei que existe outra realidade do “Partido”, muito ampla no interior dos presídios e casas de detenção; contudo, não é este nosso foco, visto que esse outro universo já foi explorado a contento por BIONDI, 2009; DIAS, 2011; JOSINO, 2004; SOUZA, 2007, além de outros autores.

Precisamos primeiramente reconhecer que o PCC é uma realidade no mundo do cárcere e também no mundo das ruas, e é a partir desta realidade que vamos conduzir este objeto de pesquisa, reconhecendo que o surgimento do PCC transformou radicalmente o interior dos presídios, casas de detenção e as ruas das favelas e bairros das periferias de São Paulo. Tal transformação foi encabeçada primeiramente por indivíduos politizados, com significativo teor de embasamento político-social.

Interrogado durante a CPI do Tráfico de Armas, Willians Herbas Camacho, o Marcola, apresenta domínio em uma vasta bibliografia política e sociológica:

“A gente leu muito sobre Lênin, sobre a formação do Partido Comunista. Não, a gente lê sobre tudo”.³²

³⁰ Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/1163604-facciao-e-bem-menor-do-que-dizem-afirma-secretario.shtml>. Acessado em 10/10/2012.

³¹ Ver anexo II

³² Disponível em: http://www1.folha.uol.com.br/folha/cotidiano/20060708-marcos_camacho.pdf. Acessado em 09/10/2012.

Porém, não devemos atribuir o surgimento, organização e expansão dos ideais do PCC exclusivamente à consciência política de presos condicionados à leitura de clássicos da política e da sociologia, mas é fato que a condição de vida no interior dos presídios brasileiros e as precariedades dos sistemas penitenciário e judiciário contribuem para a consciência e organização política. Afirmar que o surgimento do PCC (ou de qualquer outra organização no interior dos presídios) é fruto da literatura sociológica ou política é um exagero que não aceitamos.

Essa perspectiva contribui para o mito fundante de “organizações criminosas” associadas a líderes intelectualizados e engajados, com prerrogativas políticas partidárias e movimentos de esquerda aptos a mudar o curso da história política do país a partir das “consciências de classe” e de um projeto para a tomada do poder. Tal perspectiva ignora as angústias, aflições, medos e a revolta de presos que estão encarcerados sob condições sub-humanas. Esses presos não são influenciados por universos literários, mas por uma dura realidade que os cerca, e se faz determinante na organização e construção dos caminhos que eles controem na busca da superação das mazelas que os cercam, no inóspito sistema prisional brasileiro.

Dito isso, contudo, não queremos negar que a inclinação à literatura, sociologia e política, por parte de alguns presos, condicionou uma perspectiva interpretativa do PCC.

Quando interrogado sobre as razões que levaram os presos a buscarem apoio na leitura, Marcola responde:

“Porque ele foi acordado, foi conscientizado, numa determinada época, de que os direitos dele, enquanto ele não soubesse que ele tinha determinados direitos, eles jamais seriam concedidos, o senhor entendeu? Então foi uma forma... foi um despertar”.³³

Essa forma de “despertar” o colocou à frente de diversas questões, e esse “despertar” também pode ser sentido para além dos muros e grades dos presídios e casas de detenção; a ressonância desse “despertar” foi verificada na favela da Vila Leste e em diversas outras regiões e periferias de São Paulo.

³³ Idem.

O partido a caminho da Vila Leste:

Minhas indagações concentram-se nas práticas dos membros do PCC da favela da Vila Lestes no extremo leste de São Paulo. Quais são as relações de poder estabelecidas nesse ambiente? Quais são os critérios de adesão ao PCC para indivíduos que estão nas ruas? Como funciona o ritual de batismo para novos membros e o pagamento de mensalidades para sustentação do “Partido”? Como o PCC se organiza nos lugares em que se instala? Como o PCC se relaciona com os moradores desses bairros e qual a relação entre os membros do PCC com as igrejas pentecostais?

Embora a pesquisa de campo tenha sido realizada na Vila Leste, o foco deste capítulo não é a Vila Leste em si, mas o PCC. A Vila Leste é um dos diversos cenários de atuação do “Partido”; independentemente de onde o “Partido” se encontre, há semelhanças nas ações de seus membros e em suas “leis”. Neste caso, não quero minimizar a importância da Vila Leste e de seus atores, pelo contrário, foi a partir da Vila Leste que pude compreender que existe uma ampla rede de ações e atuações do PCC, que são semelhantes em diversos ambientes de instalação do “Partido”.

Foi a partir da Vila Leste e de seus atores que pude ser provocado para a complexidade das relações travadas entre moradores e integrantes do “Partido”, e instigado a estudar as ações das igrejas pentecostais e as relações simbióticas dos convertidos a Cristo com o PCC.

A dinâmica da vida e a dinâmica do crime

Não buscamos neste trabalho realizar um quadro histórico da megarrebelião de 2006, mas sim, a partir desse evento, compreender a inserção do PCC dentro das favelas e bairros pobres de São Paulo. Busco apresentar as relações dos moradores da favela da Vila Lestes com os integrantes do “Partido” e com as igrejas pentecostais.

No ano de 2006, as eleições para o governo do Estado de São Paulo se aproximavam, quando no segundo domingo do mês de maio uma série de ataques³⁴ a policiais militares, bombeiros, delegacias, bases policiais e incêndios a ônibus colocaram o PCC novamente em evidência nacional; as discussões sobre a violência e o sistema

³⁴ Os recentes conflitos entre PCC e Rota (Rondas Ostensivas Tobias de Aguiar) estão sendo analisados em campo, e as informações armazenadas em diário de campo. Como esta pesquisa segue um recorte histórico e temporal, os atuais conflitos não serão amplamente analisados.

carcerário estadual e nacional se multiplicavam em canais de televisão, meios universitários, rádios, páginas de internet e revistas, tanto nacionais como internacionais. O jornal Folha de São Paulo, em sua página de internet, atualizava os leitores a respeito das ações do PCC. Repórteres do Brasil e de vários países do mundo buscavam informar e compreender o que de fato ocorria.

Ataques simultâneos “pipocaram” em diversos pontos da cidade, e o maior centro econômico do país ficou em estado de caos, as ruas esvaziaram-se, escolas e universidades cancelaram as atividades - a PUC-SP, por exemplo, cancelou as atividades acadêmicas e administrativas de seu *campus*. Através de nota, a reitoria justificou o cancelamento das atividades acadêmicas e administrativas por falta de segurança³⁵.

Sistemas de entregas de redes de alimentação interromperam os serviços³⁶ e o estado de caos tomou conta da cidade. “Os shoppings Iguatemi, Frei Caneca, Continental, Pátio Higienópolis e Market Place não abriram na segunda-feira, dia 15/05/2006. As lojas do Interlagos Shopping estão fechadas, mas as dependências do shopping funcionam normalmente”³⁷

O jornal alemão *Der Spiegel* sustentava a ideia de uma tomada de poder por parte de criminosos.³⁸ Segundo a Secretaria de Segurança Pública do Estado de São Paulo (SSP-SP), a onda de ataques simultâneos ocorreram em consequência da transferência das principais lideranças do PCC para presídios de segurança máxima. Como resposta às ações da SSP-SP, somado ao descaso e descompromisso do governo estadual paulista em oferecer condições adequadas de cárcere e contra as constantes e humilhantes condições que os familiares eram submetidos, membros do PCC iniciaram os ataques. “*Segundo balanço divulgado terça-feira (16/05/2006) pelo governo do Estado, foram 251 ataques*

³⁵ Em nota, a reitoria da PUC-SP informa aos alunos e à comunidade o cancelamento das atividades. "Em virtude da situação de insegurança generalizada na cidade, que implica em risco para a população de estudantes, funcionários e professores". Segundo a PUC-SP, a volta às atividades será informada no site da instituição (www.pucsp.br) e por mensagem eletrônica. Folha online, 15/05/2005

³⁶ O sistema de entrega do Mc Donald's foi cancelado na segunda-feira dia 15/05/2005 e normalizado somente no dia seguinte. FONTE. Folha de São Paulo online acessado as 19h40

³⁷ Folha de São Paulo editado no dia 19/05/2006 com o título: **Onda de violência fecha ao menos seis shoppings em SP**

³⁸ Texto assinado pelo correspondente Marcelo Crescenti da BBC em Frankfurt. Folha de São Paulo no dia 02/10/2006, com o título: Revista alemã classifica São Paulo como “laboratório da violência”

*em diferentes pontos do Estado. No total, 115 suspeitos foram presos e outros 71 foram mortos em supostos confrontos”.*³⁹

No que tange ao número de mortos, os dados revelam a intensidade do confronto.

“Ainda segundo o balanço parcial, as ações contra as forças de segurança causaram 44 mortes - 23 policiais militares, 6 policiais civis, 3 guardas municipais, 8 agentes de segurança penitenciária e quatro civis, entre eles a namorada de um policial. Ficaram feridos 22 PMs, 6 policiais civis, 8 guardas municipais, 1 agente penitenciário e 16 cidadãos”.⁴⁰

Afinal, o que de fato ocorreu naquele mês de maio? Quem ordenou os ataques? Quais eram os seus reais objetivos?

Os ataques de 2006 apresentaram o significativo poder de organização do PCC e de seus membros, a agilidade do sistema de comunicação e a unidade dos membros em torno das mensagens de seus líderes. Os eventos de 2006 deram visibilidade nacional e internacional ao PCC, a grande mídia reservou grandes espaços em suas grades horárias para debater o tema, e logo o “Partido” se fez conhecido.

Em um primeiro momento, a Secretaria de Segurança do Estado de São Paulo buscou apresentar o PCC como um mal a ser superado e eliminado. O diretor do DEIC na época, Godofredo Bittencourt, afirmou, ao justificar a transferência dos integrantes do PCC para os presídios de segurança máxima:

O PCC é uma organização falida. Não posso dizer que está morta, porque é uma sigla forte, é como um câncer fica sempre um pontinho. Mas é um câncer controlado, que vamos, com paciência, extirpar. (SOUZA, 2007, p. 226).

As suposições de Godofredo Bittencourt se mostraram inconsistentes; diferentemente de seus apontamentos, atualmente o PCC faz parte do cenário e da realidade de São Paulo. O “câncer” não foi extirpado, tampouco controlado. A única afirmação do diretor do DEIC à época, que parece ter uma grande consistência (antes inimaginável), é esta: “*O PCC é uma sigla forte*”.

Essa força advém justamente de sua interação no cenário do sistema carcerário e das favelas e bairros pobres de São Paulo. O modo como o “Partido” condensa os atritos

³⁹ Folha Online, 17/05/2006.

⁴⁰ IDEM.

e apresenta uma dinâmica de organização, é determinante para a sua inserção nos espaços onde se faz presente.

“Hoje em dia as coisas são mais controladas, não é mais como antes, antes da facção. Antes era bagunçado, era morte, ninguém respeitava ninguém, qualquer treta, ia lá e matava, roubava a casa dos outros, a casa dos vizinhos. Era terra de ninguém, antes era assim. Hoje em dia as coisas estão controladas, não tem não tem mais esse negócio de roubar a casa do vizinho, não tem mais esse negócio de treta e de morte entendeu? Hoje esta mais controlado, isso depois que a facção veio. Eu tenho vários trutas que são irmãos, muitos morreram, outros estão presos, outros na rua. (Carlos, entrevista realizada em julho de 2012)”.

O que disse Carlos foi semelhante ao que afirmaram diversos outros entrevistados da Vila Leste. Ao comparar a realidade da Vila Leste, antes da inserção do PCC, constatei que os entrevistados relatam um ambiente de violência generalizada, ausência de leis, “terra de ninguém”, mortes banais, roubos e estupros. A partir da entrada do PCC na Vila Leste, esse ambiente de conflitos e mortes, essa “terra de ninguém” passa a ser organizada a partir das leis do partido.

O cenário de caos nas favelas era semelhante ao encontrado no interior do sistema carcerário. Com a chegada de membros do PCC, há uma remodelação nas relações cotidianas; favelas, bairros, vilas e periferias de São Paulo são transformadas, um novo código de leis é inserido e há um reordenamento nas relações de poder. As desavenças, atritos, roubos, mortes banais, estupros, são abolidos por um novo código de ética e conduta, agora, controlado pelo PCC. As favelas e bairros controlados pelo PCC apresentam uma dinâmica própria, com leis próprias, relações de poder e controle, assistência e punições. Não cumprir as ordens do “Partido” é uma falta grave e imperdoável.

O Primeiro Comando da Capital é uma das redes de engajamento mais ativas da Vila Leste, a organização do “Partido” e as regras estabelecidas por ele nas comunidades em que atua fazem parte de um jogo de relações e de contatos. Embora associado a um “mal a ser combatido”, o PCC é uma realidade na Vila Leste e se configura enquanto uma rede, do mesmo modo como outras tantas existentes.

Com a chegada do PCC, houve uma profunda alteração no cotidiano da Vila Leste, as brigas, as mortes, os assaltos nas casas dos moradores passaram a fazer parte de um

cenário do passado. Com o estabelecimento das ideias do “Partido”, os moradores assistem um significativo processo de mudança, descrito em detalhes por Carlos:

“O partido é o seguinte: a parte boa do partido é que mudou tudo, por exemplo, o que tinha antigamente mudou, não tem mais. Antigamente era bagunçado, se você arrumasse uma confusão aqui, você pode crer que mais tarde alguém ia morrer, já aconteceu várias vezes isso aqui, eu já vi gente morrer por roda de carro, por causa de bebida, um ameaçar o outro, o cara no mesmo dia, na hora, saía e pegava a arma e matava. Hoje em dia não tem mais isso, para matar tem que ter permissão do Partido”. (Carlos, entrevista realizada em julho de 2008).

A descrição de Carlos relata a “parte boa” do partido. As confusões são resolvidas a partir de “debates”, não há mais a possibilidade de mortes aleatórias, pois “para matar tem que ter permissão”. O modo como os membros do “Partido” solucionam os seus conflitos atrai o respeito dos moradores e colocam o partido sob o signo da confiança e legitimidade. Tal aspecto não foi abordado somente por Carlos, em minhas caminhadas de campo pude constatar a credibilidade dos membros do “Partido” e de suas leis.

Muitos membros do “Partido” são moradores antigos da Vila Leste, conhecem e convivem com os demais moradores, os mais velhos acompanharam o crescimento de garotos que passavam as tardes jogando futebol nas ruas e reconhecem “a caminhada dos irmãos” após o ingresso no PCC. Conforme relata Carlos: “eu tenho vários trutas que são irmãos, muitos morreram, outros estão presos, outros estão nas ruas”.

Com o ingresso do PCC na Vila Leste não há mais mortes à toa, exceto com autorização dos membros do “Partido”. Segundo Kadu :

“(…) Todos sabem das regras, vida se paga com vida, as regra existem para manter o controle da favela, não tem nada acima da lei do partido” (Kadu, entrevista realizada em abril de 2012).

De onde realmente vinham tais ordens, por que deveriam ser executadas, quais as consequências do descumprimento de tais ordens? Essas questões são analisadas por Carlos:

“Quem permite são os irmãos mesmo, os irmãos da região de onde você mora, que comandam aquela área ali, são eles que dão, como se diz, o alvará pra matar ou não. Quando tem alguma treta, tem que colocar na mesa e conversar, ver quem tá certo e quem tá errado e ver o que se pode fazer para resolver o problema. A Vila Leste tem sua lei, não só a Vila Leste, mas também fora, de outras quebradas também tem esse sistema”. Em cada quebrada você tem um disciplina da quebrada, é ele

[o ‘disciplina’] que vai ser o responsável por controlar a situação e manter a favela sob controle.”

Carlos acrescenta ainda:

“(…) se ocorrer de alguém matar sem permissão, acontece o mesmo que aconteceu com um maluco aqui, ele matou sem autorização, hoje ele esta fugitivo, teve que fugir pra não morrer, entendeu? Veja só o problema, ele não respeitou as leis e teve que fugir pra não morrer, teve que sair da favela, abandonar a quebrada, isso porque ele matou sem a autorização”. (Carlos, entrevista realizada em julho de 2012.)

Segundo Carlos, a permissão é dada direta pelos membros do “Partido”. Os membros do PCC da Vila Leste apresentam aos moradores o código de conduta que deve ser seguido e obedecido, segundo o estatuto, os atritos devem ser levados até os “irmãos” para que eles apresentem as “melhores saídas” para os problemas vigentes, tudo é decidido por um “debate”, uma reunião onde os irmãos colocam os seus pontos e decidem sobre os problemas. A desobediência às leis estabelecidas tem consequências graves; “vida se paga com vida”, como disse Kadu. Carlos descreve a desobediência de um “maluco” que não cumpriu uma das principais leis do “Partido”: não matar. A consequência do “maluco” já havia sido explicada por Kadu: “vida se paga com vida”.

“Não matarás”, é o quinto mandamento do Êxodo e um dos principais do PCC. Nas áreas controladas pelo “Partido” mortes aleatórias são abominadas e a resolução dos atritos a partir de debates é o caminho a ser seguido.

O ingresso ao PCC na Vila Leste

“Vida dura que não aceita falhas e num vacilo seu a sua vida pode estar acabada”. (Alerta Vermelho, 2010).

O ingresso no PCC está diretamente associado a observações das condutas dos futuros membros. É necessário que o candidato apresente uma vida de “proceder”⁴¹ (BIONDI,2010); em entrevista com Kadu fui informado sobre as regras básicas do “Partido”.

“O malandro tem que provar que tem proceder. (Kadu, entrevista realizada em abril de 2012)”.

⁴¹ Para ser aceito no PCC é indispensável uma caminhada com “proceder”, ou seja, uma vida com coerência aos princípios na caminhada do crime. O candidato precisa ser articulado, correto, humilde, apresentar um ímpeto de liderança e respeito às condutas da bandidagem.

O que Kadu chama de “proceder” é uma chave de leitura determinante para se compreender a vida do integrante do PCC.

O que afinal é o proceder?

“O proceder é o comportamento que se espera do ladrão quem tem uma caminhada no mundo crime” (Kadu, entrevista realizada em abril de 2012).

A partir da verificação deste primeiro critério (proceder) o “malandro” pode ser considerado “primo”; após mais um tempo na caminhada, o “primo” é convidado a ser batizado e vira “irmão”. O irmão é o membro oficial, filiado ao PCC, que passa pelo processo de batismo. O batismo segue um rito de passagem, pois é um momento determinante para a futura caminhada do sujeito. Ao tornar-se irmão, o batizado assume todas as responsabilidades de sua nova caminhada. Segundo Kadu, há um tempo o batismo era marcado por uma cerimônia que reunia vários batizados em um mesmo dia. De acordo o seu depoimento:

“Antigamente os irmãos faziam um churrasco no dia do batismo, o general⁴² mandava alugar um sítio e fazia um churrascão para comemorar o batismo. Hoje a coisa mudou, o controle está mais solto, não dá mais para fazer aquele batismo de antigamente. Até porque tem muito malandro que é batizado e nem é da correria, eles pagam a mensalidade, tem dinheiro e não fazem nenhum corre pelo “Partido” (Kadu, entrevista realizada em abril de 2012).

O processo de mudança:

Como era o batismo de antigamente, o que tinha que não tem mais no de hoje, e por que mudou?

“Antes tudo era diferente, o malandro tinha que provar que tem proceder, quando tinha batismo era um barato diferente, o malandro ficava esperando, sabia que naquele dia ele ia se tornar irmão, por isso, tinha que ter lealdade. O malandro tinha que jurar a lealdade com gota de sangue, jurava lealdade ao “Partido”, jurava lealdade ao seu irmão, jurava não cometer falha, colocava o sangue no papel e aí sim ele jurava seguir o “Partido”. Depois do juramento tinha uma churrascada, com mulherada pra comemorar. Quando tinha o batismo, todas as cadeias já

⁴² Posto elevado na hierarquia do PCC, muitos estudiosos acreditam que o estilo de organização rigidamente piramidal, não cabe mais ao PCC. Essa suspeita se sustentou em alguns momentos em minhas entrevistas, pois o Kadu, em muitos momentos, sustenta a mudança na organização do “partido”.

sabiam de tudo, os irmãos de vários lugares já estavam sabendo”. (Kadu, entrevista realizada em abril de 2012).

Todo irmão primeiramente passa por um processo de avaliação, e antes de se tornar irmão (oficialmente, batizado) há a indicação de algum membro do “Partido”. O irmão que indica outro é conhecido como padrinho. O padrinho é responsável pela vida e a caminhada do indicado; ao indicar alguém para ser batizado o padrinho assume um compromisso pela vida deste sujeito, e caso o recém-ingresso dê “mancada”⁴³, o padrinho é convocado a prestar contas.

O ritual de batismo passou por várias mudanças, e não há unidade para todos os integrantes do PCC. Compartilhamos essa constatação com as afirmações de DIAS, (2001) que assim se refere às variações do ato do batismo:

“O ritual presente no *batismo* de novos integrantes do PCC é muito variado, a depender do local e das condições onde ele ocorre. Normalmente, porém, o rito consiste apenas na leitura do estatuto do PCC e no juramento de fidelidade a ele”. (DIAS, 2001, p.253).

Este é o cenário do PCC na Vila Leste, suas estruturas, modos de organização e leis de convivência devem ser acatados por todos e todas que vivem em suas regiões de controle. Inicialmente as “leis” ou os “salves” eram válidos tanto no interior das penitenciárias e casas de detenção como para “*os irmãos que estão no ‘corre na rua’*”⁴⁴; mas, atualmente, as duas realidades (vida prisional e vida fora do sistema carcerário) são diferentes, pois os “irmãos” que estão fora do sistema prisional assumem comportamentos que destoam da lógica dos membros que estão em cárcere.

Na visão do Kadu:

(...) hoje está muito diferente, é mais fácil entrar para o “Partido”, e muitos que são irmãos não sabem do corre dos irmãos que estão presos. (Kadu, entrevista realizada em abril de 2012).

Kadu reconhece mudanças no eixo da escolha de novos membros, hoje é comum ter “irmãos” que não sabem do “corre dos irmãos” que estão presos; o juramento também não é mais um canal de fidelidade, pois segundo Kadu há muitos que pagam mensalidade e nem são “da correria”. Hoje, para muitos, o momento de ingresso no “Partido” é mais

⁴³ O mesmo que falha, erro, não cumprimento das normas que regem o “partido”.

⁴⁴ Filiados ao PCC que estão em liberdade ou fugiram do sistema prisional.

um status social do que propriamente um atestado de comprometimento com os ideais do PCC.

A afirmação de Kadu abre precedentes para interrogações sobre os critérios de adesão de novos “membros” ao “Partido”, e divergem das constatações de DIAS:

A escolha seletiva dos novos integrantes, bem como a responsabilização do *padrinho* por esta escolha, tem uma importante implicação no âmbito da organização: os “melhores” são escolhidos para ingressar no PCC. Por “melhor” nos referimos aqui à maior capacidade intelectual, de reflexão, planejamento, articulação, negociação e oratória (DIAS, 2001, p 254).

É este PCC que encontramos na Vila Leste, apesar de sabermos que há variações de um território para outro, de forma que não podemos afirmar que a realidade da Vila Leste representa um padrão.

A saída do PCC

Verificamos que o ingresso no “Partido” é resultado de observâncias, boa conduta e apadrinhamento; o indivíduo pode até recusar o convite para ingressar sem sofrer retaliações (DIAS, 2001), mas o ato de saída depende muito do comportamento durante o período em que ele foi “irmão”. A saída pode ser tanto voluntária como involuntária.

2.4.1. Saídas voluntárias

No caso de saídas voluntárias, Kadu salienta:

“É de boa, se você não deu mancada, não deixou rastros, tem conceito, você sai de boa, os caras rasgam o papel e sai de boa. Mas não pode se arrepender, pois o crime não é bagunçado” (Kadu, entrevista realizada em julho de 2012).

É importante destacarmos a importância do “papel”, neste caso o estatuto. O irmão que quiser deixar o “Partido” precisa ter certeza de sua decisão, pois segundo Kadu, não há espaço para arrependimentos, pois o “crime não é bagunçado”, uma vez que o “papel é rasgado” (estatuto), o indivíduo não tem mais compromisso de cumprir com as diretrizes do “Partido”, muito menos ser coberto com as leis que regem o PCC.

O papel rasgado faz alusão à subjetividade do rito de saída do PCC, pois não há um momento em que de fato o estatuto seja rasgado. Do mesmo modo, no momento do ingresso⁴⁵ há o rito de entrada com juramento de lealdade ao estatuto, gotas de sangue despejadas sobre o papel (estatuto), churrasco com bebidas e mulheres, a saída voluntária é marcada com o consentimento do “irmão” e dos demais “irmãos” de “caminhada no crime” sobre o fim de uma trajetória.

O juramento de lealdade ao “Partido”, realizado no ato de ingresso, é ignorado nas ocorrências de saída voluntária; é necessário “conceito” para sair de boa. Neste caso, podemos compreender “conceito” enquanto uma série de comportamentos compatíveis aos ideários do “Partido”, ser respeitoso ao estatuto, honrar as diretrizes do “Partido”, viver com “proceder” e “sem dar brecha” ou portas para ser cobrado por “irmãos” ou policiais.

É comum associar as saídas voluntárias somente à conversão religiosa, sobretudo ao pentecostalismo; segundo Kadu essa possibilidade existe, mas não é única:

“Para sair não precisa ser só ir pra igreja, tem vários irmãos que decidem sair porque o tempo deles acabou, é que nem eu te falei, se o maluco tem proceder, não correu pelo errado, respeitou o estatuto e os irmãos, sai de boa. É lógico que tem muitos que saem porque se converteram. Quando Deus chamou não dá mais para segurar, tem que sair, mas tem muitos que saem sem ser pra ir pra igreja”. (Kadu, entrevista realizada em julho de 2012).

Os desligamentos com o “Partido” devem ser discutidos e colocados sob análise das lideranças regionais. Após o “debate” e análise da “caminhada” dos “irmãos”, há uma decisão individual a respeito de cada pedido de desligamento. Se for constatado oportunismo por parte de “irmãos” para saída, eles serão considerados traidores e certamente sofrerão represálias pelo oportunismo.

Se o “irmão” receber o aval de saída, não será mais conhecido como irmão, tampouco poderá recorrer às prerrogativas jurídicas e assistências do “Partido”.

“Quem tá fora tá fora; e quem tá dentro, tá dentro”. (Kadu, entrevista realizada em julho de 2012).

⁴⁵ Não podemos deixar de considerar as diversas possibilidades de ingresso, estas já foram assinaladas anteriormente.

2.4.2. Saídas involuntárias

O estatuto é para o PCC o documento responsável por manter comportamentos e condutas de seus membros. A lealdade ao estatuto é mantida como palavra de ordem em análises de campo na Vila Leste. Ser leal e manter a “disciplina do comando” através do cumprimento dos artigos previstos no estatuto são questões de ordem. Portanto, os membros que não cumprirem suas obrigações sofrem diversas represálias.

É tipo assim, se não andar na linha e no estatuto é expulsão. Se o irmão não andar no certo uma vez é advertido; agora, se sair da linha é expulso, não tem essa de dar muito mole, se der brecha vira bagunça. Se não andar pelo estatuto é expulso mesmo, e dependendo da brecha pode até subir, ir pro cemitério mesmo. (Kadu, entrevista realizada em julho de 2012).

As saídas involuntárias resultam de indisciplina e falta de cumprimento com as diretrizes do “Partido”. Membros que não cumprem as normas do estatuto são expulsos e deixam de ser cobertos com as “assistências” concedidas pelo PCC. Uma vez expulso, o ex-membro fica proibido de dar qualquer tipo de informação que coloque o “Partido” sob risco.

Se o maluco for expulso e abrir a boca, roda. Se foi expulso é porque não corria pelo certo. Se abrir a boca, morre. Também funciona para quem sai de boa, se abrir a boca e der problemas para a irmandade não tem dó. (Kadu, entrevista realizada em julho de 2012).

Segundo Kadu, se o indivíduo foi expulso é “porque não corria pelo certo”. A expulsão tem consequências diversas. Se “abrir a boca não tem dó”, ou seja, se o ex-membro expulso der informações que coloquem o “Partido” sob risco, sua vida não será poupada. É morte certa.

As saídas involuntárias de membros do PCC ocorrem como um mecanismo de proteção dos interesses do “Partido” e manutenção das prerrogativas previstas no estatuto. As expulsões ocorrem para manter a ordem e disciplinar os membros atuantes, de modo que todos saibam que a manutenção dos pressupostos do “Partido” está acima de tudo e de todos.

Ser expulso do PCC é um sinônimo de incapacidade e rebaixamento na “vida do crime”. O indivíduo expulso, carrega a marca da incapacidade de se manter na “irmandade” e dificilmente consegue ter o mesmo prestígio no “mundo do crime”.

CAPÍTULO – II

1. O irmão que virou irmão: A conversão de Kadu ao Pentecostalismo

No primeiro capítulo apresentamos o território da Vila Leste, as relações e disputas travadas neste espaço anterior à ascensão do PCC nas periferias de São Paulo, e todas as transformações que ocorreram na Vila Leste a partir da chegada do PCC.

Para Kadu, sua família e os demais moradores da Vila Leste, há diversas situações que colocam em evidência as necessidades de boas relações com as diversas redes que existem na Vila Leste. Saber transitar por elas é uma regra do jogo da vida, e essa regra Kadu soube desde o início como deveria ser cumprida.

Apresentamos o panorama que compõe a Vila Leste, suas casas, a segregação interna entre parte baixa e parte alta, o descaso das autoridades públicas em atender às necessidades dos moradores e a sua contrapartida ao solucionar suas necessidades de modo autônomo. Também apresentamos o papel do PCC, os conflitos anteriores à sua chegada e as transformações com a hegemonia do “Partido”. Neste cenário, observamos a aproximação de Kadu ao PCC; e a partir de Kadu, o PCC sendo apresentado em uma esfera mais ampla, sobretudo com a “megarrebelião” de 2006. A partir de Kadu, pudemos observar e analisar as dinâmicas internas do PCC e as mudanças estruturais em sua lógica de escolha de novos membros, batismo e a manutenção a partir das mensalidades.

Evidenciamos o primeiro batismo de Kadu, no momento de ingresso no PCC, o “batismo de sangue” e o juramento ao estatuto. Contudo, essa não foi sua primeira

experiência em rituais de batismo, Kadu revelou mais de sua trajetória no “mundo do crime”, as portas de ingresso e saída do “Partido”, seus amigos e irmãos, tanto da igreja como do PCC.

Neste capítulo, iremos observar a trajetória de Kadu até o seu segundo batismo, desta vez em uma igreja evangélica pentecostal. Esse novo ritual não foi acompanhado pela ruptura com o antigo pertencimento, ao contrário, Kadu passa, a partir daí, a se mover nas duas redes de engajamento (PCC e Igreja), e esse seu novo trânsito coloca em dúvida o binômio da conversão ao pentecostalismo com associação imediata de rupturas, além de nos apresentar um novo pentecostalismo, inteiramente dinâmico e complexo.

As definições utilizadas para análises do pentecostalismo deixaram escapar a complexidade da trajetória de Kadu e outros diversos sujeitos. A análise de sua conversão coloca-nos à frente do desafio de analisar e compreender este cenário de mudanças.

Iremos aprofundar os relatos da conversão de Kadu. Tais relatos são entrevistas realizadas em momentos diversos, durante os anos de 2011 e 2012, além das observações de campo feitas no interior da denominação evangélica pentecostal que Kadu faz parte. A partir da densa descrição de sua conversão, iremos buscar nas estruturas teóricas da sociologia da religião caminhos que justificam as experiências travadas na Vila Leste.

Optamos por nos aprofundar em relatos consistentes, já que assim conseguimos particularidades e pormenores indispensáveis à análise e compreensão da natureza da conversão.

Quando o “irmão” vira “irmão”.

Estou na casa do Kadu para uma entrevista sobre sua conversão, como de costume, o som muito alto com um rap nacional. Kadu prepara um café e deixa o aparelho de DVD ligado com vários clips. Enquanto prepara o café, alguma coisa lhe chama atenção na televisão. Retorna para a sala e diz: ‘Eu tenho uma arma igualzinha essa do clip’. Olho para a televisão e a cena do clip retrata uma ação de roubo com diversas armas. Kadu insiste: ‘O meu 38 é igualzinho esse, vou te mostrar’. Rapidamente sobe até seu quarto e me mostra a sua arma. Retira todos os cartuchos e insiste na semelhança entre a sua arma e a do clip. ‘Olhe só, não é igual?’

‘Essa aqui é a única que sobrou, o meu xodó, não largo dela. Tinha várias, um monte, mas agora só me sobrou essa. Mas é igual a do clip, não é?’

Fiquei um pouco assustado, pois iríamos discutir sobre sua conversão e suas atribuições na igreja. Como ele esperava orgulhoso, aguardando uma resposta minha, acabei soltando: ‘Parece mesmo, mas por que você

tem uma arma em casa, você não está correndo na igreja?’ Sem dizer nada, Kadu pega a arma, sobe ao quarto para guardá-la, depois me serve o café e diz:
‘O que você quer saber mesmo?’ (Registro de Campo).

Durante décadas, a conversão ao pentecostalismo foi acompanhada pelo binômio: ruptura e ascetismo. A historiografia do pentecostalismo no Brasil não concedeu espaços para análises da conversão fora desse binômio; recentemente, alguns trabalhos vêm apontando rachaduras nesta perspectiva. Com MARIANO (1999) verificamos fissuras significativas a ponto de permitir críticas ao ascetismo pentecostal, e rupturas no ato da conversão. As transformações no interior do pentecostalismo ganharam destaque analítico nas Ciências Humanas. ALMEIDA (2004) observa o processo de circulação entre os pentecostais; o que era impensável em décadas anteriores, hoje se constitui como característica definidora no pentecostalismo.

Por fim, vale a pena destacar a circulação no interior do próprio segmento evangélico como uma variação religiosa sem perda da identidade e sem compromisso com uma comunidade fixa. Uma experiência bastante individualizada e parcialmente comunitária. Tudo isto abre possibilidade ao indivíduo para compor ele mesmo seu padrão religioso evangélico pentecostal, com mais ou menos música, mais ou menos corporalidade, mais ou menos doutrina, mais ou menos moral, mais ou menos teologia, em suma, ele mesmo pode realizar a “calibragem” da sua religiosidade e do seu vínculo com um grupo específico. (ALMEIDA, 2004, p.08.)

Acreditou-se, por muitos anos, que a conversão ao pentecostalismo era derivada de uma profunda ruptura do convertido ao “mundo” anteriormente pertencente. Se antes da conversão o indivíduo frequentava bares, fumava, jogava futebol, com a conversão ao pentecostalismo, tais comportamentos deveriam ser abandonados.

O ascetismo se justificava com um comportamento de absoluta renúncia e interiorização dos valores pentecostais. Para MARIANO (2008), no pentecostalismo não há rupturas, mas sim continuidades, sobretudo com a matriz religiosa popular.

A expansão da Igreja Universal reforçou a interpretação que enfatiza a continuidade entre Pentecostalismo e religiosidade popular. Pois, para tirar proveito evangélico da mentalidade e do simbolismo religiosos

brasileiros, sua liderança rearticula sincreticamente crenças, ritos e práticas das religiões concorrentes. Realiza sessão espiritual de descarrego, fechamento de corpo, corrente da mesa branca, retira encostos, desfaz mau-olhado, asperge nos fiéis galhos de arruda molhados em bacias com água benta e sal grosso, substitui fitas do Senhor do Bonfim por fitas com dizeres bíblicos, evangeliza em cemitérios durante Finados, oferece balas e doces aos adeptos no dia de Cosme e Damião. No caso da Universal, a continuidade não ocorre prioritariamente com o Catolicismo popular. Sarcástico, trecho abaixo de uma reportagem, ao descrever uma sessão de descarrego da Universal, fornece ideia e imagens da homologia existente entre certas crenças e práticas desta igreja e as da Umbanda, por exemplo. MARIANO, 2008, p.87.

Mariano ressalta as continuidades no âmbito da religiosidade popular, continuidade esta que ocorre também em outros aspectos, permitindo ao novo convertido uma extensão de sua vida cotidiana anterior à conversão.

Kadu relata em sua conversão aspectos anteriores que contribuíram para sua aproximação com a Igreja. Diferentemente do quadro de conversão que associa a aproximação e conversão religiosa com problemas de saúde, desemprego, conflitos conjugais, depressão ou outros problemas, a conversão de Kadu é profundamente atípica. Sua trajetória é acompanhada por um íntima aproximação com igrejas evangélicas, com frequência informal e esporádica. O universo pentecostal não era novidade para Kadu e sua família. Essa aproximação evidencia uma das problemáticas norteadoras desta pesquisa: que tipo de pentecostalismo e que tipo de conversão estão em cena?

Kadu apresenta relatos de sua vida anteriores à sua conversão; apresenta aspectos de seus envolvimento com o mundo do crime, as disputas pelo domínio territorial da Vila Leste e sua aproximação com o mundo pentecostal, principalmente pela música oferecida por uma igreja local: o rap.

Kadu antes da conversão religiosa:

Antes de me converter eu me adiantava, saía com alguns parceiros meus, fazia assaltos direto, a gente se adiantava mesmo. Eu não trabalhava, então o negócio era se adiantar, eu arrumava um dinheiro e gastava tudo, com roupa e tênis. Os meus vícios eram esses. Nós tínhamos uma equipe boa, meninos bons, já tínhamos os caras certos,

não escolhíamos ninguém. Os caras davam as fitas⁴⁶ para nós e íamos buscar, era isso, a gente buscava e trazia. Isso era antes de eu ser batizado no “Partido”. Nisso eu comecei a conhecer vários irmãos que já estavam na correria com o partido, então começou esse contato, antes do partido era nós por nós mesmo.

Era o nosso grupo que dominava a área aqui, mas tinha várias tretas, todo dia morte, era guerra mesmo, ninguém vacilava. Também, a gente corria pelo certo, pegava as nossas fitas⁴⁷, eram todas fora, ninguém fazia fita aqui dentro. Nisso, começou o movimento dos irmãos nas cadeias, eu já sabia que os caras se uniram dentro das cadeias e uns parceiros meus que eram presos já falavam sobre as ideias do partido, mas no começo era só nas cadeias, depois que começou a chegar esse movimento dos irmãos do partido nas favelas, os irmãos eram soltos e começaram a desenvolver essas ideias aqui dentro, e como eu conhecia vários irmãos que tinham sido presos, comecei a ser primo leal, só depois eu entrei e fui batizado.

A minha conversão não foi surpresa, eu sempre ia a uma igreja aqui, mas gostava mais de ir para o salão mesmo, curtir a noite. Teve um dia que eu estava voltando do salão e encontrei um parceiro que estava indo para uma igreja que tocava um rap.

Eu comecei a frequentar essa igreja mais pela música mesmo, era só pelo rap, o pastor era gente boa e tudo, mas ficava mais vidrado na música. Depois que comecei a frequentar, alguns irmãos da igreja começaram a colar na minha casa, fiz amizades com alguns irmãos da igreja e passei a frequentar mais, mas nunca fiquei assim na pegada de só correr na igreja, foi um processo, aos poucos eu fui ficando mais na ativa. (Kadu, entrevista realizada em janeiro de 2013).

Até o momento verificamos na trajetória de Kadu a abertura de portas para compreendermos as suas “correrias” e “adiantamentos”, e o cenário da Vila Leste anterior à chegada do PCC. Da mesma forma, diversas áreas periféricas da cidade apresentam mudanças estruturais a partir da inserção de um organismo que regule os conflitos no sistema carcerário e os conflitos nas periferias de São Paulo, ou seja, antes da ascensão de mais um empreendedorismo moral (BECKER, 2008).

Kadu nos proporciona a possibilidade de análise sobre as mudanças nos espaços da cidade, sobretudo no final da década de 1990 e na primeira década do ano 2000; da mesma maneira, nos proporciona a análise dos significativos processos de transformação que ocorrem no interior do pentecostalismo. Esse duplo processo de mudança apresentado por Kadu (conjuntura do sistema carcerário e das favelas, anterior ao ingresso do PCC, e processos de transformações no interior do pentecostalismo) é determinante para

⁴⁶ Roubos, assaltos, sequestros.

compreender a sua própria trajetória. É justamente a partir de tais transformações que ancoramos as hipóteses desta pesquisa.

Durante décadas, o pentecostalismo foi associado a uma cosmogonia ascética e de profunda distância com comportamentos e valores que sempre foram comuns a sociedade brasileira. Até meados da década de 1990, era facilmente possível identificar indivíduos evangélicos a partir de suas vestimentas; os homens com a tradicional calça social e camisa com terno e gravata e uma bíblia embaixo do braço; e as mulheres com saias longas, sem decotes nas blusas de cor única, sóbrias, os cabelos longos, muitas vezes presos em coque, sem nenhum toque de maquiagem e despojadas de acessórios, como brincos colares ou afins; o padrão chamado de “usos e costumes de santidade” MARIANO (2012).

Contudo, Kadu joga luz sobre um momento de transição no interior do pentecostalismo, sua trajetória revela o seu duplo batismo; o primeiro foi determinante para o ingresso no PCC, já o segundo, como uma primeira experiência em uma igreja evangélica pentecostal.

Os dois batismos de Kadu revelam a fluidez das organizações em que Kadu transita (PCC e Igreja). Para os pentecostais e estudiosos do pentecostalismo, tal fluidez era inconcebível até meados da década de 1990. A partir deste momento histórico, o ethos pentecostal vem passando por profundas e constantes transformações, ao ponto de qualquer tentativa de definição inevitavelmente apresentar significativas lacunas.

O visual dos evangélicos avançou rapidamente nos últimos dez anos. Por isso, o estereótipo do crente, de Bíblia sob o braço, terno e gravata, não tem mais nada a ver com a realidade” (Caio Fábio, *O Globo*, 14/11/93).

A conversão de Kadu: o segundo batismo

Eu comecei ver tudo diferente e passei a pensar mais na minha família e nos meus filhos e que estava na hora de correr com Deus. Teve um domingo que eu fui para a igreja e o pastor perguntou a todos: quem queria se batizar? Ele sabia que eu corria pelo lado do partido e começou a pesar na hora do culto. Ele dizia que aquela era a chance que Deus estava me dando, eu acabei aceitando e me batizei.

Hoje eu confesso que eu fui mais pela emoção, acabei levantando a mão e me batizei. Se fosse agora, para eu me batizar do jeito que eu era e sem a explicação certa do que é batismo, eu não me batizaria. Foi na emoção mesmo. O pastor não explicou o que significava o batismo e eu acabei

entrando de juca⁴⁸ mesmo, sem saber as coisas. Por isso que eu sou ainda assim. Depois de um tempo eu mudei de igreja, o pastor não corria com minha família, e não deu a assistência que eu precisava quando precisava em meu casamento. Agora na igreja que eu estou é outra coisa, agora eu sei como funciona a palavra, o meu pastor explica tudo, explica as histórias da bíblia certinho.

Hoje eu entendo o significado do batismo, por que descemos nas águas e o que não podemos fazer mais. Se fosse hoje, sabendo o que significa o batismo do jeito que o meu pastor explica, eu me batizaria, mas do jeito que me explicaram não dá, assim não dava. Eu sei que quando eu me batizei o outro pastor queria mesmo era ganhar nome em cima de mim. Todo mundo sabia do meu corre, o pastor queria me laçar, ele falava que eu era peixe grande, sabia que era respeitado em várias quebradas, ele queria fazer o nome dele e o nome da igreja em cima de mim.

Depois que eu me batizei na antiga igreja, o pastor ainda me via ainda como da correria, quando tinha algum B.O⁴⁹ na igreja ele me procurava. Uma vez um irmão da igreja teve o seu carro roubado e o pastor pediu para eu fazer um corre e achar o carro, isso depois de ser batizado. Ele me batizou e nunca pediu para eu mudar, então eu achei que normal continuar na correria, até porque minhas correrias eram para a própria igreja.

Se ele quisesse que eu mudasse não ia me colocar em várias fitas depois de eu ser batizado, na verdade era tudo eu, tinha irmãs que tinham os filhos jurados e o pastor me colocava para desenrolar⁵⁰ com irmãos do partido. Várias vezes o pastor arrumava treta⁵¹ e pedia para eu resolver, tinha vários caras que queriam matar o pastor, mas comigo na igreja ele ficava suave⁵².

Isso começou a entrar na minha mente e pensei que não tinha problema ficar na correria, até porque o pastor sabia de tudo e nunca pesou na minha. (Kadu, entrevista realizada em janeiro de 2013).

Este é o momento que Kadu revela outra face do pentecostalismo e os jogos de sobrevivência, interesse e poder encontrados na Vila Leste. O seu primeiro contato deu-se em uma igreja com um público relativamente jovem e com uma linguagem voltada para o hip-hop, ao ponto dessa igreja ser conhecida como Igreja⁵³ do Rap. O pastor que conduz os trabalhos religiosos nesta comunidade encontrou em Kadu a oportunidade de manter seu grupo conhecido e homogêneo, afastando qualquer problema de roubo do templo ou dos carros dos membros, até porque, em sua igreja tinha conforme diz Kadu, um “peixe grande”.

⁴⁸ Quase que enganado, sem saber de fato o que significava este ato, o fez sob forte emoção.

⁴⁹ Problema.

⁵⁰ Conversar.

⁵¹ Brigas, confusões.

⁵² Sem correr perigo, protegido, tranquilo.

⁵³ Por razões de sigilo e segurança, o nome da igreja e o local de suas atividades não serão revelados.

Em relação à sua conversão, Kadu não apresenta um discurso de rejeição do mundo (WEBER, 82), ao contrário, suas “correrias no mundão” tornaram-se elementos constitutivos para a estabilidade da igreja, na medida em que o seu primeiro pastor coloca “vários B.O” para Kadu resolver. A ausência de um quadro ascético e de rupturas contrasta com as proibições apresentadas aos pentecostais durante boa parte das análises realizadas nesses grupos. MARIANO (2012) identifica as proibições que eram impostas aos pentecostais, a determinação de usos e costumes de santidade e a busca pela santificação a partir da renúncia com as coisas que pertencem a este mundo.

Para não serem corrompidos pelas coisas, paixões e interesses do mundo, líderes pentecostais procuram imprimir na conduta dos fiéis, desde a conversão, normas e tabus comportamentais, valores morais, usos e costumes de santificação. Infundem neles o desejo de viver o Evangelho de acordo com o mais puro ascetismo de rejeição do mundo, segundo a definição weberiana, de modo a distanciá-los de coisas e atitudes, valores e instituições do incrédulo, porém mundo circundante. (MARIANO, 1999, p.190).

O pentecostalismo apresentado por Kadu destoa da noção pejorativa que se sustentou sobre os “crentes” até a primeira metade do século passado. Kadu torna-se irmão da igreja; um “peixe grande”, respeitado, referenciado, um *ex-bandido* (TEIXEIRA, 2009) que embora tenha optado pela conversão religiosa, esta não lhe apresentou limites para com sua antiga vida. A conversão de Kadu apresenta um novo perfil pentecostal, que não adota mais o terno e a gravata como marco definidor de sua nova identidade.

As mudanças no eixo do pentecostalismo vêm sendo observadas entre diversos estudos recentes. DELGADO (2008), em sua dissertação de mestrado, acompanha as transformações no interior do mundo assembleiano. O título de sua dissertação sugere mudanças significativas na maior denominação pentecostal: *Nem terno nem gravata: as mudanças na identidade pentecostal assembleiana*, DELGADO, (2008). ALENCAR (2012) e CORREA (2012) também identificam um processo de significativas transformações no campo do pentecostalismo e sugerem novas perspectivas analíticas para este campo religioso.

Kadu foi nomeado diácono⁵⁴ de sua atual igreja, suas atribuições exigem responsabilidades e renúncias, e mesmo reconhecendo a manutenção de uma vida na “correria”, Kadu assinala a busca pelo caminho certo. Do outro lado, os seus outros irmãos (PCC) também exigem comportamentos adequados e exigem de Kadu a manutenção de uma vida sem “brechas”; desta forma, a sua dupla irmandade o coloca diante de constantes desafios, principalmente na busca pelo “certo” (seja qual for e de onde venha este “certo”), uma vida sem erros, sem “vacilos”, esta é a regra, pois como salienta a letra do Alerta Vermelho:

“Vida dura que não aceita falhas, e num vacilo seu a sua vida pode estar acabada”.

Alerta Vermelho

A dupla irmandade de Kadu: O irmão do “Partido” também é diácono.

Hoje eu tenho um cargo na igreja e isso já é diferente, eu sou diácono e sei que o meu pastor de agora não fez isso para me segurar na igreja. Pelas ideias dele eu vi o que ele queria. Ele quer que eu fique na igreja, corra pelo certo, eu sei que ele sabe de minhas correrias, mas me auxilia para buscar o caminho certo. A responsabilidade que o pastor me deu exige muita coisa e eu sei que eu devo estar correndo pelo certo.

Os irmãos do partido sabem que eu estou colando na igreja, eles não são bobos, estão cientes, o negócio é o seguinte, mesmo que eu não diga o comentário correto, e se eu tiver procedência errada a cobrança vem em cima de mim. Então, eu faço os meus corres, vou à igreja, mas não dou brecha para ninguém me cobrar, não envolvo ninguém, entendeu?

Eu já não sou nenhum primário, nenhum moleque, eu sei como anda a caminhada, isso quer dizer que eu não estou dando uma de louco, eu estou correndo na igreja e fazer coisa errada? Não é assim. Eu tenho uma procedência com os irmãos, sei como funciona, mas nunca dei brecha para ninguém.

Eu não vou para a igreja para me esconder, eu vou porque eu gosto mesmo. Os meus filhos e minha família estão na igreja, vários parceiros colam na igreja e isso me tranquiliza. Eu quero que meus filhos cresçam na igreja e sigam um caminho diferente do meu.

Quem sobe no púlpito da igreja tem que saber o que está falando, porque sempre tem alguém ali observando. Não vou dizer que os irmãos da correria vigiam, mas eles também vão para a igreja e se tiver coisa errada na igreja o barato é cobrado. Os irmãos do partido também acreditam em Deus, mas o seguinte, seguir, seguir mesmo a igreja e o partido, já é outra coisa.

⁵⁴ A função de diácono é variada conforme a tradição evangélica pentecostal. Limitamo-nos em oferecer significado a partir da Igreja Evangélica de Deus, igreja onde Kadu é membro. Nesta igreja, o diácono atua tanto em funções administrativas como litúrgicas. Os diáconos são responsáveis por administrar o culto, manter a organização da igreja durante os cultos, celebrar a Santa Ceia, abrir os trabalhos, assumir as responsabilidades pela portaria e cuidados gerais.

Primeiro quase ninguém da igreja sabe da minha correria atual, tem o pastor que sabe, também minha família, eu não sou bicudo para abrir a boca. Eu tenho a minha vida e não preciso abrir a boca para os outros cuidarem da minha vida, mas o seguinte: eu sei o que é certo e o que é errado e no mundão que a gente vive, se você não tem Deus, já era, o inimigo está solto querendo atrasar o nosso lado, mas é Deus mesmo que salva e eu não posso cair nas ciladas do inimigo. (Kadu, entrevista realizada em janeiro de 2013).

Diferentemente do que foi constatado por DIAS (2010), a igreja para Kadu não é um refúgio, tampouco a Bíblia um esconderijo; sua presença na igreja é justificada pelo seu gosto; para Kadu é tranquilizante ter seus filhos e família envolvidos nas atividades da igreja. Para “o partido”, o irmão do partido e também da igreja não se esconde atrás da igreja, ele tem responsabilidades a cumprir em sua dupla irmandade e revela isso em sua fala *“hoje eu tenho um cargo na igreja e isso já é diferente, eu sou diácono”*.

A igreja é um espaço público e, como tal, recebe diversos sujeitos. Na Vila Leste não é diferente, as igrejas ali instaladas não selecionam seus visitantes, tampouco impedem a entrada dos diversos públicos, portanto, a visita de irmãos do “Partido” além de não constituir uma novidade, também não deve ser vista como algo restrito a Vila Leste. Em diversas visitas a campo que realizei em Jandira, Itapevi, Barueri, Osasco Itaquaquecetuba, São Miguel Paulista e Ferraz de Vasconcelos pude verificar a presença de irmãos do “Partido” em diversas denominações pentecostais, não como vigias, mas sim como frequentadores e membros daquelas denominações pentecostais.

Kadu explica que esse fenômeno não constitui novidade, mas adverte que, embora os irmãos do “Partido” frequentem igrejas diversas, *“seguir, seguir mesmo a igreja e o partido, já é outra coisa”*.

É esse cenário de transformações no interior do pentecostalismo que constitui o elemento norteador desta pesquisa. As igrejas pentecostais da Vila Leste são resultantes desse processo de mutação, onde a convivência entre a dupla irmandade de Kadu revela as possibilidades ímpares de ser pentecostal.

E a posição da igreja frente à dupla irmandade de um de seus membros? Há legalidade na doutrina da igreja que permita isso? Quais são os ganhos e os prejuízos para a igreja em relação à manutenção ou saída do irmão diácono e do irmão do “Partido”?

A visão da igreja

“Então vereis outra vez a diferença entre o justo e o perverso, entre o que serve a Deus e o que não serve”. (Malaquias 3: 18).

Esse foi o texto utilizado na ministração do pastor João em um culto de domingo. A igreja estava cheia e Kadu e sua família estavam entre os presentes no culto; no final da pregação, o pastor enfatizou o texto de Malaquias comparando-o com Kadu. Com autoridade de sacerdote (WBER, 1999), suas observações não são questionadas e seu objetivo foi enfatizar que a conversão de Kadu é processual. Segundo o pastor João, “Deus estava observando Kadu e se alegrava com sua dedicação”, sabia de seus esforços e “não irá demorar muito tempo para que todos vejam a plena conversão do irmão Kadu aos caminhos do Senhor” (registro de campo)

Na Vila Leste, cada ordenamento social (MACHADO DA SILVA, 93) é responsável por manter o equilíbrio e evitar os conflitos diversos. As igrejas cumprem muito bem o papel de empreendedores morais (BECKER, 2008) assim como o próprio PCC, suas críticas ao crime, ao sexo antes do casamento, álcool, aos prazeres do “mundo”, são ouvidas nas diversas ruas e vielas da Vila Leste, mas nenhuma é encontrada fora da esfera religiosa. As críticas ocorrem a partir da demonização de tais atividades e na Igreja Evangélica de Deus⁵⁵ não é diferente.

A Igreja Evangélica de Deus foi fundada há dois anos, precisamente no dia 31 de abril de 2011. João é o pastor responsável pela condução das atividades juntamente com sua esposa, pastora Maria. Ambos são empresários de médio porte em uma cidade vizinha. Antes de abrirem a Igreja Evangélica de Deus, o pastor João e a pastora Maria foram membros por quase sete anos de uma igreja Pentecostal no centro do Itaim Paulista. Ambos foram ordenados ao pastorado e encaminhados aos cuidados dos casais. Casados há quase 35 anos e convertidos há 18, a trajetória dos pastores entrou no caminho de Kadu e de sua família.

A conversão ao pentecostalismo ocorreu em meados dos anos 1990 quando ambos tinham 33 anos. Anteriormente ao pentecostalismo, os pastores frequentaram a umbanda,

⁵⁵ Por razões de sigilo e ética o nome da igreja foi alterado para não identificar os sujeitos e o espaço da pesquisa. Substituímos o nome original para Igreja Evangélica de Deus, sua característica é pentecostal e não constatei ali a presença do modelo chamado “teologia da prosperidade”, bastante comum em boa parte das igrejas evangélicas pentecostais. Os cultos ocorrem às quartas e sextas, às 20h, e aos domingos às 18h30. É essa a igreja que o diácono Kadu, seus filhos, mãe, irmãos e sobrinhos frequentam; também é nesta igreja que a dupla irmandade do irmão kadu se manifesta.

o catolicismo popular e a Mahikari, religião de matriz japonesa que defende a renovação espiritual. O pastor João reflete a atual complexidade do campo religioso brasileiro, com as inúmeras ofertas de bens de salvação (BOURDIEU, 2007). Suas influências pelo mahikari, catolicismo, umbanda e pentecostalismo foram determinantes para condicionar sua atual cosmogonia. O sincretismo do pastor João e da pastora Maria revelam o sincretismo existente na religiosidade brasileira.

Em sua igreja, os pastores enfatizam o poder de transformação de Deus e a restauração através do poder existente no nome de Jesus Cristo, mas como fica a situação do “irmão” Kadu? Os pastores sabem de sua dupla irmandade? Os membros da igreja sabem? Há convivência por parte da igreja?

Em nenhum momento constatamos em campo a defesa do PCC ou da possibilidade de uma dupla irmandade em Kadu ou qualquer outro membro da igreja. Em todo momento, o pastor reconhece a dificuldade de conversão plena ante a realidade na Vila Leste e as mais intensas tentativas do “Diabo” em impedir que o “servo do Senhor se entregue verdadeiramente aos seus caminhos”. O pastor alertou Kadu sobre as tentativas do Diabo:

Kadu, o senhor manda lhe dizer o que esta escrito na sua palavra: “Sede sóbrios, vigiai, porque o diabo, vosso adversário, anda em derredor, bramando como leão, buscando a quem possa tragar”; (1 Pedro 5:8). Vigie irmão, pois o inimigo quer tirar você da igreja e te colocar atrás das grades. (registro de campo).

As críticas entoadas pelo pastor são legitimadas pelos seus membros. Na qualidade de profeta (WEBER, 99), o pastor goza da autoridade de negar o crime, o álcool, o sexo antes do casamento e indica os caminhos da salvação.

Para Weber:

Por “profeta” queremos entender aqui o portador de um carisma puramente pessoal, o qual, em virtude de sua missão, anuncia uma doutrina religiosa ou um mandado divino. Não queremos distinguir fundamentalmente entre o profeta que reivindica para si uma revelação totalmente nova, isto é, entre o “renovador” e o “fundador” de uma religião. Ambas as coisas podem estar entrelaçadas e, sobretudo, não é a intenção do próprio profeta que decide se de sua revelação nasce ou não uma nova comunidade; esta pode surgir também devido às doutrinas de reformadores não-proféticos. (WEBER, 1999, p. 303)

Neste sentido, podemos compreender que a missão do pastor da Igreja Evangélica de Deus é conduzir suas “ovelhas” segundo os mandamentos divinos; portanto, neste caso, o PCC não é legitimado pelo pastor e pela igreja, tampouco a dupla irmandade de Kadu.

No entanto, como o “Diabo” insiste em tentar desviar as “ovelhas” dos caminhos do “senhor”, a dupla irmandade de Kadu, o PCC, o sexo antes do casamento, o consumo de álcool, cigarro e outras drogas, são tratados como instrumentos do “inimigo” em sua jornada desviante. Compete ao profeta (Weber, 99) apresentar os caminhos para Kadu e reconhecer que sua permanência e intimidade como “irmão” do “Partido” são processos que tem um prazo de validade.

Segundo Weber:

Um profeta é um sistematizador no sentido da homogeneização da relação do homem com o mundo, a partir de posições últimas de valor homogêneas. (Weber, 99, p. 315)

Neste caso, o pastor João sistematiza sua doutrina e coloca a dupla irmandade de Kadu enquanto um elemento constitutivo da ira do “Diabo”. Ao colocar a dupla irmandade do diácono Kadu como uma consequência do desvio do “inimigo”, o profeta (99) segundo Weber tem livre acesso para criticar o PCC; até porque os seus membros são “instrumentos da ira do inimigo”.

O próprio Kadu responde algumas destas questões e sua fala revela outra face do pentecostalismo, esta pouco estudada pela sociologia da religião.

É cada um na sua, os irmãos do partido não mexem na igreja e a igreja também fica na sua, é assim: cada um na sua. Se precisar de um corre os irmãos fazem, não admitem que mexam na igreja, que roubem a igreja, essas fitas⁵⁶ erradas não passam. A igreja sempre é vista com bons olhos, é importante na quebrada⁵⁷, tem uma função, mas o que não pode é fazer coisa errada.

O irmão do partido não pode se esconder atrás da Bíblia, se você vai à igreja é tranquilo, mas o que não pode é ir para a igreja só para se

⁵⁶ Nesta ação, o mesmo que ações erradas, improcedentes.

⁵⁷ A ideia de quebrada vem sendo discutida e problematizada por estudiosos da sociologia, constatei em reunião do Grupo de Pesquisa do CEBRAP em 06/05/2013 que há diversas modalidades de análise. Podemos pensar a quebrada a partir de um referencial simbólico, enquanto uma categoria nativa, categoria analítica ou descritiva, sendo esta uma terceira via de compreensão. FELTRAN (2011) utiliza o termo fronteira, alguns utilizam trama, mas neste caso, utilizamos a categoria nativa para identificar quebrada enquanto o espaço da vida social na periferia. Neste caso, a Vila Leste é a quebrada de Kadu.

esconder. Se o irmão decide correr só pelo certo, a escolha dele será respeitada. Quando o irmão do partido está na atividade, na correria ele também precisa de Deus, não é só porque o irmão está na ativa no partido que ele não vai procurar Deus, não é verdade?

Quando você se converte você não deixa de trocar ideias com parceiros, não tem essa de não cumprimentar, trocar ideia, isso não existe. Imagine, eu sempre morei aqui, conheço todo mundo, todo mundo me conhece, aí eu entro na igreja e paro de desenrolar com os irmãos do partido? Não é porque você se converteu que você vai se fechar, o seu particular é com Deus. (Kadu, entrevista realizada em janeiro de 2013).

1. Quando o irmão da igreja se mistura com o irmão do partido: a dupla irmandade de Kadu

Quando tem alguma fita aqui na quebrada eu sou chamado para resolver, eu não vejo problemas nisso, mesmo sendo da igreja eu não posso deixar a favela bagunçar. Sempre que tem alguma necessidade, algum roubo, algo que compromete a ordem da favela os próprios moradores nos chama. Esses dias mesmo teve um nóia que roubou a tiazinha aqui e deu um apavoro na tiazinha e na sua família. Isso não podia ficar assim não é verdade? Os irmãos do partido se reuniram, o disciplina da quebrada⁵⁸, eu e mais dois irmão acionamos o debate para resolver essa situação. Achamos o maluco e resolvemos a situação. Ele teve que abandonar a quebrada e devolveu o que roubou.

A própria filha da tiazinha que também é evangélica acionou o partido para a situação, peguei um porrete de madeira e levei o cara para o debate, por mim eu o matava na madeira, mas tem a igreja e o partido também. Não pode sair matando é por isso que tem os debates.

Em uma situação dessa você não vai orar, mas sim agir, a gente não pode deixar um monte de Zé⁵⁹ bagunçar a favela e não só porque eu estou correndo na igreja que a coisa vai bagunçar. Tem que ter disciplina.

Kadu reconhece sua responsabilidade na manutenção da “ordem” na Vila Leste, a sua “correria” no partido é requisitada toda vez que aparecem problemas internos. É quando o irmão da igreja mistura-se com o irmão do “Partido”, em um só ser. É essa dupla irmandade que caracteriza o objeto de nossa pesquisa. Kadu não reconhece que há problemas em ser chamado para resolver os problemas que aparecem na Vila Leste. A pergunta é: quando tais situações ocorrem, assume a frente o irmão do PCC ou o irmão

⁵⁸ Irmão do PCC responsável pelo equilíbrio e a manutenção da ordem na Vila Leste. Segundo Kadu, cada região, favela ou “quebrada” tem um disciplina.

⁵⁹ Indivíduos que atrapalha a ordem da dinâmica social no cotidiano da Vila Leste.

da igreja? Acreditamos que é justamente uma junção, um híbrido entre os dois. São nesses momentos que o irmão vira irmão.

Ser morador das periferias paulistanas exige que os indivíduos se acostumem a solucionar os seus problemas a partir das redes de que dispõem. Neste caso há um significativo destaque para o PCC e para as igrejas Pentecostais, visto que essas duas redes engajam os indivíduos ao ponto de lhes oferecer sentido de ser e de viver, e é este sentido que Kadu apresenta todas as vezes que é requisitado para solucionar os problemas que surgem.

Por outro lado, a igreja não consegue coibir as ações de Kadu e em suas requisições, até porque muitas aparecem dentro da própria igreja. A Igreja Evangélica de Deus, recém-fundada, não é capaz de oferecer suportes suficientes para que Kadu e os demais membros rompam definitivamente com as demais redes.

Para CORREA (2012), igrejas pequenas e não vinculadas a convenções são candidatas ao fracasso administrativo e em seus ímpetos de crescimento. Ao analisar a realidade das Assembleias de Deus, CORREA (2012) levanta a hipótese de que a manutenção da hegemonia do assembleianismo, ocorre justamente pela adoção de um sistema administrativo semelhante ao modelo de franquias. Somente com esse sistema as igrejas se protegem e conseguem manter sua sobrevivência. Logo, as igrejas que são autônomas e não filiadas às diversas convenções existentes tendem ao fracasso.

Vila Leste, os pentecostais e PCC constituem-se em redes de engajamento distintas, porém não estanques. Há indivíduos que transitam entre ambas de forma não conflituosa. A permeabilidade das redes de engajamento é a condição de vida na periferia, principalmente pela coabitação em um mesmo território que obriga as trocas e interações sociais.

As relações entre os “irmãos” pentecostais e os “irmãos” do PCC são construídas a partir das dinâmicas de autonomia das igrejas pentecostais da Vila Leste; diferentemente das igrejas institucionalizadas e ligadas às diversas convenções, as igrejas pentecostais na Vila Leste permitem significativa liberdade nas relações cotidianas de seus membros. Por não estarem ligadas às convenções, e serem recém-fundadas, essas igrejas possuem uma relativa fragilidade institucional, o que exige delas maior capacidade de negociação com outras redes estabelecidas.

As redes evangélicas não possuem, neste caso, força social e dinâmica interna suficientes para substituir integralmente as demais redes de sociabilidade. Daí que a ideia de conversão não implica necessariamente em rupturas, permitindo que os membros dessas igrejas mantenham relativamente intactas as relações com as redes das quais participavam anteriormente. A presença de membros do PCC nessas igrejas é consequência desse real panorama pentecostal da periferia.

CAPÍTULO – III

A dupla irmandade de Kadu: implicações teóricas

No capítulo anterior descrevemos o processo de conversão de Kadu ao pentecostalismo, o momento que o “irmão virou irmão” e suas implicações. Também revelamos as aproximações que Kadu manteve com a igreja quando ainda era “correria” e não membro. O capítulo também focou o segundo batismo de Kadu (ao pentecostalismo), e neste momento verificamos que a sua inserção no universo pentecostal não foi associada ao binômio clássico que acompanha os estudos sobre o pentecostalismo: ascetismo e rupturas, continuidade e descontinuidade, ao contrário, Kadu manteve suas ligações com o “Partido” e tornou-se irmão, dos dois lados.

Vimos também que Kadu ocupa um papel de destaque na Igreja Evangélica de Deus, pois foi consagrado ao diaconato, função que na cosmogonia pentecostal exige um razoável nível de profundidade de fé. O diácono Kadu nos revelou a visão da igreja sobre sua dupla irmandade; os pastores João e Maria, responsáveis pela direção dos trabalhos da igreja, reconhecem a “correria” de seu diácono e atribuem a dupla irmandade do irmão Kadu às “astutas ciladas do diabo”. O diabo ocupa um papel central na religiosidade mínima brasileira (DROOGERS, 1987), e na igreja do pastor João não é diferente; eis é o caminho encontrado para justificar a dupla irmandade do diácono Kadu.

Neste capítulo iremos problematizar teoricamente o contexto que nos levou ao objeto desta pesquisa: O irmão que virou irmão: rupturas e permanência na conversão ao

pentecostalismo. O caminho encontrado foi partir de dois grandes paradigmas da conversão religiosa; o primeiro, denominado de tradicional, tem como modelo a experiência paulina; o segundo, por sua vez, revela novas abordagens sobre a conversão religiosa. Posteriormente, focaremos a discussão nas análises teóricas sobre o pentecostalismo.

No interior do pentecostalismo e das teorias de conversão iremos discutir a importância das redes de engajamento na Vila Leste e o papel dos empreendedores morais na interpenetração entre PCC e igrejas na Vila Leste.

1. Teorias de Conversão

Os estudos sobre a conversão religiosa partem de duas linhas teóricas. De um lado temos o modelo de conversão paulina e novos paradigmas sobre a conversão religiosa, nestes verificamos a presença de um sujeito ativo e a conversão processual. No modelo paulino, constatamos a presença de um sujeito submisso e a entrega total e absoluta; boa parte dos estudos sobre os pentecostais seguiu este modelo de conversão.

Grande parte das análises sobre a conversão religiosa inclinou-se sobre um modelo que exigia abrupta ruptura do sujeito; a partir das últimas quatro décadas assistimos a uma mudança no eixo analítico sobre a conversão religiosa. Tal mudança, constatada por CARROZI (1994), apresenta dois fatores principais, sendo eles:

Em primeiro lugar, a preocupação dos meios de comunicação de massa e da imprensa não científica com a suposta utilização de métodos de “lavagem cerebral” pelos novos movimentos religiosos, para forçar a conversão. Em segundo lugar, o fato de que numa sociedade secularizada, onde a religião passou a ser algo marginal ou rotineiro na vida dos indivíduos, costuma-se imaginar que as pessoas que efetivamente experimentaram a religião como algo central em suas vidas teriam sofrido “uma estranha metamorfose”, especialmente se não pertencem a grupos tradicionais. (CAROZZI, 1994, p, 63).

Nos estudos sobre o pentecostalismo, constatamos um predomínio teórico sobre o modelo de conversão paulina, quando o converso é visto como indivíduo passivo, sujeito às suas tensões psicológicas e ao seu meio social, conforme assinalou DIAS (2010). Nosso propósito consiste em apresentar os dois modelos clássicos dos estudos sobre a

conversão religiosa e localizar os esforços teóricos de um modelo mais contemporâneo e alternativo que seja capaz de nos oferecer respostas a dupla irmandade.

Portanto, se de um lado podemos constatar o predomínio do modelo paulino de conversão, de outro devemos localizar as atuais pesquisas que propõem a conversão religiosa como um processo lento e gradual, onde o converso não é uma mera presa de suas pulsões psicológicas, mas que, no interior de sua aproximação com o grupo religioso (neste caso, o pentecostalismo), sofre um processo de construção e reconstrução de identidade, no qual se vê um participante ativo do processo, assim como o é o grupo religioso ao qual aderiu.

1.1. A conversão paulina.

E Saulo, respirando ainda ameaças e mortes contra os discípulos do Senhor, dirigiu-se ao sumo sacerdote.

E pediu-lhe cartas para Damasco, para as sinagogas, a fim de que, se encontrasse alguns daquela seita, quer homens quer mulheres, os conduzisse presos a Jerusalém.

E, indo no caminho, aconteceu que, chegando perto de Damasco, subitamente o cercou um resplendor de luz do céu.

E, caindo em terra, ouviu uma voz que lhe dizia: Saulo, Saulo, por que me persegues?

E ele disse: Quem és, Senhor? E disse o Senhor: Eu sou Jesus, a quem tu persegues. Duro é para ti recalcitrar contra os aguilhões.

E ele, tremendo e atônito, disse: Senhor, que queres que eu faça? E disse-lhe o Senhor: Levanta-te, e entra na cidade, e lá te será dito o que te convém fazer.

E os homens, que iam com ele, pararam espantados, ouvindo a voz, mas não vendo ninguém.

E Saulo levantou-se da terra, e, abrindo os olhos, não via a ninguém. E, guiando-o pela mão, o conduziram a Damasco.

E esteve três dias sem ver, e não comeu nem bebeu.

E havia em Damasco um certo discípulo chamado Ananias; e disse-lhe o Senhor em visão: Ananias! E ele respondeu: Eis-me aqui, Senhor.

E disse-lhe o Senhor: Levanta-te, e vai à rua chamada Direita, e pergunta em casa de Judas por um homem de Tarso chamado Saulo; pois eis que ele está orando;

E numa visão ele viu que entrava um homem chamado Ananias, e punha sobre ele a mão, para que tornasse a ver.

E respondeu Ananias: Senhor, a muitos ouvi acerca deste homem, quantos males tem feito aos teus santos em Jerusalém;

E aqui tem poder dos principais dos sacerdotes para prender a todos os que invocam o teu nome.

Disse-lhe, porém, o Senhor: Vai, porque este é para mim um vaso escolhido, para levar o meu nome diante dos gentios, e dos reis e dos filhos de Israel.

E eu lhe mostrarei quanto deve padecer pelo meu nome.

E Ananias foi, e entrou na casa e, impondo-lhe as mãos, disse: Irmão Saulo, o Senhor Jesus, que te apareceu no caminho por onde vinhas, me enviou, para que tornes a ver e sejas cheio do Espírito Santo.

E logo lhe caíram dos olhos como que umas escamas, e recuperou a vista; e, levantando-se, foi batizado. (Bíblia Sagrada, Atos dos Apóstolos, 9:1-18).

Durante muitos anos, a conversão religiosa foi analisada segundo o modelo paulino. De acordo essa perspectiva, o ato da conversão é acompanhado de uma radical transformação na identidade do converso. A partir do momento que há a aceitação de uma nova doutrina, o converso renúncia às práticas que são condenáveis para o grupo religioso que irá pertencer, e busca enquadrar sua nova identidade na absoluta negação de práticas anteriores vivenciadas.

Na esfera religiosa, cada grupo utiliza a sua própria noção de conversão, e entre os pentecostais a perspectiva paulina foi hegemônica entre boa parte dos estudos acadêmicos. Tal perspectiva ancora-se no texto de Atos dos Apóstolos, onde a partir de uma aparição repentina de Jesus na estrada de Damasco, Paulo, que era perseguidor dos cristãos, recebe um chamado para a anunciação do evangelho de Cristo. Com este chamado, sua vida muda radicalmente ao ponto de parte significativa do Novo Testamento ter sido escrita por ele, o apóstolo que se converteu ao cristianismo a partir de uma experiência pessoal.

A experiência da conversão de Paulo contribuiu decisivamente para os interesses da igreja, durante séculos. No Brasil, tal modelo foi adotado como legítimo para a conversão de indígenas e africanos durante o processo colonial. A partir dos desdobramentos da Contrarreforma no século XVI, a conversão dos povos indígenas esteve na pauta dos interesses da Igreja Romana. Esperava-se que os indígenas fossem catequizados segundo os preceitos de Roma; para a realização de tal empreitada, muitas escolas jesuíticas foram abertas em diversas partes do território nacional.

A conversão dos indígenas tinha como propósito fundamental assegurar a manutenção do monopólio católico nas terras tupiniquins, além de impedir que os ideais da reforma de Lutero se espalhassem em território brasileiro. Os índios faziam parte dos interesses de conversão da Igreja, e o modelo esperado era justamente o paulino. O

problema é que os indígenas não eram passivos como esperado pelos membros do clero romano. A experiência relatada em Atos não se confirmou em terras tupiniquins e o resultado foi a sincretização.

Os desejos da Companhia de Jesus levada a cabo por “Tomé de Souza (1503-1579) não foram amplamente realizados. O Brasil até se tornou católico, os indígenas foram forçados à conversão, os escravos africanos, impedidos de praticarem a religiosidade africana, resignificaram o catolicismo e o transformaram em uma dupla pertença, a “ameaça protestante” foi evitada até meados do século XIX, mas em boa medida, a conversão de indígenas e africanos não seguiu o modelo paulino. A pureza católica, desejada pela Companhia de Jesus, não foi realizada, até porque todas as manifestações religiosas são suscetíveis a processos de sincretização. Os jesuítas precisaram compreender a importância das festas para as comunidades indígenas, e a leitura do contexto cultural e religioso das diversas etnias africanas presentes no solo brasileiro foi determinante para o processo de sincretismo entre católicos jesuítas e indígenas.

A conversão paulina se adaptou ao solo tupiniquim com o dinamismo das práticas indígenas e africanas. Com a chegada dos primeiros protestantes calvinistas, e o domínio deles sobre o nordeste brasileiro no século XVII, o campo religioso brasileiro ganhou novos ares.

A historiografia brasileira tem negligenciado a importância e a complexidade das diversas etnias indígenas, boa parte dos estudos focam os trabalhos da Companhia de Jesus a partir do século XVI, depois disso, os indígenas caíram no esquecimento historiográfico. O resgate das análises das comunidades indígenas evidenciam o fracasso dos jesuítas em sua missão da conversão paulina.

Os primeiros trabalhos dos jesuítas não suscitaram os resultados esperados. Em um primeiro momento, o universo católico brasileiro não conseguiu estabelecer-se hegemonicamente; somente a partir de alistamentos de diversas camadas de indivíduos portugueses houve o estabelecimento de um catolicismo popular, com a difusão da proteção de um santo para a comunidade, santos protetores dos marinheiros, santos que atendem aos interesses mais difusos dos aventureiros que se lançaram as terras brasileiras.

O processo de migração de portugueses para o Brasil trouxe diversas camadas sociais com suas devidas práticas religiosas, mágicas e populares; tais práticas são

inseridas no tecido social colonial e correspondem como um dos primeiros elementos da constituição do *ethos* religioso brasileiro.

As divergências entre os jesuítas e os portugueses colocaram em xeque os interesses religiosos dos primeiros. Os portugueses não concebiam a visão de mundo dos jesuítas, e a discrepância entre ambos evidenciou na colônia a múltipla visão religiosa; os diversos catolicismos mesclaram-se com as diversas tradições indígenas e africanas, somadas ao calvinismo e ao judaísmo. Tais misturas contribuíram para a formação do *ethos* religioso brasileiro. A conversão de indígenas pautada no modelo paulino somada aos interesses da Companhia de Jesus não se efetivaram durante o período colonial.

Já o domínio protestante sobre a produção e comercialização do açúcar no nordeste colocou em visibilidade uma disputa para além das fronteiras econômicas. A disputa se acirrou no cenário religioso e “Maurício de Nassau” (1604-1679), governante holandês nos territórios dominados, buscou o equilíbrio religioso nos territórios protestantes; sua postura, de manter a liberdade religiosa, contribuiu decisivamente para a coexistência entre protestantes, judeus e católicos. Os interesses econômicos em jogo foram determinantes para a manutenção da “paz” entre os diversos grupos religiosos da colônia. Não devemos acreditar que tais interesses incluíam a liberdade de cultos religiosos dos escravos e indígenas. Essa liberdade era exclusiva dos senhores de engenho, senhores de escravos e grandes comerciantes, fossem católicos, judeus ou protestantes calvinistas, e seus interesses econômicos foram mantidos à frente dos assuntos religiosos. Assim, as proposições do século XVI, de uma colônia com exclusividade católica, não se via presente no século XVII, e muito menos nos séculos seguintes.

As pretensões de um catolicismo hegemônico e uniforme não se concretizaram, e as conversões de indígenas e escravos de longe se aproximam do relato de Atos dos Apóstolos, e as análises sobre esse modelo de conversão desconsideram a dinâmica dos indivíduos ao postularem sua passividade. Portanto, recorremos a outro paradigma de conversão, e nele ancoramos nossas análises acerca da dupla irmandade.

2. Novos modelos de conversão.

Podemos considerar que o paradigma de conversão paulina não é suficientemente capaz de esgotar a complexidade que encontramos na Vila Leste. A partir da insuficiência

deste quadro teórico, buscamos um novo modelo de conversão religiosa para ancorar a duplicidade de pertencimento.

A partir da década de 1970, uma série de estudos evidenciaram novas abordagens sobre a conversão religiosa; a hegemonia analítica do modelo paulino, lenta e gradualmente, foi perdendo à força, à medida que diversos teóricos apresentavam novas perspectivas. Carozzi (1994) identificou as novas abordagens para a conversão religiosa, nelas se contata a presença de processos de transformação no interior da conversão.

SNOW e MACHALEK (1994) reconhecem a necessidade de um “grau suficiente para constituir uma verdadeira conversão”, diferentemente do modelo tradicional. Por outro lado, a conversão não se constitui apenas na mudança de crenças do indivíduo. BALCH (1980) reconhece a necessidade de análise de novos elementos para além da mudança de crenças. Para este autor, é necessária a observação dos elementos da vida cotidiana dos indivíduos. CAROZZI (1984) realizou uma sensível leitura do pensamento de BALCH.

“O autor afirma que as pessoas que se juntam a um culto religioso mudam primeiro seu comportamento, adotando um novo papel. As mudanças podem ser dramáticas, mas não são necessariamente baseadas na convicção. De acordo com esse autor, **a “fé ilimitada” do verdadeiro crente em geral se desenvolve somente depois de uma prolongada participação nas atividades cotidianas do culto**”.

(CAROZZI, 1984, p.63, grifos nossos)

É interessante destacar a importância para BALCH do desenvolvimento da “fé ilimitada” a partir “de uma prolongada participação nas atividades cotidianas no culto”. Essa perspectiva rompe abruptamente com a ideia paulina, sobretudo no aspecto da passividade do converso. Tal premissa concede ao converso a possibilidade de engajamento lento e gradual nas atividades do novo grupo, assim, uma nova identidade emerge em uma lógica de médio e longo prazo, e não mais a partir de um óptica imediatista.

Esses novos paradigmas de conversão são determinantes para a compreensão da dupla irmandade de Kadu, do mesmo modo que refletem uma maior capacidade de apreensão do pentecostalismo na Vila Leste.

2.1. Os estágios da conversão de Kadu.

Rambo & Farhadian (1999) propõem um modelo de conversão a partir de sete estágios. Para os autores, a conversão é uma elemento altamente complexo, o que dificulta qualquer tipo de definição. Nesse sentido, a conversão religiosa é envolvida por uma série de elementos que afetam diretamente o novo converso.

Em contraste com o modelo clássico de conversão, a perspectiva apresentada por Rambo elucida processos interiores; neste, não vemos um sujeito passivo motivado por razões estritamente emocionais e externas, mas sim um processo lento e gradual com a mínima presença emocional, na verdade, uma tomada de decisão absolutamente racional.

As ideias centrais de Rambo & Farhadian (1999) podem ser resumidas no esquema que se segue:

FASE	Nome	Característica
FASE 1	Contexto (forças no campo)	Esferas Interligadas: Macrocontexto, microcontexto, mesocontexto
FASE 2	Crise: Catalisador para a mudança	Interação de forças internas e externas.
FASE 3	Em busca de salvação	Estilo da resposta, avaliação das estruturas motivacionais, maximizar os sentidos da vida.
FASE 4	Encontro	Representantes da religião, os convertidos e a definição do encontro.
FASE 5	Interação: a criação de novas identidades	Desenvolvimento de relações pessoais, aprendizagem da tradição em rituais, incorporação da linguagem do grupo, desenvolvimento de papéis esperados.
FASE 6	Compromissos: consolidando novas orientações	Testemunho pessoal e interação ritual.
FASE 7	Consequências: avaliação dos efeitos de conversão	Quão profundas são as transformações na vida do convertido.

Na primeira fase, os autores buscam explicitar os contextos que contribuem para a conversão. Essa fase é constituída por três subetapas, macrocontexto, microcontexto e mesocontexto. “O macrocontexto inclui esses domínios de grande escala, como sistemas políticos, organizações religiosas, empresas multinacionais” RAMBO & FARHADIAN, 1999, p.24. Não é sobre esta esfera que encontramos âncora para a conversão de Kadu, mas sim no interior do microcontexto.

O microcontexto incide sobre o mundo mais pessoal do indivíduo, como a família, os amigos, vocação e outros aspectos da vida de uma pessoa, que tem um impacto direto sobre os pensamentos, sentimentos e ações da pessoa. (RAMBO & FARHADIAN, 1999, p.25)

Para Kadu, a sua conversão é o resultado de uma crise (pessoal) direta, durante muitos anos em estado latente, anos anteriores à sua conversão ao universo pentecostal. Mesmo sem ter tido participação direta no interior de uma denominação pentecostal, a família de Kadu pertencia a igrejas evangélicas, e esse pertencimento afetou diretamente a sua vida.

Eu comecei ver tudo diferente e passei a pensar mais na minha família e nos meus filhos e que estava na hora de correr com Deus. Teve um domingo que eu fui para a igreja e o pastor perguntou a todos: quem queria se batizar? Ele sabia que eu corria pelo lado do partido e começou a pesar na hora do culto. Ele dizia que aquela era a chance que Deus estava me dando, eu acabei aceitando e me batizei. (Kadu, entrevista realizada em janeiro de 2013).

Podemos identificar a conversão de Kadu em um microcontexto. Seus amigos e familiares são os agentes motores de aproximação com o universo pentecostal. Sua mãe, irmãos e amigos do rap frequentavam igrejas evangélicas distintas. Não foi difícil para Kadu assimilar o universo pentecostal, até porque o pentecostalismo está enraizado nas periferias e esse enraizamento permitiu a Kadu o trânsito entre PCC e Igrejas.

A minha conversão não foi surpresa, eu sempre ia a uma igreja aqui, mas gostava mais de ir para o salão mesmo, curtir a noite. Teve um dia que eu estava voltando do salão e encontrei um parceiro que estava indo para uma igreja que tocava um rap. (Kadu, entrevista realizada em janeiro de 2013).

O segundo estágio de conversão proposto por Rambo & Farhadian (1999) identifica uma crise como elemento catalisador para mudanças. Para os autores:

Crises são desordenamentos que põem em causa um grupo de pessoas ou do mundo tomado como certo. As crises são desencadeadas pela interação das forças externas e internas. As influências externas podem incluir, por exemplo, o contato colonial em prol da exploração e do comércio e/ou a imposição da força militar que envolve coerção, manipulação ou ameaça. Em um nível pessoal, uma crise pode ser desencadeada por pessoas (um evangelista, membro da família) ou eventos (uma doença, a experiência mística). (RAMBO & FARHADIAN, 1999, p.25).

A conversão de Kadu não é catalisada por uma crise externa ou interna, diferentemente do que se pode imaginar, não é uma crise pessoal que leva Kadu a igreja, isso ele próprio deixa claro quando afirma que sua conversão não foi nenhuma surpresa.

Eu comecei a frequentar essa igreja mais pela música mesmo, era só pelo rap, o pastor era gente boa e tudo, mas ficava mais vidrado na música. Depois que comecei a frequentar, alguns irmãos da igreja começaram a colar na minha casa, fiz amizades com alguns irmãos da igreja e passei a frequentar mais, mas nunca fiquei assim na pegada de só correr na igreja, foi um processo, aos poucos eu fui ficando mais na ativa. (Kadu, entrevista realizada em janeiro de 2013).

Os amigos, a família e o rap são os elementos catalisadores da conversão de Kadu, a partir de suas próprias referências. Kadu parte para a busca, e esse estágio é analisado por Rambo & Farhadian (1999) como o terceiro estágio da conversão. Já que Kadu não se sente estranho no interior do pentecostalismo, como esse segmento religioso irá orientar sua conversão?

O estágio da busca engloba diferentes formas em que as pessoas respondem a crises e/ou a maneira pela qual as pessoas se orientam para a vida, especialmente a vida religiosa. Três importantes fatores estão envolvidos na fase busca: estilo de resposta, disponibilidade estrutural e padrões motivacionais. (RAMBO & FARHADIAN, 1999, p.27)

Kadu entra em um processo de redefinição de sua identidade, já que optou pelo adensamento nas atividades da igreja e marcou uma nova posição com o batismo e com a nomeação ao diaconato. Esse novo processo é definido pela forma como ele irá responder à sua conversão; as formas e mecanismos de

interiorização dos valores do pentecostalismo é uma marca processual e não automática.

Estilo de resposta descreve se uma pessoa responde ativa ou passivamente à conversão. Será que a conversão ocorre porque ele ou ela simplesmente seguiu o desejo do grupo para converter ou foi a conversão algo que ele ou ela procurou ativamente? (RAMBO & FARHADIAN, 1999, p.27).

Kadu reconhece que a sua posição enquanto diácono da igreja exige uma reflexão sobre sua conversão. Essa reflexão é a marca que determina o terceiro estágio. O modo como o indivíduo lê a sua própria conversão e seu posicionamento no grupo determina um marco processual de mudança, neste, contatamos a ativação de um mecanismo de mudanças lentas e graduais. Kadu compreende esse processo e o analisa da seguinte maneira:

Hoje eu tenho um cargo na igreja e isso já é diferente, eu sou diácono e sei que o meu pastor de agora não fez isso para me segurar na igreja. Pelas ideias dele eu vi o que ele queria. Ele quer que eu fique na igreja, corra pelo certo, eu sei que ele sabe de minhas correrias, mas me auxilia para buscar o caminho certo. A responsabilidade que o pastor me deu exige muita coisa e eu sei que eu devo estar correndo pelo certo. (Kadu, entrevista realizada em janeiro de 2013).

É importante destacar que a exigência que Kadu apresenta de sua conversão e de seu posicionamento enquanto diácono caracteriza um marco definidor de sua própria identidade em transformação.

Os irmãos do partido sabem que eu estou colando na igreja, eles não são bobos, estão cientes, o negócio é o seguinte, mesmo que eu não diga o comentário corre, e se eu tiver procedência errada a cobrança vem em cima de mim. Então, eu faço os meus corres, vou à igreja, mas não dou brecha para ninguém me cobrar, não envolvo ninguém, entendeu?

A aproximação com o pentecostalismo levou Kadu a estabelecer relações de amizade com diferentes membros de diversas igrejas pentecostais. A rede de contato com pentecostais proporcionou orientações matrimoniais de seu atual pastor. Essas orientações foram determinantes para o estabelecimento de uma relação de confiança e amizade entre ambos e essa relação fortaleceu o processo de busca e conversão de Kadu.

Esse processo de contato entre o convertido e o defensor proselitista é o marco definidor do quarto estágio do modelo proposto por Rambo & Farhadian

(1999). Para os autores:

O estágio encontro descreve o contato entre o convertido potencial e o defensor/proselitista.' Deve-se notar que este contato inicial pode precipitar o processo de conversão, provocando uma crise, e promover a busca de novas soluções. Três componentes principais do encontro são os defensores da religião, os potenciais convertidos, e a definição do encontro. (RAMBO & FARHADIAN, 1999, p.28).

A relação dos pastores da Igreja Evangélica de Deus com a família de Kadu é muito estreita, o que contribui para a inserção de Kadu nas atividades da igreja. Mas além de sua inserção é necessário avaliar a perspectiva de conversão segundo o pastor da igreja. Quais são os requisitos exigidos para determinar quem se converteu em sua igreja e quem é convertido? Esse padrão de análise é avaliado por Rambo & Farhadian (1999):

Três componentes principais do encontro são os defensores, os potenciais convertidos, e a definição do encontro. Primeiro, sobre o defensor da religião, deve-se perguntar qual é a sua teoria da conversão? A conversão é fundamental para a sua missão? O que eles entendem sobre a conversão? (RAMBO & FARHADIAN, 1999, p.28).

O pastor João, responsável pela Igreja Evangélica de Deus, acredita que “é necessário que haja um tempo para o amadurecimento do fiel até a concretude da conversão”. Neste sentido, a perspectiva do pastor vai ao encontro com as proposições dos autores ao considerar a necessidade de um tempo médio até a realização plena da conversão. Em sua igreja, o pastor João delimita um tempo médio de três anos para que a conversão se concretize, este é o período médio esperado para que se constate uma efetiva transformação na vida de seus membros.

A primeira e mais importante etapa para o pastor João é o “processo de esvaziamento”, quando o indivíduo aprende que aos poucos a “palavra” vai substituindo os valores do “mundo”, até que se realize a constituição de um novo sujeito, um novo “vaso”. É somente desta forma, processual, que o “vinho novo” que é a “palavra” encontrar-se-á com o “vaso novo” que é o novo convertido. Após esse processo de esvaziamento, o sujeito está preparado para a conversão, e enfim alcançará, segundo o pastor João, a “estatura do varão perfeito”.

Precisamos primeiramente nos esvaziar, entendermos que nos tornamos odres novos e é a palavra de Deus que irá permitir que o tempo tire o vinho velho que existe em nós, a mudança, a conversão não é imediata. É um processo, com o tempo a palavra vai nos ajustando até alcançarmos a estatura do varão perfeito. (Registro de Campo).

Para o pastor de Kadu, a conversão resulta de um processo contínuo de mudança e não de uma experiência imediatista. A partir do momento que o pastor João identifica uma maior aproximação e envolvimento com as atividades da igreja, o sujeito é convidado a participar de alguma das diversas funções disponíveis na igreja. O objetivo é atribuir responsabilidade ao sujeito, a fim de inseri-lo no interior das atividades e aproximá-lo ainda mais da igreja. Tal processo de envolvimento foi também foi avaliada por Rambo & Farhadian (1999), e constitui a quinta etapa do processo de conversão.

Para os autores:

Se um indivíduo continua com o grupo religioso depois do encontro, a interação intensifica. Aqui, a pessoa ao se converter aprende mais sobre os ensinamentos, estilo de vida e as expectativas do grupo, e é necessário para começar a fazer uma decisão para o compromisso. (RAMBO & FARHADIAN, 1999, p.29).

Essa etapa foi constatada na Igreja Evangélica de Deus a partir do processo de escolha do pastor João para atribuir responsabilidades aos seus membros. Kadu foi indicado ao diaconato da igreja, e sua posição exige compromisso com o grupo e firmeza de sua fé. Mesmo sabendo do histórico do “irmão” Kadu e sua dupla irmandade, o pastor João justifica a sua escolha:

Nós ungimos e colocamos um período de três anos para a consumação do óleo da unção. Depois Deus irá mostrar quem está ou não preparado para o arado, quem é ou não convertido. É necessário que todos nós nos libertemos de nosso passado para assumirmos um ministério e uma responsabilidade na igreja e esse tempo é importante para o processo de conversão. Deus ungiu, mas depois de três anos vamos ver quem é realmente capaz de trabalhar para Deus e mudar. Esse tempo é um processo para a total mudança, e nós seremos testemunhas das mudanças na vida do nosso irmão Kadu. (Registro de Campo).

Para Rambo & Farhadian (1999), a manutenção do indivíduo com o grupo religioso força a interação, e isso constatamos com Kadu. A sua responsabilidade em iniciar algumas atividades de culto, cuidar da portaria e dividir os cuidados pelo som da igreja, força sua interação com os demais membros e o insere, a partir de um caráter mais formal, ao universo evangélico. Neste quinto estágio da conversão os autores apresentam:

Quatro características de interação mergulham a pessoa ou grupo de conversão para a nova opção religiosa: ritual, relacionamentos, retórica e papéis. Em primeiro lugar, o desenvolvimento de relações pessoais pode servir como redes de transformação. Essas filiações, que são cruciais para o processo de aprendizagem, podem seguir as linhas da família, amigos ou professores. Geralmente, quanto mais próximo o relacionamento entre o defensor da religião e o potencial convertido, maior a probabilidade de mudança religiosa. (RAMBO & FARHADIAN, 1999, p.30).

No aspecto do ritual, podemos verificar que a conversão de Kadu se ativa à medida que participa dos rituais de sua igreja. Assim como nos diversos rituais existentes no catolicismo, protestantismo e no universo pentecostal, na Igreja Evangélica de Deus não é diferente; as orações no início e término dos cultos, e a presença na Santa Ceia são os ritos onde se constata a presença de Kadu. Todo segundo domingo do mês é reservado para o rito da Santa Ceia.

A primeira carta do apóstolo Paulo aos Coríntios relata a última ceia de Jesus Cristo com seus discípulos. Esse texto é um dos mais elementares para a identidade pentecostal da Igreja Evangélica de Deus. Segundo a mentalidade pentecostal, a Santa Ceia descrita na Carta aos Coríntios simboliza o momento em que todos que são batizados devem se alimentar do “sangue” e do “corpo” de Jesus Cristo.

Porque eu recebi do Senhor o que também vos ensinei: que o Senhor Jesus, na noite em que foi traído, tomou o pão;
E, tendo dado graças, o partiu e disse: Tomai, comei; isto é o meu corpo que é partido por vós; fazei isto em memória de mim.
Semelhantemente também, depois de cear, tomou o cálice, dizendo: Este cálice é o novo testamento no meu sangue; fazei isto, todas as vezes que beberdes, em memória de mim.
Porque todas as vezes que comerdes deste pão e beberdes deste cálice anunciais a morte do Senhor, até que venha.
Portanto, qualquer que comer deste pão, ou beber o cálice do Senhor indignamente, será culpado do corpo e do sangue do Senhor.
Examine-se, pois, o homem a si mesmo, e assim coma deste pão e beba deste cálice.

Porque o que come e bebe indignamente, come e bebe para sua própria condenação, não discernindo o corpo do Senhor. (Bíblia Sagrada, 1 Coríntios 11:23-29).

Participar da Santa Ceia para os membros da igreja é a confirmação de que haverá um renovo espiritual. Kadu não pode perder nenhuma Santa Ceia, pois além de ser batizado ele também é diácono, sua função na igreja o obriga a participar deste que é o principal ritual da comunidade.

Mensalmente, o irmão Kadu renova seus votos de fé, reconhece suas fraquezas, esvazia-se de seus “pecados” e busca o aperfeiçoamento de suas condutas, mas como a Santa Ceia é um ritual mensal, há outros que ocorrem rotineiramente e que inserem o diácono Kadu ainda mais no interior do universo pentecostal. Suas responsabilidades como obreiro⁶⁰ são determinantes para mantê-lo na igreja, pois assim sente-se responsável por ficar próximo das atividades eclesiais. Todos os cultos se iniciam e se encerram com orações, nas quais o irmão Kadu é responsável por interceder pelas pessoas que estão presentes; suas responsabilidades nos rituais contribuem para a interação com os demais integrantes da igreja e para a construção de uma cosmogonia pentecostal.

A interação com os membros da igreja, o relacionamento próximo com os pastores e a prática nos rituais são elementos motores para o adensamento da conversão de Kadu. Estes elementos contribuem para incorporação de práticas e de uma linguagem específica entre os pentecostais. O “irmão” da igreja Kadu reflete sua condição de dupla irmandade a partir de uma visão de mundo tipicamente pentecostal:

Primeiro quase ninguém da igreja sabe da minha correria atual, tem o pastor que sabe e também minha família, eu não sou bicudo para abrir a boca. Eu tenho a minha vida e não preciso abrir a boca para que os outros cuidem, mas é o seguinte: eu sei o que é certo e o que é errado, e no mundão que a gente vive, se você não tem Deus já era, o inimigo está solto querendo atrasar o nosso lado, mas é Deus mesmo que salva

⁶⁰ Aquele que tem a finalidade de servir a obra, trabalhar a serviço da igreja, realiza funções para manutenção, organização, etc.

e eu não posso cair nas ciladas do inimigo. (Kadu, entrevista realizada em janeiro de 2013).

A interação de Kadu no universo pentecostal contribui para o processo de adensamento de sua conversão. O irmão da igreja que também é irmão do “Partido” busca consolidar sua posição religiosa; de outro lado, o seu pastor também reconhece que a conversão é um processo e confere a Kadu um período de três anos para a concretude de sua conversão; por hora, a sua interação torna-se o elemento determinante.

Enquanto os requisitos de adesão religiosa são diversos, a questão importante neste momento em processo de conversão é que a fase de interação fornece as diretrizes para um novo comportamento e valores. (RAMBO & FARHADIAN, 1999, p.31).

Para os autores, o sexto estágio da conversão é o compromisso, é ele o responsável por consolidar novas orientações espirituais. Trata-se do estágio no qual se verificam o fortalecimento do compromisso com o grupo religioso e a apresentação das transformações e resultados da conversão.

Um método comum para apresentar publicamente o compromisso é o testemunho pessoal, uma narrativa da vida do converso antes e depois da conversão. O testemunho serve para reconstruir informações biográficas, integrando o convertido, sua história e comunidade religiosa. (RAMBO & FARHADIAN, 1999, p.31, grifo nosso).

Para Kadu esse estágio vem paulatinamente sendo realizado, já que há uma música⁶¹ de rap escrita por ele próprio, que descreve com detalhes sua trajetória pelo “Partido”, o processo de sua conversão e sua dupla irmandade. Além desse testemunho musical, Kadu já relatou seu testemunho na Igreja Evangélica de Deus, e sempre fala de sua trajetória quando tem oportunidade, com o objetivo de apresentar a transformação de sua vida através do “poder de Deus”.

Quando Kadu descreve sua conversão através do rap ou por meio de testemunho público na igreja, sua intenção é demonstrar um processo de transformação que ainda

⁶¹ Por motivos de sigilo e segurança, e para a não identificação de autor e território, não reproduzimos a letra de rap composta por Kadu.

ocorre em sua vida. Em diversos momentos ele deixa claro que, mesmo após sua conversão, o “inimigo” (no caso o Diabo) insiste em atravessar seu caminho; por outro lado, Kadu sistematiza que o “Partido” faz parte de sua vida, pois na “quebrada” que é a Vila Leste faz-se necessário impor a “ordem”.

Portanto, a ideia imediatista de uma radicalidade de conversão, um “antes” e “depois” quase instantaneamente sucessivos, precisa ser relativizada, pois ainda existem indícios da vida do “antes” na vida do “depois”, ou seja, práticas da duplicidade⁶² de pertença são realizadas de forma concomitante pelo mesmo sujeito. Afinal, o irmão continua sendo irmão.

A consequência é o ultimo estágio da conversão analisado por RAMBO & FARHADIAN (1999), neste momento é necessário “avaliar o processo de conversão”.

Muitos estudiosos acreditam que a conversão autêntica é um processo contínuo de transformação. A alteração inicial, enquanto crucial, é um primeiro passo de um longo percurso de transformação. Para a conversão ser autêntica (como julgado por particulares tradições religiosas), os convertidos devem mudar aspectos de sua vida de acordo com as prescrições e proscricções do religioso específico e das comunidades. Essas dimensões incluem afetivo, intelectual, ético, religioso e o domínio social/político.

Segundo os autores, a autenticidade da conversão é manifestada quando os convertidos apresentam mudanças de acordo as prescrições da igreja; neste caso, Kadu atende parcialmente às expectativas de conversão da Igreja Evangélica de Deus. Parcialmente, porque para João, enquanto pastor pentecostal, há o real interesse de ver Kadu verdadeiramente imerso nas atribuições e atividades da igreja. No entanto, o fato é que Kadu está inserido em um complexo circuito de relações, nas quais o trânsito nas mais distintas redes de engajamento para ele é uma necessidade. Ser pentecostal na Vila Leste é, acima de tudo, ser habilidoso nas relações; demonstrar, segundo o próprio Kadu, “o proceder” necessário para sobreviver.

⁶² Segundo MARIANO (1999), uma das marcas fundamentais do neopentecostalismo é a relativização de condutas. ALENCAR (2012) e CORREA (2012) também chamam a atenção de que na atualidade as Assembleias de Deus não são tão rigorosas em termos de moralidade, estética e vestuário como foram em suas primeiras décadas.

Neste cenário, as prescrições da Igreja Evangélica de Deus, sob a regência do pastor João, estão inseridas em um ambiente onde diversas outras prescrições coexistem, o que não quer dizer que não haja tensões visíveis, já que as tensões entre igreja e partido manifestam-se por um viés muitas vezes intangível. O pastor e a igreja insistem em condenar o mal, manifestado no PCC, mas esse mal é apresentado pelas “astutas ciladas de Satanás” em desviar as pessoas do “caminho da luz”. O PCC é condenado a partir de um discurso religioso, pois segundo a mentalidade pentecostal, “o problema não é o pecador, mas sim o pecado”; portanto, o problema não está em Kadu ser integrado às duas redes, mas no “inimigo” (o Diabo) que busca atrapalhar os planos de Deus e mantê-lo ativo em sua dupla irmandade.

Uma polêmica música⁶³ do grupo Trilha Sonora do Gueto tem colocado em evidência as discussões sobre o papel do PCC nas periferias de São Paulo. Escrita por Cascão, vocalista do grupo, a música faz diversas referências a membros do PCC e ao “Partido”, além de diversos grupos paramilitares. O interessante a ser destacado aqui é que para os integrantes do grupo o “Diabo esta reinando aqui na terra” e, por essa razão, “o comando faz a guerra”

Ja cantei, vou deixar o espaço pra pensar
Pcc é ilegal, mas presente sempre ta
E o governo que é legal, que a gente nunca ve
Quando precisa de um remédio pra sobreviver
Adivinha quem que ta, sempre pronto pra ajudar
Os menino do marcola, do fernando beira-mar
Fica aí a questão quem que é mais ladrão
Quem governa o país ou quem te mostra um oitão

É nós que tá, primeiro da capital
Ta lutando com o sistema pra acabar com esse mal
Nóis sabemos que o diabo ta imperando aqui na terra
É pela paz que o comando faz a guerra
É nós que tá, primeiro da capital
Ta lutando com o sistema pra acabar com esse mal
Nóis sabemos que o diabo ta imperando aqui na terra
É pela paz que o comando faz a guerra⁶⁴

(É nós que ta. Trilha Sonora do Gueto). Grifos nossos.

A interpretação do papel do Diabo para a igreja, como descrita pelo grupo Trilha

⁶³ Ver anexo IV

⁶⁴ Fonte de acesso: <http://letras.mus.br/trilha-sonora-do-gueto-musicas/fala-que-e-nois/>. Acessado em 17/04/2013. A música está em versão original, conforme acessado no site. Desconsideramos os erros ortográficos para não alterar descaracterizar os objetivos do autor.

Sonora do Gueto, coloca Kadu em um imperativo de dupla luta contra o “inimigo”. Para Kadu, há uma legítima necessidade de atuação dos dois lados, pois o problema não é o PCC, mas sim o próprio Diabo, e tanto o “Partido” quanto a igreja lutam contra o mesmo “mal”.

Não é o caso de se criar uma visão robin hoodiana do PCC, mas se faz importante a compreensão de que, dentro de uma cultura periférica na qual o pentecostalismo está inserido, o PCC está identificado como ator principal, muitas vezes com características heróicas.

O objetivo da Igreja Evangélica de Deus é que o irmão Kadu deixe de ser “irmão” do partido e torne-se somente “irmão” da igreja; por outro lado, Kadu justifica a sua dupla irmandade enquanto um mecanismo de luta contra um inimigo em comum, “o Diabo”.

Nesse caso, avaliamos o processo da conversão de Kadu e como suas transformações recaem sobre o pentecostalismo. Por décadas, as análises desse grupo religioso limitaram-se a definições totalizantes, e não permitiram espaços para conversões que não fossem acompanhadas de definitivas rupturas. Essa negligência por parte da Ciência da Religião e da Sociologia da Religião coloca em evidência a necessidade de uma releitura do pentecostalismo e das categorias analíticas sobre este grupo religioso.

A conversão, enquanto um processo contínuo, é um caminho a ser considerado nos estudos sobre conversões ao pentecostalismo, do mesmo modo que a dupla irmandade de Kadu revela a ponta de um iceberg, no qual os processos de conversão mostram-se como um emaranhado novelo de lã para os estudiosos que buscam ampliar novos quadros teóricos.

O esquema apresentado por RAMBO & FARHADIAN (1999) contribui para a análise dos processos de conversão ao pentecostalismo na Vila Leste, mas está longe de dar conta da complexidade que encontramos em campo. Os esquemas teóricos esforçam-se em compreender a realidade do momento da observação, e esta realidade é difusa, parcial e fragmentada. Ao utilizarmos os sete estágios de conversão propostos pelos autores não esgotamos as diversas outras possibilidades analíticas, tampouco temos a pretensão de creditar a este esquema a potencialidade de explicar a realidade da Vila Leste, ou de outro campo de pesquisa. Fizemos uma escolha metodológica que nos proporcionou uma análise do processo da conversão, que não se encerra de forma

catedrática e absoluta, já que tal possibilidade não se faz palpável. Trata-se, portanto, de assumir que tal escolha é, por natureza, sujeita a brechas analíticas.

3. A manutenção da dupla irmandade de Kadu: os empreendedores morais e a construção de sentido das redes de sentido simbólico.

Consta que, durante uma era glacial, muito remota, quando parte do globo terrestre esteve coberto por densas camadas de gelo, muitos animais não resistiram ao frio intenso e, indefesos, morreram por não se adaptarem às condições do clima hostil. Foi então que uma grande manada de porcos-espinhos, numa tentativa de se proteger e sobreviver, começou a se unir e juntar-se mais e mais. Assim, cada um podia sentir o calor do corpo do outro. E, todos juntos, bem unidos, agasalhavam-se mutuamente, aqueciam-se enfrentando por mais tempo aquele inverno tenebroso.

Porém, vida ingrata, os espinhos de cada um começaram a ferir os companheiros mais próximos, justamente aqueles que lhes forneciam mais calor, aquele calor vital, questão de vida ou morte e, feridos e magoados afastaram-se, hostilizados por não suportarem mais tempo os espinhos dos seus companheiros. Aqueles espinhos que aqueciam também feriam e doíam muito...

Mas, descobriram depois que afastar-se não era a melhor solução: afastados e separados, logo começaram a morrer congelados; e, os que não morreram voltaram a se aproximar, pouco a pouco, com jeito, com precauções, compreensão, de tal forma que, unidos, cada qual conservava uma certa distância do outro, mínima, mas o suficiente para conviver, resistindo à longa era glacial. E sobreviveram⁶⁵(...)

Difícilmente encontraremos amparo na sociologia da religião para compreender a interpenetração entre pentecostais e PCC. Para esse desafio, devemos lançar um olhar de caráter exógeno sobre a situação da Vila Leste e a realidade das periferias de São Paulo. Assim como os porcos espinhos descobriram a necessidade de se manterem unidos no inverno para garantir a sobrevivência, do mesmo modo ocorre entre as redes existentes na Vila Leste; a interação entre elas é o modo mais seguro de manter o equilíbrio dos diversos grupos; portanto, pentecostais e PCC mantêm-se juntos no inverno constante da Vila Leste; seus espinhos podem até ferir uns aos outros, mas isso não é suficiente para dissipar ou fragilizar um dos grupos, ao contrário, como foi anunciado anteriormente, viver na Vila Leste é saber fazer o trânsito nas redes disponíveis.

O olhar exógeno permite um olhar de cima e a partir deste olhar conseguimos compreender que os diversos “porcos espinhos” da Vila Leste se aquecem juntos, interagem mutuamente. As propostas aparentemente divergentes sustentadas pelas igrejas

⁶⁵ O porco espinho. Fonte: <http://www.fabulasecontos.com.br/?pg=descricao&id=95>, acesso: 27,06/2013.

e PCC não determinam rupturas, isso não quer dizer que não haja tensões, mas elas não são capazes de colocar tais grupos em frente de batalha. O “inverno” da Vila Leste é permanente, diário, cotidiano, ou seja, a cada dia essas redes se encontram e os seus representantes, seus “porcos espinhos”, encontram mecanismos para manter suas divergências em níveis administráveis.

3. 1. Os empreendedores morais

O sociólogo Howard Becker propõe a análise das interações dos sujeitos, seus estudos foram considerados uma revolução na compreensão dos comportamentos “delinquentes”; sua preocupação assenta-se na necessidade de análise e compreensão dos comportamentos “desviantes”, dos sujeitos responsáveis por formulação de regras morais e os mecanismos adotados para o cumprimento de tais regras.

Adotaremos as prerrogativas de BECKER (2008) para compreendermos o campo da Vila Leste e seus reformadores morais.

O protótipo do criador de regras, mas não a única variedade, como veremos, é o reformador cruzado. Ele está interessado no conteúdo das regras. As existentes não o satisfazem porque há algum mal que o perturba profundamente. Ele julga que nada pode estar certo no mundo até que se façam regras para corrigi-lo. (BECKER, 2008, p.153).

Neste cenário verificamos que tanto os “irmãos” do PCC na Vila Leste como o pastor da Igreja Evangélica de Deus são sujeitos criadores de regras, regras partem da premissa que existe um mal a ser superado e somente com a adoção de regras claras e definidas será possível a eliminação desse mal.

Se o *protótipo de reformador do criador de regras é o reformador cruzado*, Kadu é o soldado da cruzada. Sua missão é buscar manter o equilíbrio na Vila Leste, e as duas grandes redes, PCC e Pentecostais, contribuem para a missão oferecendo armas para a conquista da vitória. Para que o “mal” seja vencido pelos dois lados, o soldado Kadu busca esforços para a efetivação da cruzada.

No caso da igreja, o mal está na figura do Diabo, que busca ceifar as vidas dos “filhos de Deus” e desviá-los do “caminho da luz”; contudo, a personificação do mal na figura do Diabo também é verificada entre os “irmãos” do PCC.

É nós que tá, primeiro da capital
Ta lutando com o sistema pra acabar com esse mal

**Nóis sabemos que o diabo ta imperando aqui na terra
É pela paz que o comando faz a guerra.**
(É nós que ta. Trilha Sonora do Gueto). Grifos nossos.

Segundo a mentalidade do PCC, existe um mal a ser abolido e este, conforme salientado na música, é instrumentalizado na figura do Diabo; é justamente a perpetuação de seu reino que força o “Partido” a lutar para a produção da paz. O mesmo discurso foi analisado e registrado em diversos momentos no interior dos inúmeros cultos acompanhados na Igreja Evangélica de Deus.

Podemos constatar que o “Partido” e a igreja têm um inimigo em comum: o mal, o Diabo, e isso é um fator que contribui para a manutenção e o pertencimento de Kadu às duas redes. As formas de atuação contra esse inimigo são distintas e exigem regras próprias, e é justamente aqui que tanto o “Partido” como a igreja constroem regras para combatê-lo.

É apropriado pensar os reformadores como cruzados porque eles acreditam tipicamente que sua missão é sagrada. O defensor da Lei Seca proporciona um excelente exemplo, assim como a pessoa que quer eliminar um vício e a delinquência sexual, ou aquela que quer extirpar o jogo. (BECKER, 2008, p.153).

Os irmãos do “Partido” e os irmãos da igreja acreditam em uma missão, em uma luta contra o “mal”, em uma campanha onde suas vidas exigem disciplina e dedicação em prol da vitória. Segundo a mentalidade pentecostal da Igreja Evangélica de Deus, existe uma guerra espiritual, na qual somente com as forças e as armas da fé é possível vencer. Segundo tal mentalidade, o mundo é regido por forças espirituais, no qual a figura do Diabo é determinada como um obstáculo para aqueles que estão destinados a vencer e encontrar o caminho de “Jesus”. O Diabo é responsável por “matar, roubar e destruir”, portanto, há uma evidente guerra entre Deus e o Diabo na Terra da Vila Leste. A vitória nessa guerra exige regras e uma considerável autodisciplina. Para a igreja o general dessa guerra é Cristo, mas o comandante é o pastor João. Ele é o representante direto de Deus nesse interminável conflito, no qual a vitória será fruto de uma vida regrada segundo os princípios bíblicos enunciados em sua igreja. Desta maneira, o pastor João é o próprio reformador e a sua missão é sagrada na medida em que a sua responsabilidade é apresentar às suas “ovelhas” as armaduras da fé para a luta contra o mal.

Já os “irmãos” do PCC também identificam a sua missão enquanto sagrada; nas

diversas conversas e entrevistas com Kadu e outros “irmãos” do “Partido” constatamos um elemento discursivo recorrente, que apresenta o PCC como sendo a mais legítima arma na luta contra o mal, representado por eles como o Diabo ou como “o sistema”.

Verificamos no Estatuto do PCC elementos claros de uma cruzada contra o mal e a adoção de métodos para sua eliminação e superação; para tanto, a disciplina, a submissão aos ideais do “Partido” e a lealdade são elementos vitais para a caminhada até a “vitória”.

17. Partindo do Comando Central da Capital do KG do Estado, as diretrizes de ações organizadas simultâneas em todos os estabelecimentos penais do Estado, numa guerra sem trégua, sem fronteira, até a vitória final.

18. O importante de tudo é que ninguém nos deterá nesta luta porque a semente do Comando se espalhou por todos os Sistemas Penitenciários do estado e conseguimos nos estruturar também do lado de fora, com muitos sacrifícios e muitas perdas irreparáveis, mas nos consolidamos à nível estadual e à médio e longo prazo nos consolidaremos à nível nacional. Em coligação com o Comando Vermelho - CV e PCC iremos revolucionar o país dentro das prisões e nosso braço armado será o Terror "dos Poderosos" opressores e tiranos que usam o Anexo de Taubaté e o Bangú I do Rio de Janeiro como instrumento de vingança da sociedade na fabricação de monstros.

19. Conhecemos nossa força e a força de nossos inimigos Poderosos, mas estamos preparados, unidos e um povo unido jamais será vencido.

Neste caso, tanto a Igreja como o PCC *são produtoras de sentido* [BEGGER (1985)], as duas redes estão engajadas numa luta legítima contra o “mal”, e é essa legitimidade que oferece condições para a perpetuação da duplicidade das irmandades. Kadu não é um reformador, mas sim um sujeito que cumpre as regras que são formuladas por sujeitos que estão em um nível hierárquico acima de seu patamar nos devidos “organogramas” — seja o da igreja ou o do partido.

Para os moradores da Vila Leste, há diversas ofertas de bens salvação BOURDIEU (2007), as igrejas pentecostais não são exclusivas na produção de sentido, pois concorrem com diversas outras ofertas, entre elas as do próprio PCC. Consideramos salvação enquanto o *sentido* que essas redes oferecem à vida dos indivíduos que vivem na Vila Leste; ou seja, tanto o PCC como as igrejas pentecostais esforçam-se em apresentar saídas para as mazelas, angústias, conflitos, escassez de oportunidades e toda

sorte de limitações enfrentadas no cotidiano da periferia⁶⁶.

Cruzados morais querem, de modo típico, ajudar os que estão abaixo deles a alcançar um melhor status. Outra questão é saber se os que estão abaixo deles gostam sempre dos meios propostos para a sua salvação. (BECKER, 2008, p.155).

Essas redes fazem parte da paisagem urbana das periferias de São Paulo e são responsáveis por forjar uma cultura própria; por esta razão, podemos encontrar indícios de negligências de análises, tanto pela academia quanto pelo Poder Público. Encarar o PCC enquanto um mobilizador de sentidos, ou como Reformador Moral (BECKER, 2008), pode soar como apologia ao crime, uma vez que se construiu um estereótipo de crime organizado para essa rede.

Não desconsideramos as ações criminosas praticadas pelo PCC, ao contrário, as reconhecemos como instrumentais para a concretude de sua cruzada, pois como afirma a letra do grupo Trilha Sonora do Gueto, “é pela paz que o comando faz a guerra”. A conquista da “paz” para o PCC exige métodos apropriados, pois há a imposição de regras rígidas para os “irmãos” filiados e o cumprimento de tais regras é um dos pré-requisitos para a realização plena de sua cruzada (BECKER, 2008).

Uma consequência importante de uma cruzada bem-sucedida, claro, é o estabelecimento de uma nova regra ou conjunto de regras, em geral concomitante à criação de mecanismos apropriados de imposição. (BECKER, 2008, p.158).

As igrejas pentecostais e o PCC refletem a complexa tecedura da cultura urbana e periférica, oferecem sentido de ser e viver nas periferias, agregam valores e reforçam o elo das redes existentes. Tanto o irmão do “Partido” como o irmão da igreja é ancorado em legitimidade pelos atores da Vila Leste. Se de um lado o pastor demoniza o PCC, por outro o reforça, à medida que as ações conduzidas pelos irmãos do “Partido” são conduzidas também pelas ações do Diabo, e para Deus o que importa é o pecador e não o pecado. Por outro lado, o PCC oferece sentido aos moradores da Vila Leste, uma vez que sua missão também é o combate contra o mal. Nesse jogo do bem contra o mal, Kadu, enquanto símbolo social multifacetado, mantém um pé em cada bote.

⁶⁶ FRY (1975) na década de 1970 indica como enfrentamento da aflição nas favelas do Rio de Janeiro o pentecostalismo e a umbanda.

3.2. As redes de engajamento

Machado da Silva (1993) busca compreender a questão da violência urbana no Brasil a partir de novas prerrogativas. Para o autor, *a violência urbana é uma representação de práticas e modelos de conduta subjetivamente justificados, uma construção simbólica* MISSE⁶⁷. Na Vila Leste, identificamos tanto o PCC como as igrejas pentecostais como redes de engajamento, redes responsáveis por oferecer sentido de ser, e que são legítimas e legitimadas pelos seus atores no espaço social onde atuam MACHADO DA SILVA (1993).

Ao analisar a produção sociológica de Machado da Silva, MISS⁶⁸ argumenta:

A esfera da vida cotidiana onde se desenvolve esse ordenamento se diferencia do ordenamento institucional-legal e até certo ponto o subordina à sua própria lógica. Há muito tempo que as práticas e modelos de conduta que entram na representação da violência urbana deixam de ser percebidos como <<desviantes>> ou ilegítimos, embora não sejam incorporados na ordem institucional legal. **Aqui Machado avança na hipótese de <<diferenciação e coexistência de duas ordens legítimas disputando âmbitos da vida social>>**⁶⁹. MISS⁷⁰.

É nesse cenário que encontramos alicerces que justificam a realidade da Vila Leste. De um lado, igrejas pentecostais e de outro o PCC, ambos constituindo-se em redes de engajamento, uma vez que colaboram em dar sentido ao cotidiano da Vila Leste. O sentido em questão foi e é evidenciado tanto no estatuto do PCC como nas palavras do pastor João.

De um lado a igreja busca a salvação dos indivíduos oferecendo conforto espiritual, de outro o PCC busca manter o equilíbrio e a paz na Vila Leste, e ambos são legitimados pelos seus moradores. Para o “Partido”, a legitimação ocorre na medida em que atua enquanto um agente regulador dos conflitos internos e isso pode ser constatado nas falas de diversos moradores⁷¹ e na própria música do grupo Trilha Sonora do Gueto.

Ja cantei, vou deixar o espaço pra pensar.
Pcc é ilegal, mas presente sempre ta.
E o governo que é legal, que a gente nunca vê.

⁶⁷Fonte de acesso: www.necvu.ifcs.ufrj.br/arquivos/Sobre%20a%20sociabilidade%20violenta%20de%20Machado.pdf. Acesso em 13 julho de 2013.

⁶⁸ Idem.

⁶⁹ Grifos nossos.

⁷⁰ Ibidem.

⁷¹ Ver capítulo I.

Quando precisa de um remédio pra sobreviver.
 Adivinha quem que ta, sempre pronto pra ajudar.
 Os menino do Marcola, do Fernando Beira-mar
 Fica aí a questão quem que é mais ladrão
 Quem governa o país ou quem te mostra um oitão
 (É nós que ta. Trilha Sonora do Gueto). Grifos nossos.

Kadu é o sujeito que tem a legitimação das duas redes de engajamento, é ele quem transita entre ambas sem que este trânsito ofereça um curto-circuito no cotidiano da Vila Leste. Sua dupla irmandade somente pode ocorrer a partir da dupla legitimação das redes das quais faz parte. Tanto os pentecostais como o PCC são produtores de sentido [BERGER (1985)], e os sentidos produzidos por essas redes de engajamento mantêm o equilíbrio da Vila Leste.

Encerramos com um quadro comparativo entre pentecostais e PCC. O propósito desta comparação é ombrear as duas redes de engajamento de modo que compreendamos suas aproximações. Embora existam esforços para que cada uma das redes seja vista como estanque, na Vila Leste a permeabilidade entre ambas é uma característica determinante. Kadu é um modelo dessa permeabilidade, e sua dupla irmandade atravessa as redes que aparentemente se antagonizam, mas que revelam sua permeabilidade no cotidiano social da Vila Leste.

	Pentecostais	PCC
Texto Sagrado	Bíblia	Estatuto
Batismo	Mediante a confissão de Cristo e através de imersão nas águas, marcado por ritos de entrada, agregação e saída. Ocorre variavelmente em um sítio onde se celebra com a família e integrantes da igreja. O batismo é a voluntária confirmação dos novos convertidos.	Mediante a confissão do Estatuto e Lealdade aos princípios do “Partido”; segundo Kadu há alterações nos atuais batismos, mas sempre que possível é marcado por ritos de entrada, agregação e saída. No caso de Kadu ocorreu em um sítio com a presença de diversos irmãos que testemunharam seu batismo e o juramento ao Estatuto.
Controle Financeiro	Os dízimos se constituem obrigação mediante as orientações bíblicas e as ofertas são voluntárias.	Mensalidade obrigatória dos irmãos para manutenção do partido e auxílio jurídico e social às famílias dos presos, conforme previsto no Estatuto.
Sexualidade	Sexo permitido somente depois do casamento e em relações heterossexuais, repressão a práticas homossexuais.	Práticas sexuais anteriores ao casamento não são proibidas, repressão a práticas homossexuais.
Linguagem	O termo irmão é o que confirma o pertencimento ao grupo	Idem
Regras de	Observação de condutas, convite à entrega da vida	Observação de condutas, convite a ser

inclusão	aos cumprimentos de Jesus Cristo e batismo para assegurar a salvação.	primo e depois da confirmação dos requisitos prévios, o indivíduo é convidado ao batismo e torna-se irmão.
Regras de exclusão	Não Observada na igreja estudada	Descumprimento do Estatuto.
“Perdas”	Custo do dízimo e custo do tempo dedicado	Custo da mensalidade e custo de tempo dedicado
“Benefícios”	Intercâmbios sociais, rede de organização mútua.	Intercâmbios sociais, rede de organização mútua
Exigências diferenciadas	Conduta moral muito fechada, muitos tabus; moral severa, rompimento com a rede de parentesco.	Conduta moral fechada, segundo o Estatuto, rompimento com a rede de parentesco

Considerações finais.

Como vimos no decorrer deste trabalho, a conversão de membros do PCC ao pentecostalismo é uma realidade do cotidiano tanto da Vila Leste, como de diversas periferias de São Paulo. Pentecostais e PCC, embora aparentemente estanques, convivem no mesmo cenário social e suas propostas também assemelham-se, sendo esta, uma das condições do trânsito entre estas duas redes de engajamento.

A figura de Kadu é o modelo do movimento, da circulação e da permeabilidade entre estas duas redes, também é o modelo de movimento e mudança no interior do próprio pentecostalismo.

Com Kadu podemos lançar inferências sobre as insuficiências teóricas e metodológicas que sustentem os estudos sobre o pentecostalismo. A manutenção de modelos analíticos fixos e imóveis é um risco que não permite a compreensão da realidade da Vila Leste.

O Pentecostalismo, negligenciado pela academia por décadas volta a ser a preocupação da Sociologia da Religião, Sociologia da Violência, Ciências Sociais e outras Ciências Aplicadas. A não observância do movimento das periferias e de suas redes de engajamento causou estranheza em momentos diversos que apresentei esta pesquisa. Pensar no pentecostalismo é pensar no ascetismo e na negação, no crente, no terno, na gravata e na bíblia embaixo do braço. Esta é a definição que sustentou os pentecostais. Enquanto esta noção genérica se sustentava, o movimento ocorria.

Se em um primeiro momento foi possível pensar que as periferias estavam sobre o controle analítico, em outro, casou espanto quando sobre a perspectiva do olhar exógeno observamos a interpenetração entre pentecostais e PCC.

O terno, a gravata e camisa social branca que definia os “crentes” lenta e gradualmente foram substituídas por roupas cada vez menos rígidas. Na Vila Leste, tais roupas podem até aparecer, mas não são frequentes. Até porque, Kadu utiliza camisetas largas, calças folgadas e tênis de basquete, em sua casa as músicas são quase sempre um rap e palavrões são convencionais.

Uma certeza que podemos sustentar: o pentecostalismo mudou. E muito. Tal mudança foi observada no interior do processo da conversão. Observamos dois grandes paradigmas analíticos, o paulino e um processual. A sustentação de um outro olhar sobre a conversão de pentecostais é a própria legitimação da mudança.

Durante décadas, as categorias definidoras sobre os pentecostais eram totalizantes, a conversão religiosa pautava-se sempre em uma característica que exigia um forte apelo emocional, passividade e renúncia absoluta do converso. A conversão religiosa a partir do olhar dos próprios pentecostais era o resultado de uma crise e um radical processo de mudança e renúncia. O consumo de álcool e cigarros era banido, a gramática substituída por Glória a Deus e Aleluia e as vestimentas pelas descrições já mencionadas acima.

Essa perspectiva sustenta-se a partir do modelo da conversão de Paulo na Estrada de Damasco e relatada no livro de Atos dos Apóstolos. A própria sociologia da religião fundamentou-se sobre tal perspectiva.

A partir da década de 70 do século passado, assistimos uma série de análises inovadoras sobre a conversão religiosa. Estas, fundamentam-se em processos e não mais em um evento catalizador de uma crise emocional. Os novos modelos teóricos ofereceram-nos ferramentas para analisar o processo da conversão de Kadu ao pentecostalismo, seu batismo e a sua dupla irmandade. Sua conversão, conforme o capítulo III não é resultante de uma crise, mas sim, de uma escolha.

A conversão de Kadu ao pentecostalismo foi observada a partir das prerrogativas de RAMBO & FARHADIAN (1999). Vimos os estágios de conversão e como estes foram capazes de justificar a manutenção da irmandade de Kadu com o PCC.

Tanto PCC como Pentecostais são produtores de sentido [BERGER (1985)], e tal sentido é o responsável pelo equilíbrio na Vila Leste. O cotidiano nas periferias exige que os indivíduos que ali residem sejam aptos a conviver com os diversos reformadores morais (BECKER, 2008). PCC e pastores pentecostais são reformadores morais a medida que propõe regras e métodos para que tais regras seja cumpridas. Neste caso, Kadu não é reformador por nenhuma destas redes, mas sim, um instrumento da reforma moral apresentada por ambas.

Na igreja, Kadu é diácono, função que exige compromisso e profundidade de fé, no “Partido” ele é responsável pelo equilíbrio das tensões na Vila Leste, ou seja, Kadu legitima e é legitimado pelas duas redes.

Tanto o PCC como o Pentecostalismo atuam como redes de engajamento, pois engajam os indivíduos e oferecem sentido do ser e do viver nas periferias, portanto, não são estanques, mas sim permeáveis. Neste caso, estamos lidando com um tipo específico de pentecostalismo, do qual o existente na Vila Leste é um modelo.

O pentecostalismo da permeabilidade ocorre em igrejas pequenas, não institucionalizadas, sem filiações com as grandes convenções. Os pastores deste pentecostalismo sabem que sua oferta religiosa não cobrem as diversas carências de sentido de seus membros, portanto, Kadu transita e o seu trânsito revelou o cenário de mudança e a necessidade de novas categorias analíticas para a compreensão do cruzamento entre religião e violência.

Por outro lado, não esgotamos as análises sobre o PCC exclusivamente na ótica da criminalidade, buscamos compreender como esta rede de engajamento constrói os seus sentidos. A luta contra o mal descrita na letra de rap do grupo Trilha Sonora do Gueto é um caminho do sentido. Este mesmo mal aparece com frequência cotidiana nos cultos pentecostais.

A trajetória de Kadu demonstrou um PCC extremamente ritualístico e moralista, assim como a Igreja Pentecostal de Deus. Seu primeiro batismo foi acompanhado por diversos ritos; o juramento de lealdade ao Estatuto e cumprimento com as premissas do “Partido”. O segundo batismo, este a uma igreja pentecostal, também foi acompanhado por diversos momentos ritualístico.

A soma das duas experiências de batismo, forjou a dupla irmandade de Kadu, ou o momento que o “irmão” virou “irmão”, este ato não foi acompanhado de rupturas, ao contrário, permitiu permanências do irmão do “Partido” ao pentecostalismo.

A Vila Leste, campo de pesquisa, é a ponta do iceberg onde essa dupla irmandade ocorre, pois, em diversas visitas a outras periferias constatamos a mesma realidade. Portanto, enquanto as Ciências Humanas insistiu em manter o pentecostalismo a margem da importância acadêmica, o movimento e a circularidade ocorria. A permeabilidade entre PCC e Pentecostais pode causar sim estranheza, mas não entre os moradores da Vila Leste, não ao Kadu, mas sim aos pesquisadores.

Esse fenômeno da dupla irmandade é um problema para estudiosos, e tal problema fundamentou o objeto desta pesquisa. Sabemos que a metodologia não esgota a complexidade do movimento, mas o olhar exógeno contribui para a compreensão da convivência dos porcos espinhos. Afinal, embora não estanques, as relações entre PCC e Pentecostais existem assim como os conflitos.

Referências bibliográficas

- ALENCAR, Gedeon. *Protestantismo Tupiniquim: Hipóteses da (não) contribuição evangélica à cultura brasileira*. São Paulo: Arte Editorial, 2005.
- ALMEIA, Ronaldo de. *A expansão pentecostal: circulação e flexibilidade*, in Teixeira, 2006.
- _____. *A Igreja Universal e seus demônios: um estudo etnográfico*. São Paulo, Terceiro Nome, 2009
- AMORIM, Carlos. *Assalto ao Poder*, Rio de Janeiro: Record, 2010.
- BALCH, R. Looking Bechind the Scenes in a Religious Cult: Implications for the Study of Conversion. *Sociological Analysis*. 2(41), p, 137-143, 1980.
- BECKER, Howard, S. *Outsiders: Estudos da Sociologia do Desvio*, Rio de Janeiro, Zahar, 2008.
- BEGER, Peter – O dossel sagrado – elementos para uma teoria sociológica da religião, São Paulo, Paulinas, 1985.
- BILL, MV; ATHAYDE, Celso; SOARES, Luiz Eduardo. *Cabeça de Porco*, Rio de Janeiro: Objetiva, 2005
- _____. *CV – PCC: a irmandade do crime*, Rio de Janeiro, 2011.
- BIONDI, Karina. *Junto e Misturado: Uma etnografia do PCC*. São Paulo: Terceiro Nome/Fapesp, 2010.
- BOURDIEU, Pierre. “Sobre o poder simbólico”. In: *O poder simbólico*. Lisboa: DIFEL, 1987.
- _____. Gênese e estrutura do campo religioso. In: *A Economia das Trocas Simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 2007.

CAMPOS, Leonildo Silveira. *As origens norte-americanas do pentecostalismo brasileiro*. Revista USP.

CAROZZI, Maria Julia. Tendências no estudo dos novos movimentos religiosos na América Latina: Os últimos 20 anos, *BIB – Boletim Informativo Bibliográfico*, Rio de Janeiro, n.37, p. 61-78, 1994.

CESAR, Waldo e SHAULL, Richard. *Pentecostalismo e futuro das Igrejas cristãs*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.

CORREA, Marina A.O.S. . *A operação do carisma e o exercício do poder*. A lógica dos ministérios das igrejas Assembleias de Deus no Brasil, Tese de Doutorado em Ciências da Religião, PUC-SP, 2012.

DELGADO, Jaime Silva. *Nem terno nem gravata: As mudanças na identidade pentecostal assembleiana*. Dissertação de Mestrado em Ciências Sociais, Universidade Federal do Pará. 2008.

D'EPINAY, Christian Lalive. *O Refúgio das Massas: Estudo Sociológico do Protestantismo Chileno*, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1975.

DIAS, Camila Caldeira Nunes. “Por dentro (e de dentro) do Comando: O PCC segundo o ‘nativo’”. Resenha de Junto e Misturado: uma etnografia do PCC, de Karina Biondi”. *Dilemas: Revista de Estudos de Conflito e Controle Social*, Rio de Janeiro, n.8, v.3, abr-jun. 2010, p. 159-172.

_____. Da pulverização ao monopólio da violência: Expressão e consolidação do Primeiro Comando da Capital (PCC) no sistema carcerário paulista. Tese (Doutorado em Sociologia) Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.

_____. A Igreja como refúgio e a Bíblia como esconderijo: Religião e violência na prisão: São Paulo: Humanitas, 2008.

_____. PC: Hegemonia nas prisões e monopólio da violência. São Paulo, Saraiva, 2013.

DROOGERS, André. – *Visões paradoxais de uma religião paradoxal: modelos explicativos de crescimento do pentecostalismo no Brasil e Chile*, Estudos da Religião, ano VI, no. 8, out/1992. 61-84.

FELTRAN, Gabriel de Santis. *Fronteiras de Tensão: Política e violência nas periferias de São Paulo*. São Paulo: Unesp: CEM : Cebrap, 2011.

FRY, Peter & HOWE, G. - Duas respostas à aflição umbanda e pentecostalismo. *Debate e Crítica*, no. 6, 1975.

GERRTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LCT, 1989.

HERVIEU-LÉRGER, Danièle. *O peregrino e o convertido: a religião em movimento*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

JACOB, César Romero, (Org) *Atlas da Filiação religiosa e Indicadores Sociais no Brasil*. Rio de Janeiro, PUC-RJ/Loyola/CNBB, 2003.

MACHADO DA SILVA, Luiz Antonio. Violência urbana: representação de uma ordem social. In.: NASCIMENTO, Elimar Pinheiro do & BARREIRA, Irllys Alencar F. (orgs.). *Brasil Urbano: cenários da ordem e da desordem*. Rio de Janeiro: Notrya, 1993.

_____. Sociabilidade Violenta: por uma interpretação da criminalidade contemporânea no Brasil Urbano. In: RIBEIRO, Luiz C. Queiroz (Org.). *Metrópoles: entre a coesão e a fragmentação, a cooperação e o conflito*. São Paulo: Ed. Fundação Perseu Abramo. Rio de Janeiro: Fase, 2004.

MACHADO, Maria das Dores Campos. *Carismáticos e pentecostais: adesão religiosa na esfera familiar*. Campinas, SP: Atores Associados, São Paulo: ANPOCS, 1996.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. *Festa no Pedaço*. Cultura popular, e lazer na cidade. São Paulo, Brasiliense.

MARIANO, Ricardo. *Neopentecostalismo: os pentecostais estão mudando*. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – São Paulo, USP, 1995.

_____. *Neopentecostais: Sociologia do novo pentecostalismo no Brasil*. São Paulo: Loyola, 1999.

_____. *Crescimento Pentecostal no Brasil: Fatores internos*. Revista de Estudos da Religião (REVER), SP, vol. 4, 2008, p.68-95. Disponível em: http://www.pucsp.br/rever/rv/4_2008/t_mariano.htm.

MARQUES, Adalton. Crime, proceder, convívio-seguro: Um experimento antropológico a partir de relações entre ladrões. Dissertação de mestrado. (Antropologia Social) USP, 2010.

MENDONÇA, Antonio Gouvêa. *O celeste porvir*. São Paulo: Paulinas, 1984.

MIJOLLA- Mellor, Sofhie de: *A necessidade de crer*. São Paulo: Unimarco, 2004.

MISSE, Michel. Crime urbano, sociabilidade violenta e ordem legítima: Comentários sobre as hipóteses de Machado da Silva. Disponível em <http://www.necvu.ifcs.ufrj.br/arquivos/Sobre%20a%20sociabilidade%20violenta%20de%20Machado.pdf> . Acesso em 13 out.2013.

MOASSAB, *Brasil Periferia(s): a comunicação insurgente do hip-hop*. São Paulo: EDUC,2011.

- OLIVA, Margarida. *O diabo no “Reino de Deus”*: por que proliferam as seitas? São Paulo: Musa Editoras, 1997.
- OLIVEIRA, Marco Davi de. *A religião mais negra do Brasil*: Por que mais de oito milhões de negros são pentecostais. São Paulo, mundo cristão, 2004.
- ORO, Ari Pedro. *Avanço Pentecostal e Reação Católica*. Petrópolis: Vozes, 1996.
- ORO, Ari Pedro; et alli (org.). *Igreja Universal do Reino de Deus – Os novos conquistadores da Fé*. São Paulo: Paulinas, 2003.
- RAMBO, Lewis R. *Understanding Religious Conversion*. Yale: Yale University Press., 1993.
- RAMBO, Lewis R and FARHADIAN, Charles E. *Converting : Stages of religious change*. IN: LAMB, Christopher, and BRYANT, M. Darrol. *Religious Conversion: Contemporary practices and controversies*. London and New York, first published, 1999.
- SANTOS, Willian Soares dos. *O longo caminho até Damasco*: rede de mudança e fluxo de mudança em Narrativas de Conversão Religiosa. Tese de Doutorado (Departamento de Letras), PUC-RJ, 2007.
- PERMAN, Janice E. *O Mito da Marginalidade*: favelas e políticas no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1997.
- SIQUEIRA, Vania Conselheiro. *Vidas abandonadas*: crime, violência e prisão. São Paulo: Educ: FAPESP, 2011.
- SOUZA, Sandra Duarte de. *Trânsito religioso e construções simbólicas temporárias: uma bricolagem contínua*. In Estudos de Religião. São Bernardo do Campo: Umesp, Ano XV, nº 20, junho de 2001.
- STARK, Rodney. Why Religious Movements Succeed or Fail: A Revised General Model. In: DAWSON, Lorne L. (editor). *Cults and New Religious Movements: a reader*. Oxford: Blackwell Publishing Ltd, 2003, p. 259-270.
- SNOW, D e MACHALEK, R. The Sociology of Conversion. *Annual Review of sociology*, vol.10; p. 167-194, 1994.
- TEIXEIRA, Cesar Teixeira. *A construção social do “ex-bandido”*: Um estudo sobre a sujeição criminal e pentecostalismo. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2011.
- WEBER, Max. *Ensaio de sociologia*. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1982.

_____. “Rejeições religiosas do mundo e suas direções”; “ As seitas protestantes e o espírito do capitalismo”; “ A psicologia social das religiões mundiais”. IN: GETH, H e MILLS, C. W. (orgs.) *Ensaio de Sociologia*, Rio de Janeiro, Zahar, 1982, p.309-410.

_____. *Sociologia das Religiões*. São Paulo, Ícone, 2010.

WHYTE, William Foote. *Sociedade da Esquina: a estrutura social de uma área urbana pobre e degradada*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2005.

ZALUAR, Alba. *Oito temas para debate: Violência e segurança pública*. IN: *Sociologia, Problemas e Práticas*. Nº38, 2002.

_____. *Cem anos de favela* (co-org. com Marcos Alvito). Rio de Janeiro, Ed. da FGV, 1998.

_____. “A criminalização de drogas e o reencantamento do mal”. *Revista do Rio de Janeiro – Uerj*, v. I, fasc. 1, 1993.

_____. *Integração perversa: Pobreza e tráfico de drogas*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

Referências musicais

Fim de Semana no Parque. Racionais Mc's. *Fim de Semana no Parque*. RDS Gravadora, 1994.

Tô ouvindo alguém me chamar. Racionais Mc's. *Sobrevivendo no inferno*. Casa Nostra Gravadora, 1997.

Negro Drama. Racionais Mc's. *1000 trutas, 1000 tretas*. Casa Nostra Gravadora, 2006.

O Homem na estrada. Racionais Mc's. *Fim de Semana no Parque*. RDS Gravadora, 1994.

Vida Dura. (ao vivo) Alerta Vermelho. *Kairós*. W.S.G Studio, 2010.

Fala que é nós. Trilha Sonora do Gueto, 2013.

Anexo I – Personagens da pesquisa de campo. Família de Kadu.

Seu José – Marido de dona Margarida, 66 anos na época da pesquisa de campo, natural de Minas Gerais, primeiro morador da Vila Leste junto com dona Margarida, aposentado da área de construção civil, continua trabalhando mesmo depois de aposentado. Fala pouco, mas é profundamente respeitado pelos membros da família.

Dona Margarida – Esposa de seu José, 63 anos na época da pesquisa de campo, natural de Minas Gerais, primeira moradora da Vila Leste, presenciou todas as fases da favela. Acompanhou o crescimento dos filhos e o envolvimento de seu filho Kadu no “mundo do crime”, sua inserção ao PCC e ingresso em uma igreja pentecostal. Faz parte de uma igreja evangélica, assim como boa parte dos membros da família.

Kadu – Filho de dona Margarida e seu José, nasceu em São Paulo, 38 anos na época da primeira entrevista, teve grande participação no “mundo do crime” e fez parte da membresia do PCC, converteu-se a uma igreja evangélica pentecostal e é a partir de sua conversão que se dá o eixo desta dissertação. O conceito Simbiose foi aplicado a partir de constatações das relações de Kadu com os dois mundos: “Partido” e igreja; em ambos ele não deixa de ser chamado de irmão, e sua conversão retrata o momento onde o “irmão” se torna “irmão”.

Carlos - filho de dona Margarida e seu José, natural de São Paulo, com 24 anos na época que foi entrevistado, membro de um grupo de RAP, cresceu com amigos que entraram para o “mundo do crime”. Foi testemunha de assassinatos e brigas. Retrata a inserção do PCC na favela da Vila Leste, a trajetória de seu irmão Kadu em ações do “Partido” e sua “conversão” a uma igreja pentecostal.

Denise – filha de dona Margarida e deu José, natural de São Paulo, 28 anos na época da primeira entrevista, é diaconisa e levita da mesma igreja pentecostal de sua mãe, e seus irmãos Kadu e Paulo. Retratou os momentos difíceis enfrentados pela família durante a infância na favela da Vila Leste e como era o barraco em que moravam. Casou-se e separou-se do marido pouco tempo depois.

Beto – 42 anos, amigo de Kadu, muito conhecido na Vila Leste, responsável por solucionar os conflitos ocorridos no bairro. “Irmão” do PCC há 4 anos.

Anexo II – Salve do PCC sobre inadimplência⁷²

SALVE GERAL 23.01.2012

Salve referente Dívidas

A Sintonia Geral vem através deste salve
Comunicar todos os inadimplentes que dívidas
Com o setor do PROGRESSO que arque com sua
Responsabilidade acertando sua dívida
A partir da data 20.02.2012 aqueles que não tiverem
Quitado suas dívidas atrasadas serão comunicados
dentro da nossa disciplina não será necessário
que a disciplina da região encoste em um por um
para comunicá-lo sendo assim venceu estará no prazo
no automático.

Todos sabem da sua responsabilidade e a
Inadimplência atrapalha todo o andamento da
FAMÍLIA agradecemos a atenção de todos.

ass: A SINTONIA

⁷² FONTE: <http://noticias.r7.com/sao-paulo/noticias/policia-prende-integrantes-de-facciao-criminosa-20120904.html>

Anexo III – Estatuto do PCC⁷³

1. Lealdade, respeito e solidariedade acima de tudo ao Partido.
2. A Luta pela liberdade, justiça e paz.
3. A união da Luta contra as injustiças e a opressão dentro das prisões.
4. A contribuição daqueles que estão em Liberdade com os irmãos dentro da prisão através de advogados, dinheiro, ajuda aos familiares e ação de resgate.
5. O respeito e a solidariedade a todos os membros do Partido, para que não haja conflitos internos, porque aquele que causar conflito interno dentro do Partido, tentando dividir a irmandade, será excluído e repudiado do Partido.
6. Jamais usar o Partido para resolver conflitos pessoais, contra pessoas de fora. Porque o ideal do Partido está acima de conflitos pessoais. Mas o Partido estará sempre Leal e solidário a todos os seus integrantes para que não venham a sofrerem nenhuma desigualdade ou injustiça em conflitos externos.
7. Aquele que estiver em Liberdade "bem estruturado", mas esquecer de contribuir com os irmãos que estão na cadeia, serão condenados à morte sem perdão.
8. Os integrantes do Partido tem que dar bom exemplo à serem seguidos e por isso o Partido não admite que haja assalto, estupro e extorsão dentro do Sistema.
9. O partido não admite mentiras, traição, inveja, cobiça, calúnia, egoísmo, interesse pessoal, mas sim: a verdade, a fidelidade, a hombridade, solidariedade e o interesse como ao Bem de todos, porque somos um por todos e todos por um.
10. Todo integrante tem que respeitar a ordem e a disciplina do Partido. Cada um vai receber de acordo com aquilo que fez por merecer. A opinião de Todos será ouvida e respeitada, mas a decisão final será dos fundadores do Partido.
11. O Primeiro Comando da Capital PCC fundado no ano de 1993, numa luta descomunal e incansável contra a opressão e as injustiças do Campo de concentração "anexo" à Casa

⁷³ Fonte: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/cotidiano/ult95u22521.shtml>.

de Custódia e Tratamento de Taubaté, tem como tema absoluto a "Liberdade, a Justiça e Paz"⁷⁴.

12. O partido não admite rivalidades internas, disputa do poder na Liderança do Comando, pois cada integrante do Comando sabe a função que lhe compete de acordo com sua capacidade para exercê-la.

13. Temos que permanecer unidos e organizados para evitarmos que ocorra novamente um massacre semelhante ou pior ao ocorrido na Casa de Detenção em 02 de outubro de 1992, onde 111 presos foram covardemente assassinados, massacre este que jamais será esquecido na consciência da sociedade brasileira. Porque nós do Comando vamos mudar a prática carcerária, desumana, cheia de injustiças, opressão, torturas, massacres nas prisões.

14. A prioridade do Comando no montante é pressionar o Governador do Estado à desativar aquele Campo de Concentração "anexo" à Casa de Custódia e Tratamento de Taubaté, de onde surgiu a semente e as raízes do comando, no meio de tantas lutas inglórias e a tantos sofrimentos atrozes.

16. Partindo do Comando Central da Capital do KG do Estado, as diretrizes de ações organizadas simultâneas em todos os estabelecimentos penais do Estado, numa guerra sem trégua, sem fronteira, até a vitória final.

17. O importante de tudo é que ninguém nos deterá nesta luta porque a semente do Comando se espalhou por todos os Sistemas Penitenciários do estado e conseguimos nos estruturar também do lado de fora, com muitos sacrifícios e muitas perdas irreparáveis, mas nos consolidamos à nível estadual e à médio e longo prazo nos consolidaremos à nível nacional. Em coligação com o Comando Vermelho - CV e PCC iremos revolucionar o país dentro das prisões e nosso braço armado será o Terror "dos Poderosos" opressores e tiranos que usam o Anexo de Taubaté e o Bangu I do Rio de Janeiro como instrumento de vingança da sociedade na fabricação de monstros. Conhecemos nossa força e a força de nossos inimigos Poderosos, mas estamos preparados, unidos e um povo unido jamais será vencido.

⁷⁴ ⁷⁴ Não há a inserção do lema Igualdade inserido a partir de 2003 e observado na nota 12.

LIBERDADE! JUSTIÇA! E PAZ!

Quartel General do PCC, Primeiro Comando da Capital, em coligação com Comando Vermelho CV.

UNIDOS VENCEREMOS⁷⁵

⁷⁵ Em recentes observações em campo constatamos mudanças e novos elementos no conteúdo do Estatuto, de acordo com entrevistados e com recentes documentos encontrados pela Polícia Civil..A cláusula 18 apresenta a necessidade de resistência às mortes de membros do “partido” por policiais da Rota (Rondas Ostensivas Tobias de Aguiar). De acordo com a cláusula: “vida se paga com vida”. A morte de cada membro será devolvida com a morte de um policial.

Anexo IV – Música Fala que é nós – Trilha Sonora do Gueto⁷⁶

"oh 301, 301 no qp do copom?"

"301 no qp, copom, prossiga"

"ah, positivo 301, por gentileza, av. dom pedro I, banco bradesco, segundo informações dez indivíduos armados de fuzil, quecede? eu to sem viaturas no momento de status 1 pra averiguar esse gru, tem condições do senhor encostar por lá?"

"eh, positivo copom, por gentileza dá um rp deles, desse ultimo "qruzinho" aí, que eu não entendi direito, são quantos caras armados de fuzil?"

"ah, positivo 301, dez indivíduos armados de fuzil aí, quecede?"

"ah, positivo..."

[cascão]

Fala que é nós jhow, que eu fecho com você

Tá ligado morô nêgo qual que é meu procedê

Tô ciente que assim que essa musica for pro ar

A polícia, o sistema vai mal interpretar

Mas aí, vou repetir: sou cantor e não o crime

Eu sou tipo o artista lá do filme super cine

Eu não posso ser culpado dos problema social

Sou cronista de favela, eu só narro a real

Entre eu e o conte lopes adivinha quem matou?

Você vai achar que é eu por que ele num puxou

Nem um dia de cadeia, pois matou pela polícia

Depois foi lá na tv e falou na entrevista: - eu matei só vagabundo! quem é ele pra julgar, o destino, o futuro de quem não nasceu pra lá

É sistema, sua sorte é que o povo ele não pensa

Você mata os filho dele depois volta na legenda

E aí que é pior, que eles vota em você

Você vai lá pra Brasília depois volta na TV

Trajado de social, sem a farda lá do mal

Alegando que o comando quer mandar na capital

Você pede pro datena falar mal da facção

Pra depois esse comédia ficar lá com o cú na mão

⁷⁶ Fonte de acesso: <http://letras.mus.br/trilha-sonora-do-gueto-musicas/fala-que-e-nois/>. Acessado em 17/04/2013. A música esta em versão original conforme acessado no site. Desconsideramos os erros ortográficos para não alterar descaracterizar os objetivos do autor.

Cê num fala que é pra ele avisar para o meu povo
Que a saúde e o lazer, a cultura lá do morro
É bancada pelo tio, o biroasca, pcc, o marquinho bela vista e o bora vai dizer que o chará da zona
leste, o daila do jacira também tá na mesma luta e liga os homem lá que vira
Ele é foda, terrorista com o seu fuzil na mão
Representando o 15 al-qaeda do capão
O zé carlos, zona leste, corinthiano é meu irmão
Tava comigo na treta contra o coisa geleião
Só pra você se ligar vô te dar um papo reto
O bagueio aqui é doido, é o certo pelo certo
[refrão]
É nós que tá, primeiro da capital
Tá lutando com o sistema pra acabar com esse mal
Nós sabemos que o diabo tá imperando aqui na terra
É pela paz que o comando faz a guerra
É nós que tá, primeiro da capital
Tá lutando com o sistema pra acabar com esse mal
Nós sabemos que o diabo tá imperando aqui na terra
É pela paz que o comando faz a guerra
Da caverna os cmm manda um salve pra geral
Devagar e na cautela venceremos esse mal
Nossa luta é em prol paz, justiça e liberdade
Os atentado é pra mostrar que o comando é de verdade
Eu vou citar umas quebrada que o 15 imperou:
Carambola de osasco, marcelinho do centro,
O dunguis da zl, magnata de cara cassete
Lá os fura também tá tudo pronto pro revide
O sistema tá ligado que o comando tá crescendo
Que a cada dia mais armado, nós não tá podendo
Se cansamo de ficar vendo a polícia matar
E no dia dos finado nosso povo ir chorar
Também morre quem atira nós apenas ensinou
A tomada da baixada resgatamos o gordo
O shampoo da zona norte, o chico branco e o Samara
Tomou aparecidinha de oitão e de quadrada
Esculhachou toda a polícia e guentou as viatura
Nós é foda, o 15 armado, tá ligado, quem segura?

Tiaguinho da matraca la da mauro, o rubão
Quem conhece ta ligado la da mooca, o negão
O turim, o turdim, o marcinho quem citou
Que no bonde bela vista rapidinho eles fechou
So lembrando de citar que esses salve é pra você
Companheiro que é leal com o nosso PCC
Que saiu de são paulo, migrou para os estado
E o governo fica achando que nós somos os coitados
Somos aqui no brasil consequencia do ramaiz
Da al-qaeda, da camorra, das farc, dos fartac
O edinho, cangaíba, me ligou numa missão
Pra cantar pra mulecada la do morro dos irmão
O alex do duquinha e o pata me chamou
Na colônia la de franco pra morar com o cupô
O rafinha e o dinho la do vaz, revolução
Ta fechando com o 15, firme na conexão
É o morro da macumba, o paulinho e o cabelo
Ta ligado nos predinho, doido, é daquele jeito
Viatura sai de ré, quando vê os fura neh
É o 15 3 3 tá ligado né mané
[refrão]

É nós que tá, primeiro da capital
Ta lutando com o sistema pra acabar com esse mal
Nóis sabemos que o diabo ta imperando aqui na terra
É pela paz que o comando faz a guerra
É nós que tá, primeiro da capital
Ta lutando com o sistema pra acabar com esse mal
Nóis sabemos que o diabo ta imperando aqui na terra
É pela paz que o comando faz a guerra
Olha só que baguio loco, tudo o que aqui cantei
O governo finge que não sabe do que eu narrei
Ta ligado que o comando só impera o seu doutor
Dentro das nossas favelas que vocês abandonou
Vocês pegaram o dinheiro que era da educação,
Da cultura, da saúde e transformou em mensalão
Mesmo que vocês não queira o comando vai mostrar
Que ladrão e salafrário reside em Brasília

Beira-mar e marcola cêis iscracha na TV
Eu não vejo diferença na quadrilha do PC
De gravata, deputado, disfarçado de prefeito
Rouba na licitação, rouba torto e direito
O perigo aqui não tá ni quem porta um fuzil
Gente de terno e gravata tá matando o brasilQ
uando rouba o dinheiro da saúde, coisa e tal
Tem idoso e criança morrendo no hospital
Nessa hora que eu te falo que nasceu o PCC
Varios manos que é mente pensante pronto pra morrer
Ou matar pra mostrar que o tal dos governantes
Ta querendo exterminar com nossos filhos de Gandhi
Ja cantei, vou deixar o espaço pra pensar
Pcc é ilegal, mas presente sempre tá
E o governo que é legal, que a gente nunca vê
Quando precisa de um remédio pra sobreviver
Adivinha quem que tá, sempre pronto pra ajudar
Os menino do marcola, do fernando beira-mar
Fica aí a questão quem que é mais ladrão
Quem governa o país ou quem te mostra um oitão
[refrão]
É nós que tá, primeiro da capital
Ta lutando com o sistema pra acabar com esse mal
Nós sabemos que o diabo tá imperando aqui na terra
É pela paz que o comando faz a guerra
É nós que tá, primeiro da capital
Ta lutando com o sistema pra acabar com esse mal
Nós sabemos que o diabo tá imperando aqui na terra
É pela paz que o comando faz a guerra
Pode crer, mais uma vez o gueto
voz do gueto quer falar
Infelizmente, sobrou pra nós, do movimento rap
Mas aê, os governantes, os governo
Pega os nosso dinheiro, dos nossos impostos
Que era pra ser convertido em melhoria
E infelizmente na periferia o único braço que alcançaÉ
o braço da repressão, da polícia. o braço da saúde,

Da cultura, da educação, de dias melhores pro gueto
Que votaram em vocês e colocaram vocês em Brasília não alcança o gueto. vocês só manda pro gueto o braço da repressão
E nós ainda tem que ficar gueto, não pode fazer protesto
Se não cêis tá ligado como é que funciona
Os cara manda o choque, mas no dia da eleição, eles não manda o choque, eles vem com palanque todo arrumadinho
E quer que cê vota nele
Vamo se ligar gueto, vamo se ligar
Vamos se ligar por que senão o gueto chora
O gueto chora, o gueto chora...
É nós que tá, primeiro da capital
Tá lutando com o sistema pra acabar com esse mal
Nós sabemos que o diabo tá imperando aqui na terra
É pela paz que o comando faz a guerra
É nós que tá, primeiro da capital
Tá lutando com o sistema pra acabar com esse mal
Nós sabemos que o diabo tá imperando aqui na terra
É pela paz que o comando faz a guerra...

Anexo IV

Rappers ex-detentos defendem PCC como grupo de resistência⁷⁷

Um fez música mandando "salve" para integrantes do PCC. Outro foi convidado várias vezes para entrar para a facção, mas negou em nome do rap. Respectivamente, os rappers Cascão e Dexter são ex-presidiários e testemunhas do surgimento do Primeiro Comando da Capital.

Os dois falaram com o UOL sobre a atual onda de violência no Estado de São Paulo, trazendo o ponto de vista de quem vive na periferia e sente na pele o clima de tensão.

Cerca de 100 policiais foram mortos desde o começo do ano em ataques atribuídos ao grupo criminoso que nasceu nas penitenciárias. Muitos apontam como o estopim do conflito o dia 28 de maio, quando uma ação da Polícia Militar terminou com seis homens mortos, supostamente todos integrantes do PCC.

O revide não demorou, e grupos de extermínio passaram a agir nos subúrbios da Grande São Paulo, levando pânico à sociedade civil. Resultado: o número de homicídios dolosos (com intenção de matar) em 2012 ultrapassou os de 2011 no final de outubro.

"Eu tenho medo quando vejo viaturas. A polícia do meu país não me traz segurança alguma", afirma Dexter, 39 anos, 13 deles atrás das grades, o que o transforma em alvo potencial de quem sai à noite em carros escuros atrás de quem tem passagem por prisões.

Por seu lado, Cascão tem 40 anos de vida, 15 no crime e oito na cadeia. Começou a compor música na prisão, após receber apoio de Mano Brown, líder dos Racionais MCs, o grupo mais famoso do gênero.

Neste ano, Cascão, que lidera o grupo Trilha Sonora do Gueto, lançou a música "Fala que é Nós", em que faz uma ode ao PCC. "Os atentado é pra mostrar que o comando é de verdade/O sistema tá ligado que o comando tá crescendo/Que a cada dia mais armado, nós não tá podendo/Se cansamos de ficar vendo a polícia matar", é um dos trechos da letra.

⁷⁷ Fonte: <http://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2012/12/07/rappers-ex-presidiarios-defendem-pcc-como-grupo-de-resistencia.htm>. Acessado em 08/12/2012.

Além disso, Cascão cita vários líderes da facção na música. "São caras que eu conheço. Quando eu escrevi a letra, eles autorizaram que eu colocasse os nomes. Muitos até pediram", conta o rapper. Ele diz que mantém cautela durante estes dias de violência na Grande São Paulo.

Para Cascão, o PCC é um Hamas (agremiação política palestina) que nasceu nos presídios. "São pessoas que lutam contra as patifarias do sistema", afirmou.

Já Dexter, compara a facção ao MST (Movimento dos Sem-Terra). "São formas de organização do povo, para reivindicar direitos". Tanto Cascão como Dexter defendem que o PCC ajudou a pacificar as penitenciárias e os bairros periféricos. Os dois opinam isso a partir da experiência de vida atrás e fora das grades.

Os dois rappers dão a visão da periferia de um tema que preocupa a população paulistana: o ressurgimento do conflito entre a facção PCC e as forças públicas, com muitas baixas de gente inocente dentre execuções, atentados e chacinas.